

EDUCAÇÃO ADVENTISTA

FILOSOFIA

DA EDUCAÇÃO

ADVENTISTA



GEORGE R. KNIGHT

Editorial**3 Uma educação diferenciada**

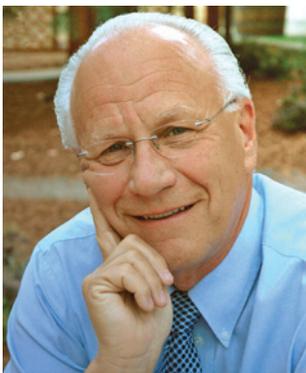
Luis A. Schulz

Filosofia da Educação Adventista*

George R. Knight

4 Parte I**Fundamentação filosófica****24 Parte II****Implicações da Filosofia na Educação Adventista****42 Parte III****Implicações da Filosofia para a Educação Adventista (continuação)**

*Este artigo sobre a Filosofia da Educação Adventista, dividido em três seções, foi submetido à revisão de pares.



Dr. George R. Knight atuou como professor do ensino fundamental, médio e universitário. Também serviu à Igreja Adventista do Sétimo Dia como administrador de escola e pastor. Escreveu amplamente nas áreas da filosofia educacional adventista, história da educação adventista e da igreja. Aposentado, mas ainda escrevendo e falando em convenções e congressos, reside em Rogue River, Oregon, EUA.

DIRETORA EDITORIAL

Beverly J. Robinson-Rumble

DIRETOR ASSOCIADO

Luis A. Schulz

ASSESSORES

Lisa M. Beardsley**Ben Schoun****Ella Simmons**

DIVISÃO DA ÁFRICA MERIDIONAL-OCEANO ÍNDICO

Ellah Kamwendo

DIVISÃO AFRICANA OCIDENTAL

Andrew Mutero

DIVISÃO AFRICANA ORIENTAL

Chiemela Ikonne

DIVISÃO EURO-AFRICANA

Barna Magyarosi

DIVISÃO EURO-ASIÁTICA

Banislav Mirilov

DIVISÃO INTERAMERICANA

Gamaliel Florez

DIVISÃO NORTE-AMERICANA

Larry Blackmer

DIVISÃO ÁSIA-PACÍFICO NORTE

Chek Yat Phoon

DIVISÃO ÁSIA-PACÍFICO SUL

Lawrence Domingo

DIVISÃO SUL-AMERICANA

Edgard Leonel Luz

DIVISÃO SUL-ASIÁTICA

G. Nageshwara Rao

DIVISÃO PACÍFICO SUL

Malcolm Coulson

DIVISÃO TRANSEUROPEIA

Daniel Duda

DIAGRAMAÇÃO

Glen Milam

A REVISTA EDUCAÇÃO ADVENTISTA publica artigos sobre temas de interesse para os educadores adventistas. As opiniões dos colaboradores não representam necessariamente as ideias dos editores ou a posição oficial do Departamento de Educação da Associação Geral.

A REVISTA EDUCAÇÃO ADVENTISTA é publicada pelo Departamento de Educação da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904-6600, EUA; telefone: (301) 680-5062; fax: (301) 622-9627.

Copyright © 2012
 Associação Geral dos
 Adventistas do Sétimo Dia.



Luis A. Schulz

Uma educação diferenciada

Nesta edição especial da *Revista Educação Adventista*, queremos apresentar aos docentes de nosso sistema educacional um tema que consideramos de vital importância para que as aulas e atividades em cada escola, faculdade, seminário ou universidade estejam ancoradas na sólida filosofia da educação adventista, dando-lhes uma identidade peculiar.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia patrocina e opera um dos maiores sistemas de ensino particular do mundo, sendo que um dos fatores estratégicos que mais ajudam a fortalecer sua unidade e integridade é a compreensão clara da filosofia da educação adventista e uma integração equilibrada desta à vivência educacional.

Essa filosofia da educação adventista que está agora diante de nós, compartilhada neste número especial da *Revista Educação Adventista*, não poderia ter sido escrita se Ellen White não houvesse existido. A filosofia da educação adventista constitui outro exemplo de como Ellen White cumpriu com a descrição de sua tarefa: “Confortar o povo de Deus e corrigir os que se desviam da verdade da Bíblia.” Nós podemos revisar as várias filosofias de educação, desde Platão à mais contemporânea, mas em nenhuma outra proposta filosófica, encontraremos algo parecido com esta declaração. Todas as outras teorias são, na melhor das hipóteses, apenas vislumbres parciais da verdade em um vasto oceano de contradições. Ellen White nos ofereceu algo único quando ela desenvolveu os conceitos de sua cosmovisão filosófica sobre a educação adventista: começou com um princípio teológico que determinou tudo o que ela escreveu sobre a mesma.

Embora nossa revista tenda a apresentar temas puramente práticos, consideramos ser imprescindível que cada professor dedique tempo para a leitura e reflexão dos três artigos do Dr. George R. Knight sobre a Filosofia da Educação Adventista. O autor faz, em cada seção, um resumo dos temas apresentados com maior profundidade em seus livros intitulados *Filosofia e Educação: Uma Introdução na Perspectiva Cristã* e *Myths in Adventism: An Interpretive Study of Ellen White, Education, and Related Issues*.

A primeira seção é dedicada à educação redentora. Nela se examina a importância do tema. É descrito o modelo básico que a filosofia adota em termos de realidade (metafísica), verdade (epistemologia) e valores éticos e estéticos (axiologia). Também fornece

uma abordagem bíblica para cada uma dessas questões filosóficas a fim de estabelecer a base da cosmovisão que possuímos, a qual é única e insubstituível na construção de uma abordagem genuína da educação adventista.

Com base no fundamento filosófico que nos distingue como educadores adventistas, na segunda seção o autor desenvolve as implicações dessa perspectiva bíblica filosófica na prática educativa, com particular ênfase sobre o que ela tem a ver com a natureza e as necessidades do estudante. Também destaca os objetivos da educação adventista, bem como o papel ministerial do professor.

Finalmente, a terceira seção desenvolve a análise que apoia a criação de um currículo que possa irradiar de forma prática as crenças filosóficas que nos identificam, juntamente com a descrição do impacto sobre as metodologias de ensino e da função social das instituições educacionais adventistas, independentemente do nível, localização geográfica ou tamanho. Este enfoque bíblico não só tira dúvidas ou resolve problemas relacionados ao trabalho educacional, mas também consolida a identidade adventista que cada professor deve transmitir no decorrer de suas aulas, para integrar a fé ao processo de ensino-aprendizagem em toda sua vida profissional.

Dessa forma, fecha-se o círculo sagrado da educação adventista no qual, sem dúvida, todo educador deve ser um pilar sólido. Para que o educador seja um pilar, ele deve ser fiel na implementação da filosofia educacional adventista, porque esta constitui o fundamento de toda instituição de ensino pertencente à vasta rede global da educação adventista. Não importa se o professor está na montanha ou na planície, próximo ao mar ou em uma cidade grande, seu trabalho embasado na mesma filosofia será coroado com os frutos da educação que resgata. Este é o maior privilégio de um educador e também sua maior satisfação, pois transcende o que é terreno e eleva-se às alturas do céu.

Deus abençoe a cada educador adventista. “Que Deus... faça resplandecer o Seu rosto sobre nós, para que sejam conhecidos na terra os Teus caminhos, a Tua salvação” (Salmo 67:1, 2; NVI).

Dr. Luis A. Schulz, Diretor Associado do Departamento de Educação da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, Silver Spring, Maryland, EUA. Também é editor associado da *Revista Educação Adventista para as edições internacionais*.

E D U C A Ç Ã O

R E D E N T O R A

P a r t e I



G E O R G E R . K N I G H T

Por que estudar filosofia da educação? Afinal de contas, o tempo é curto, e há muitas coisas práticas para aprender. Por que desperdiçar horas preciosas com algo que parece tão impalpável e inútil? Essas são perguntas importantes que me trazem à lembrança inúmeras leis que governam o mundo. O mundo, como sabemos, está repleto de leis, tanto físicas quanto sociais. Tenho colecionado essas leis esclarecedoras por alguns anos.

Peguemos, por exemplo, a lei de Schmidt: “Se você mexer com uma coisa por muito tempo, ela vai se quebrar.” Ou a lei de Weiler: “Nada é impossível para o homem que não tem que fazê-lo sozinho.” Há também a lei de Jones: “A pessoa que sorri quando as coisas dão errado já encontrou alguém em quem colocar a culpa.” Naturalmente, não poderíamos esquecer a lei de Boob: “Você sempre encontra algo no último lugar em que o procura.”

Tendo sido iluminado pela sabedoria de tais leis, finalmente decidi tentar formular a minha própria lei, desenvolvendo por mim mesmo alguma sagacidade enigmática e esotérica.

O resultado: a lei de Knight, com dois corolários. Simplificando, a lei de Knight afirma: “É impossível chegar ao destino a menos que você saiba para onde está indo.” Corolário número 1: “Uma escola (ou professor) que não chega nem perto de atingir seus objetivos acabará perdendo seu apoio.” Corolário número 2: “Só pensamos quando dói.”

Essas “pérolas de sabedoria” foram criadas quando eu era um jovem professor de filosofia educacional. Naquela época, cheguei à conclusão de algo em que ainda acredito: uma boa filosofia da educação é o item mais útil e prático no repertório de um professor. Isso é verdade, em parte porque a filosofia lida com as questões mais básicas da vida, tais como a natureza da realidade, da verdade e do valor. Intimamente relacionado com a filosofia, está o conceito de visão de mundo que, “em geral, [...] refere-se à interpretação que a pessoa tem da realidade e à sua visão básica da vida.”¹

As crenças das pessoas sobre as questões filosóficas da realidade, verdade e valor vão determinar tudo o que elas fizerem, tanto no aspecto pessoal quanto profissional da vida. Sem uma posição filosófica distintiva sobre essas três categorias da vida, uma pessoa ou grupo não pode tomar decisões, formar um currículo ou

avaliar seu progresso institucional ou individual. Com uma filosofia conscientemente escolhida, no entanto, uma pessoa ou grupo pode definir metas a ser alcançadas e selecionar linhas de ação para atingir essas metas.

Naturalmente, um ser humano pode optar por apenas vagar sem rumo pela vida e por sua carreira docente profissional, ou pode agir com base na decisão de outra pessoa. A primeira dessas opções, se levada a sério, sugere uma crença filosófica de que a vida em si é sem rumo e sem fins claramente definidos. A segunda opção pode levar uma pessoa a atuar sob uma filosofia de educação bem pensada, mas com um resultado desconcertante por ter sido conduzida na direção errada.

Gostaria de sugerir que uma filosofia de educação consciente e pensada não é apenas a aquisição mais prática de um educador, mas também sua aquisição mais importante. Ellen White (1827-1915), líder do pensamento profético adventista do sétimo dia, sustentava o mesmo ponto de vista. “Por uma concepção falsa da verdadeira natureza e objetivo da educação”, escreveu, “muitos têm sido levados a erros sérios e mesmo fatais [*eternamente fatais*, no contexto geral de seus escritos]. Tal engano é cometido quando a ordenação do coração, ou seja, o estabelecimento de princípios, é negligenciado no esforço por conseguir a cultura intelectual ou quando interesses eternos ficam sem consideração no ávido desejo de regalias temporais.”²

Dentro desse mesmo tema, ela escreveu: “A necessidade de estabelecer escolas cristãs é-me apresentada com muita insistência. Nas escolas de hoje, ensinam-se muitas coisas que são mais um empecilho do que um benefício. Há necessidade de escolas em que se faça da Palavra de Deus a base da educação. Satanás é o grande inimigo de Deus, e seu constante desígnio é afastar as almas de sua lealdade ao Rei do Céu. Quer que as mentes sejam educadas de tal modo que homens e mulheres exerçam sua influência do lado do erro e da corrupção moral, em vez de usar seus talentos no serviço de Deus. Seu objetivo é, de fato, alcançado quando, pervertendo as suas ideias acerca da educação, consegue atrair para o seu lado a pais e mestres; pois uma educação errônea coloca frequentemente a inteligência na senda da incredulidade.”³ São tais pensamentos que levaram várias denominações cristãs ao longo da história, incluindo a Igreja Adventista do Sétimo Dia, a dedicar grande esforço para

estabelecer suas próprias escolas. O senso de urgência se impõe com a convicção dos adventistas de que cada um dos filhos da igreja está inserido (bem como a própria igreja) no meio de uma grande luta entre o bem e o mal. Portanto, a igreja atuou de forma proativa a fim de estabelecer um sistema educacional alicerçado não apenas na compreensão cristã geral de realidade, verdade e valor, mas em uma compreensão que também reflita distintivamente as compreensões adventistas.

Em virtude do empenho por estabelecer ideias básicas, que levaram à criação e funcionamento de escolas adventistas do sétimo dia, existe o campo de uma filosofia educacional adventista. É claro que abordar as ideias básicas é apenas parte da tarefa. Outros aspectos incluem práticas de desenvolvimento em harmonia com as compreensões fundamentais, e a implementação dessas práticas na vida da escola. Esses dois objetivos estão sob o guarda-chuva da filosofia educacional. Implementar o aspecto prático é responsabilidade do educador, após este pensar conscientemente não só em suas crenças básicas, mas também pensar no modo como essas crenças podem e devem impactar sua vida diária e sua prática profissional.

Antes de passar para uma discussão sobre as questões básicas da filosofia, é importante ressaltar que uma filosofia da educação envolve muito mais que uma filosofia de escolaridade. As escolas são apenas um aspecto do sistema de ensino de qualquer grupo social. A família, a mídia, o grupo de colegas e a igreja também compartilham a responsabilidade de educar a próxima geração, sendo que a família exerce o papel dominante. Esse fato deve ser reconhecido, muito embora o presente estudo use categorias que são mais frequentemente associadas à escola. Mas as ideias aqui compartilhadas são igualmente importantes para educadores da igreja e da família, assim como para os professores na escola. A melhor experiência educacional, é claro, acontece quando pais, professores e líderes da igreja partilham as mesmas preocupações e proporcionam um ambiente de aprendizagem em que cada aluno experimenta uma educação unificada, em vez de uma educação esquizofrênica na qual todos os educadores defendem pontos de vista diferentes. Com isso em mente, não é por acaso que os adventistas do sétimo dia tenham dispensado tanto esforço para estabelecer um sistema que atualmente tem quase 8.000 escolas.

A filosofia lida com as questões mais básicas enfrentadas pelos seres humanos. O conteúdo da filosofia é mais bem compreendido quando o enfoque está em “fazer perguntas” em vez de “fornecer respostas”.

Sistemas diferentes de ensino têm diferentes metas. Essas metas, por sua vez, são baseadas em diferentes filosofias de educação. Com esse pensamento em mente, vamos examinar as questões básicas da filosofia. Em seguida, vamos procurar visualizar a compreensão cristã/adventista dessas questões. Por último, vamos analisar as práticas de ensino que surgem dessas compreensões.

Questões filosóficas e a relevância para a Educação

A filosofia lida com as questões mais básicas enfrentadas pelos seres humanos. O conteúdo da filosofia é mais bem compreendido quando o enfoque está em “fazer perguntas” em vez de “fornecer respostas”. Pode até mesmo ser afirmado que filosofia é o *estudo das perguntas*. Van Cleve Morris observou que o ponto central da questão reside em fazer as perguntas “certas”. Por “certas”, ele quer dizer perguntas significativas e relevantes – o tipo de perguntas para as quais as pessoas realmente querem respostas, sendo que essas questões vão fazer a diferença no modo de as pessoas viverem e trabalharem.⁴

O conteúdo filosófico tem sido organizado em torno de três categorias fundamentais:

1. *Metafísica* – estudo de questões relativas à natureza da realidade.
2. *Epistemologia* – estudo da natureza da verdade e do conhecimento, e como são atingidos e avaliados.
3. *Axiologia* – estudo da questão do valor.

Sem uma filosofia distintiva da realidade, da verdade e do valor, uma pessoa ou grupo não pode tomar decisões inteligentes para sua vida individual nem para o desenvolvimento de um sistema educacional.

As questões abordadas pela filosofia são tão básicas que não há como escapar delas. Como resultado, todos nós, compreendendo conscientemente nossas posições filosóficas ou não, conduzimos a vida pessoal e coletivamente com base nas “respostas” às perguntas básicas da vida.

Não há nenhuma tomada de decisão que não se relacione às questões da realidade, da verdade e do valor. Em resumo: *a filosofia dirige a tomada de decisão*. Apenas por essa razão, o estudo das questões fundamentais de filosofia é importante. Afinal de contas, é melhor agir com entendimento do que vagar pela vida na ignorância dos fatores que moldam nossas escolhas.

Tendo em vista a importância de compreender as questões básicas, a seguir descreveremos

brevemente as três categorias filosóficas principais. Depois passaremos para uma perspectiva adventista sobre cada uma.

METAFÍSICA

Uma das categorias filosóficas básicas é a metafísica. É um termo que vem de duas palavras gregas que significam “além da física”. Dessa forma, metafísica é o ramo da filosofia que lida com a natureza da realidade. “Em última análise, o que é real?” Esta é a questão básica colocada no estudo da metafísica.

À primeira vista, a resposta para essa pergunta parece bastante óbvia. Afinal, a maioria das pessoas parece ter muita certeza quanto à “realidade” do seu mundo. Se forem indagadas sobre essa questão, provavelmente vão lhe dizer para abrir os olhos e olhar para o relógio na parede, ouvir o som de um trem passando ou lhe dirão para se abaixar e tocar o chão embaixo de seus pés. Essas coisas, segunda elas, são reais.

Mas são mesmo? Essas respostas estão relacionadas ao plano físico e não ao metafísico. Com certeza, há questões mais elementares. Por exemplo, em última análise, onde é que se originou o material para os pisos, a energia que faz os trens funcionarem e a regularidade do tempo? Não faz diferença se a resposta está relacionada a uma origem planejada, acidental ou misteriosa, porque uma vez que você começa a lidar com questões mais profundas, você vai além da física para o campo da metafísica.

Podemos ter um vislumbre do campo da metafísica examinando uma lista de questões importantes sobre a natureza da realidade. As questões metafísicas estão entre as perguntas mais gerais que podem ser feitas. É importante perceber, no entanto, que as pessoas precisam de respostas para essas questões antes que possam encontrar respostas satisfatórias às questões mais específicas; muito embora a verificação completa de qualquer resposta particular a essas perguntas esteja além da esfera da demonstração ou prova humana. Mas isso não torna a discussão dessas questões irrelevantes ou um mero exercício de ginástica mental, pois as pessoas, conscientemente ou não, baseiam suas atividades diárias e metas de longo prazo em um conjunto de crenças metafísicas. Mesmo os que procuram respostas para perguntas mais específicas – físicos, biólogos ou historiadores, por exemplo – não podem ignorar as indagações metafísicas. Dessa forma, a ciência estabelecida é a filosofia da ciência, e

a compreensão histórica e fundamental constitui a filosofia da história. É a filosofia da ciência e da história que oferecem o quadro teórico para compreensão e interpretação do significado dos fatos em cada campo.

As questões metafísicas podem ser divididas em quatro subconjuntos. Primeiro, o *aspecto cosmológico*. A cosmologia consiste no estudo das teorias sobre a origem, natureza e desenvolvimento do Universo como um sistema ordenado. Perguntas como essas integram a Cosmologia: “Como se deu a origem e desenvolvimento do Universo? Ele surgiu acidentalmente ou por meio de um planejamento? Será que sua existência tem alguma finalidade?”

Um segundo aspecto metafísico é o *teológico*. Teologia é a parte da teoria religiosa que tem a ver com as concepções de e sobre Deus. “Deus existe? Se existe, há um só Deus ou mais de um? Quais são os atributos de Deus? Se Deus é ao mesmo tempo bom e todo-poderoso, por que existe o mal? Se Deus existe, como Ele se relaciona com os seres humanos e com o mundo ‘real’ da vida cotidiana?”

As pessoas respondem a tais perguntas de maneiras variadas. Os *ateus* afirmam que Deus não existe, enquanto os *panteístas* dizem que Deus e o Universo são idênticos – tudo é Deus e Deus é tudo. Os *deístas* veem a Deus como o criador da natureza e das leis morais, mas afirmam que Ele existe separadamente, e que Ele não está particularmente interessado nos eventos diários da vida humana ou do universo físico. Por outro lado, *teístas* acreditam em um Deus pessoal e criador que tem um interesse profundo e constante em Sua criação. O *politeísmo* é contrário ao *monoteísmo* em relação ao número de deuses. Os politeístas asseguram que a divindade deveria ser pensada como plural e os monoteístas defendem a existência de apenas um Deus.⁵

Um terceiro subconjunto da metafísica é o *antropológico*. A antropologia trata do estudo do ser humano e faz perguntas tais como: “Qual é a relação entre a mente e o corpo? A mente é mais importante que o corpo, sendo que o corpo depende da mente, ou vice-versa?” “Qual é o estado moral da humanidade? As pessoas nascem boas, más ou moralmente neutras?” “Até que ponto os indivíduos são livres? Será que eles têm livre vontade, ou seus pensamentos e ações são determinados pelo ambiente, herança ou por um Ser divino?” “Será que cada pessoa tem uma

METAFÍSICA

alma? Se tiver, o que é essa alma?” As pessoas têm obviamente adotado posições diferentes sobre essas questões e esses posicionamentos influenciam ideais políticos, sociais, religiosos, educacionais; bem como a vida prática de cada uma delas.

O quarto aspecto da metafísica é o *ontológico*. Ontologia é o estudo da natureza da existência ou de seu significado. Várias questões são centrais para a ontologia: “A realidade básica é encontrada na matéria ou energia física (o mundo que podemos sentir), ou ela é encontrada no espírito ou energia espiritual? É composta por um elemento (por exemplo, matéria ou espírito), ou dois (por exemplo, matéria e espírito), ou muitos?” “A realidade é ordenada e regulada, por si só, ou ela é simplesmente ordenada pela mente humana? É fixa e estável ou é passível de mudança em sua característica central? A realidade é amigável, hostil ou neutra para com a humanidade?”

Metafísica e Educação

Mesmo um estudo superficial de qualquer sociedade histórica ou contemporânea irá revelar o impacto dos aspectos cosmológicos, teológicos, antropológicos e ontológicos da metafísica sobre as crenças e práticas sociais, políticas, econômicas e científicas. As pessoas em toda parte assumem respostas para essas perguntas e depois prosseguem sua vida diária agindo com base nesses pressupostos. Não há como fugir de decisões metafísicas, a menos que alguém escolha vegetar, mas até mesmo essa escolha seria uma decisão metafísica sobre a natureza e função da humanidade.

A educação, como outras atividades humanas, não pode operar fora do campo da metafísica. A metafísica, o estudo da realidade definitiva, é fundamental para elaboração de qualquer conceito de educação, pois é importante que o programa educativo da escola (ou da família ou da igreja) se baseie em fatos e realidade e não em ilusão, fantasia, erro ou imaginação. A variação de crenças metafísicas leva a abordagens educacionais diferentes e até mesmo a sistemas de educação diferenciados.

Por que os adventistas e outros cristãos gastam milhões de dólares por ano em sistemas privados de educação, quando sistemas educacionais públicos estão à disposição? Isso se deve a suas crenças metafísicas sobre a natureza final da realidade, da existência de Deus, do papel de Deus nos assuntos humanos, da natureza e do

papel dos seres humanos como filhos de Deus. Nos níveis mais profundos, homens e mulheres são motivados por crenças metafísicas. A história demonstra que as pessoas estão dispostas a morrer por essas convicções e que elas desejam criar ambientes educacionais onde suas crenças mais básicas sejam ensinadas aos seus filhos.

O aspecto antropológico da metafísica é especialmente importante para os educadores de todas as convicções. Afinal, eles estão lidando com seres humanos maleáveis em um dos estágios mais impressionáveis de sua vida. Pontos de vista sobre a natureza e o potencial dos alunos formam a base de todo processo educacional. Até o propósito da educação em todas as filosofias está intimamente ligado a esses pontos de vista. Assim, as considerações antropológicas se aproximam muito dos objetivos da educação. O filósofo D. Elton Trueblood destacou muito bem essa verdade quando afirmou que “até que compreendamos com clareza a natureza do homem, nada mais estará claro para nós”.⁶

Faz uma grande diferença se um aluno é visto como o “macaco nu”⁷ de Desmond Morris ou como um filho de Deus. Da mesma forma, é importante saber se as crianças são naturalmente más ou essencialmente boas, ou se sua bondade foi radicalmente mudada pelos efeitos do pecado. Variações em posições antropológicas levarão a abordagens significativamente diferentes para o processo educacional. Outros exemplos do impacto da metafísica sobre a educação se tornarão evidentes mais adiante em nosso estudo.

EPISTEMOLOGIA

A epistemologia está intimamente relacionada à metafísica. A epistemologia procura responder a questões básicas como “o que é verdade?” e “como sabemos as coisas?”. O estudo da epistemologia lida com questões relacionadas à confiabilidade do conhecimento e à validade das fontes através das quais obtemos informações. Assim, a epistemologia se coloca – juntamente com a metafísica – bem no centro do processo educativo. Tanto os sistemas educacionais quanto os professores lidam com o conhecimento. Por esse motivo, estão engajados em um empreendimento epistemológico.

A epistemologia busca respostas para uma série de questões fundamentais. Uma delas é se a realidade pode mesmo ser conhecida. O *ceticismo*, em sentido estrito, afirma que é impossível adquirir conhecimento confiável e que qualquer

busca pela verdade é em vão. Esse pensamento foi bem expresso por Górgias (c. 483-376 a.C.), o sofista grego que afirmou que nada existe, e que se existisse, não poderíamos sabê-lo. Um ceticismo em massa tornaria impossível ações inteligentes. Um termo bem próximo do ceticismo é o *agnosticismo*. Agnosticismo é uma declaração de ignorância em relação à existência ou inexistência de Deus.

A maioria das pessoas afirma que a realidade pode ser conhecida. No entanto, depois de ter tomado essa posição, é preciso decidir através de quais fontes a realidade pode ser conhecida e ter algum conceito de como julgar a validade de seu conhecimento.

Uma segunda questão fundamental à epistemologia é se toda verdade é relativa, ou se algumas verdades são absolutas. Toda verdade está sujeita à mudança? É possível que o que hoje é considerado verdade se torne falso amanhã? Se a resposta for “sim” às perguntas anteriores, tais verdades são relativas. Se, no entanto, há uma Verdade Absoluta, tal Verdade é eterna e universalmente verdadeira, independentemente de tempo ou lugar. Se existe Verdade Absoluta no Universo, então certamente os educadores irão querer descobri-La e torná-La o núcleo do currículo escolar. Intimamente relacionadas à questão da relatividade e absolutismo da verdade estão as questões sobre o fato de o conhecimento ser subjetivo ou objetivo, e se há uma verdade que é separada da experiência humana.

Um aspecto importante da epistemologia diz respeito às fontes do conhecimento humano. Se alguém aceita o fato de que existe a verdade, inclusive a Verdade Universal, como os seres humanos poderiam compreender tais verdades? Como elas se transformam em conhecimento humano?

Com relação a essa questão, podemos dizer que o que está no centro das respostas da maioria das pessoas é o *empirismo* (conhecimento obtido através dos sentidos). O conhecimento empírico parece ser construído dentro da própria natureza da experiência humana. Assim, quando os indivíduos saem de sua casa em um dia de primavera e veem a beleza da paisagem, ouvem o canto dos pássaros, sentem os raios quentes do Sol e a fragrância das flores, eles “sabem” que é primavera. O conhecimento sensorial para os humanos é imediato e universal, e de muitas maneiras forma a base de boa parte do conhecimento humano.

A existência de dados sensoriais não pode

O estudo da epistemologia lida com questões relacionadas à confiabilidade do conhecimento e à validade das fontes através das quais obtemos informações

ser negada. A maioria das pessoas aceita essa representação da “realidade” sem fazer críticas. O perigo de abraçar ingenuamente essa abordagem é que os dados obtidos a partir dos sentidos humanos têm demonstrado ser incompletos e pouco confiáveis. (Por exemplo, a maioria das pessoas tem sido confrontada com a contradição de ver um pedaço de madeira que parece inclinado quando parcialmente submerso na água, mas parece ser reto quando examinado no ar.) Fadiga, frustração e doença também distorcem e limitam a percepção sensorial. Além disso, existem ondas de luz e som que são inaudíveis e invisíveis à percepção humana.

Os seres humanos inventaram instrumentos científicos para ampliar o alcance de seus sentidos, mas é impossível verificar a confiabilidade exata desses instrumentos uma vez que ninguém sabe o efeito total da mente humana na gravação, interpretação e distorção da percepção sensorial. A confiança nesses instrumentos é construída sobre teorias metafísicas especulativas cuja validade tenha sido reforçada pela experimentação em que previsões foram verificadas através do uso de uma construção teórica ou hipotética.

Resumindo, o conhecimento sensorial é construído sobre pressupostos que devem ser aceitos pela fé na confiabilidade dos mecanismos sensoriais humanos. A vantagem do conhecimento empírico é que muitas experiências e experimentos sensoriais estão abertos tanto para replicação quanto certificação pública.

Uma segunda fonte de conhecimento, durante todo o período da história humana, tem sido a *revelação*. O conhecimento revelado tem sido de primordial importância no campo da religião. Difere de todas as fontes de conhecimento porque pressupõe uma realidade sobrenatural transcendente que irrompe na ordem natural. Os cristãos acreditam que essa revelação é a comunicação de Deus acerca de Sua vontade.

Adeptos da revelação sobrenatural asseguram que essa forma de conhecimento tem a vantagem distintiva de ser uma fonte onisciente de informação que não pode ser obtida através de outros métodos epistemológicos. A verdade revelada através dessa fonte é considerada pelos cristãos como absoluta e não contaminada. Por outro lado, geralmente se reconhece que distorções da verdade revelada podem ocorrer no processo da interpretação humana. Algumas pessoas acreditam que uma grande desvantagem do conhecimento revelado é que ele deve ser aceito pela fé e não

pode ser provado ou refutado empiricamente.

Uma terceira fonte de conhecimento humano é a *autoridade*. O conhecimento autoritativo é aceito como verdadeiro porque se origina a partir de concepções de especialistas ou tem sido consagrado ao longo do tempo como uma tradição. Na sala de aula, a fonte mais comum de informação autoritativa vem do livro didático, do professor ou de uma obra de referência.

Aceitar a autoridade como uma fonte de conhecimento tem suas vantagens, bem como seus perigos. A civilização certamente se estagnaria se cada indivíduo rejeitasse qualquer afirmação, a menos que pessoalmente a verificasse através de uma experiência direta. Por outro lado, se o conhecimento de autoridade é construído sobre uma base de suposições incorretas, então tal conhecimento será certamente distorcido.

A quarta fonte de conhecimento humano é a *razão*. O ponto de vista que defende o raciocínio, o pensamento ou a lógica como fator central no conhecimento é chamada de *racionalismo*. O racionalista, ao enfatizar o poder do pensamento da humanidade e as contribuições da mente ao conhecimento, está provavelmente afirmando que os sentidos, por si sós, não podem fornecer julgamentos universais e válidos que sejam consistentes uns com os outros. A partir dessa perspectiva, as sensações e experiências que os seres humanos obtêm através dos seus sentidos são a matéria-prima do conhecimento. Essas sensações devem ser organizadas pela mente em um sistema significativo antes de se tornarem conhecimento. O racionalismo, em sua forma menos extremista, afirma que as pessoas têm o poder de conhecer, com certeza, várias verdades sobre o Universo que os sentidos, por si sós, não podem assegurar. Em sua forma mais extrema, o racionalismo afirma que os seres humanos são capazes de chegar a conhecimentos irrefutáveis, independentemente da experiência sensorial.

A lógica formal é uma ferramenta usada pelos racionalistas. Os sistemas de lógica têm a vantagem de possuir consistência interna, mas correm o risco de estarem desconectados do mundo externo. Os sistemas de pensamento que se baseiam na lógica são tão válidos quanto as suposições nas quais se baseiam.

A quinta fonte de conhecimento é a *intuição* – a apreensão direta do conhecimento que não é derivada do raciocínio consciente ou senso de percepção imediata. Na literatura que trata da intuição, frequentemente encontram-se expressões

Em uma epistemologia cristã, os resultados da razão devem sempre ser verificados em relação à verdade das Escrituras

como “senso imediato de certeza”. A intuição ocorre abaixo do limiar da consciência. Por vezes, é vivenciada como um *insight* repentino. Ela foi reivindicada sob diferentes circunstâncias como uma fonte tanto de conhecimento religioso quanto secular. Certamente, muitos avanços científicos tiveram origem em intuições, posteriormente confirmadas pela experimentação.

A fraqueza ou perigo da intuição é que não parece ser um método seguro de obtenção de conhecimento quando usado isoladamente. Desvia-se facilmente e pode levar a reivindicações absurdas, a menos que seja controlada ou verificada por outros métodos de conhecimento. O conhecimento intuitivo, no entanto, tem a clara vantagem de ser capaz de contornar as limitações da experiência humana.

Assim, deve-se notar que nenhuma fonte de informação é capaz de suprir as pessoas com todo o conhecimento. As diversas fontes de conhecimento devem ser vistas como complementares em vez de antagonicas. É verdade, entretanto, que a maioria das pessoas escolhe uma fonte como sendo mais básica do que outras ou preferível a outras. Essa fonte mais básica é então usada como referência para testar outras fontes de conhecimento. Por exemplo, no mundo contemporâneo, o conhecimento obtido empiricamente é geralmente visto como o mais elementar e confiável. A maioria das pessoas deprecia qualquer suposto conhecimento que não esteja de acordo com a teoria científica. Por outro lado, o cristianismo bíblico considera a revelação como fonte que fornece a estrutura básica em função da qual todas as outras fontes de conhecimento devem ser testadas.

Epistemologia e Educação

A epistemologia tem um impacto direto na educação. Funciona como um alicerce usado de momento a momento. Por exemplo, suposições sobre a importância de várias fontes de conhecimento irão certamente refletir em ênfases curriculares e metodologias de ensino. Os professores cristãos acreditam na revelação como fonte de conhecimento válida e por isso eles vão, sem dúvida, escolher um currículo voltado à Bíblia que diferirá substancialmente das escolhas curriculares voltadas às premissas naturalistas. Desse modo, a cosmovisão filosófica de fê desses professores irá moldar a apresentação de cada tópico que ensinam. Isso, é claro, se aplica para professores de qualquer convicção filosófica e, portanto, constitui um argumento importante

para a educação dos jovens adventistas em escolas adventistas.

O dilema metafísico-epistemológico

O leitor atento já percebeu, até aqui, que a humanidade é propensa a divagar tanto metafísica quanto epistemologicamente. Nosso problema: é impossível fazer declarações sobre a realidade sem, primeiramente, adotar uma teoria para chegar à verdade. Por outro lado, uma teoria sobre a verdade não pode ser desenvolvida sem primeiro haver um conceito de realidade. Assim, estamos presos a uma teia de circularidade.

Através do estudo de questões básicas, as pessoas são forçadas a reconhecer sua pequenez e impotência no Universo. Percebem que nada pode ser conhecido ao certo, em termos de prova final e definitiva, que seja aberto e irrefutável para todas as pessoas, nem mesmo nas ciências naturais. Trueblood reafirma essa condição ao afirmar que “agora é amplamente reconhecido que prova absoluta é algo que o ser humano não tem e não pode ter. Isso decorre necessariamente do duplo fato de que o raciocínio dedutivo não pode ter certeza sobre suas premissas e que o raciocínio indutivo não pode ter certeza sobre suas conclusões. A noção de que, na ciência natural, temos tanto a certeza quanto a prova absoluta é simplesmente uma das superstições de nossa época.”⁸ Todas as pessoas – o cético e o agnóstico, o cientista e o empresário, o hindu e o cristão – vivem pela fé. A aceitação de uma posição metafísica e epistemológica particular é uma “escolha de fé” de cada pessoa e implica em um compromisso com um estilo de vida.

A natureza circular do dilema realidade/verdade é certamente um aspecto angustiante do pensamento filosófico. Mas, uma vez que ele existe, os seres humanos são obrigados a estar conscientes de suas implicações. Evidentemente, esse dilema não é novo para os cientistas experientes que têm que lidar com as limitações de sua disciplina e da filosofia sobre o qual ela é construída. Esse dilema também não representa uma ameaça aos crentes de determinadas crenças religiosas que tradicionalmente viam suas crenças básicas em termos de escolha pessoal, fé e compromisso. Todo o problema, no entanto, representa um grande choque e uma situação perturbadora para o indivíduo secular comum.

A conclusão sobre o dilema metafísico-epistemológico é que todas as pessoas vivem pela fé nas convicções básicas que escolheram.

O desafio não é ter que fazer uma escolha, mas fazer a escolha mais adequada, que leve em consideração toda a diversidade de realidades e saberes que os seres humanos possuem. Mais adiante neste artigo, o enfoque está em uma abordagem cristã/adventista para as grandes questões filosóficas. Mas, primeiramente, é necessário explorar a terceira grande questão filosófica: a axiologia ou a questão dos valores.

AXIOLOGIA

Axiologia é o ramo da filosofia que procura responder à pergunta: “O que tem valor?” Toda a vida racional, individual e social é baseada em um sistema de valores. Os sistemas de valores não estão universalmente de acordo entre si. Ao mesmo tempo, diferentes posições sobre as questões da metafísica e epistemologia produzem diferentes sistemas de valores. Isso acontece porque os sistemas axiológicos são construídos sobre as concepções da realidade e da verdade.

A questão dos valores lida com as noções sobre o que uma pessoa ou uma sociedade considera bom ou preferível. A axiologia, como a metafísica e a epistemologia, está fundamentada na base do processo educacional. Um aspecto importante da educação é o desenvolvimento de valores. E, nesse contexto, a sala de aula é um teatro axiológico onde os professores não podem esconder sua própria moral. Por suas ações, os professores constantemente instruem grupos de jovens facilmente impressionáveis que assimilam e imitam as estruturas de valor de seus professores de forma significativa.

A *axiologia* tem dois ramos principais: a ética e a *estética*. A ética é o estudo dos valores morais e de conduta. “Como devo me comportar?” Esta é uma questão ética. A teoria ética visa a prover valores corretos como base para ações corretas. De muitas formas, a ética é a questão crucial do nosso tempo. Várias sociedades em todo o mundo têm feito avanços tecnológicos sem precedentes, mas não avançaram de forma significativa em conceitos morais e éticos.

Como sociedade e indivíduos, vivemos em um mundo em que decisões éticas significativas não podem ser evitadas. Assim, as escolas devem ensinar conceitos éticos para seus alunos. O problema é que as pessoas diferem em suas bases éticas e sentem preocupação por seus filhos estarem sendo “doutrinados” em uma visão moral que difere de suas convicções fundamentais. Esse fato tem colocado as escolas no centro das várias

AXIOLOGIA

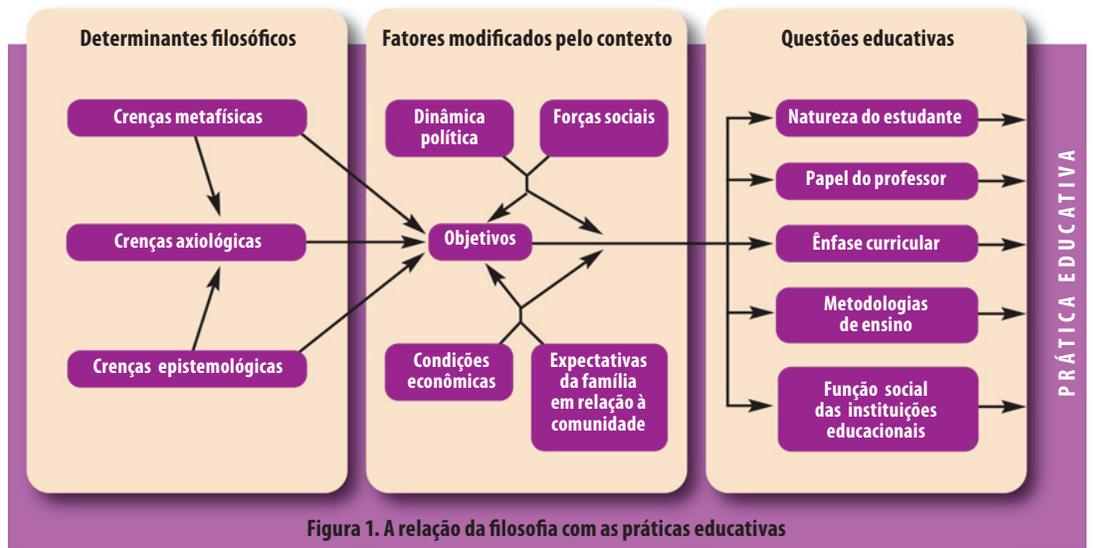


Figura 1. A relação da filosofia com as práticas educativas

“guerras culturais” que abalaram fortemente a sociedade.⁹ Ele também levou os adventistas e outros cristãos a estabelecer suas próprias escolas. O desejo de transmitir aos seus filhos um sistema específico de valores morais é um poderoso fator motivacional para a maioria dos pais.

No centro das discussões éticas, estão perguntas como: “Os padrões éticos e os valores morais são absolutos ou relativos?” “Existem valores morais universais?” “A moralidade pode estar separada da religião?” “Quem ou o que forma a base da autoridade ética?”

O segundo ramo principal da axiologia é a *estética*. A estética levanta perguntas como: “O que é bonito?” “Do que eu deveria gostar?” A estética é o campo dos valores que busca os princípios que regem a criação e a apreciação da beleza e da arte, tanto “nas artes superiores” quanto em aspectos da vida diária, tais como escolas de arquitetura, programas de televisão e *outdoors*. Os critérios sobre o que é belo e feio pertencem ao domínio estético. Assim, a avaliação estética é uma parte da vida diária e não pode ser evitada.

A experiência estética está ligada ao mundo cognitivo da compreensão intelectual, mas também ultrapassa os limites da cognição para entrar no domínio afetivo com o foco no sentimento e emoção. Experiências estéticas permitem às pessoas irem além dos limites impostos puramente pelo pensamento racional e pela inadequações da linguagem humana. Um quadro, uma música

ou história pode criar uma impressão em uma pessoa que nunca poderia ser despertada por argumentos lógicos.

Os seres humanos são seres estéticos. Portanto, é igualmente impossível evitar o ensino estético na escola, em casa, através da mídia ou na igreja, uma vez que não se pode evitar inculcar valores éticos. No entanto, o campo da estética não é uma esfera separada do resto da vida. Ao contrário, a crença estética está diretamente relacionada a outros aspectos da filosofia das pessoas. Por exemplo, se a subjetividade e o acaso são aceitos na epistemologia e na metafísica, eles serão refletidos tanto na estética quanto na ética. Os valores estéticos das pessoas são um reflexo de sua filosofia total.

Questões filosóficas, práticas e objetivos educacionais

A figura 1¹⁰ na página 12 ilustra a relação entre crenças filosóficas e prática educacionais. Ela indica que um determinado ponto de vista metafísico e epistemológico levará o educador a uma orientação de valores. Essa orientação, com sua visão correspondente da realidade e da verdade, vai determinar os objetivos educacionais que serão escolhidos intencionalmente pelos professores ao procurar implementar suas crenças filosóficas em sala de aula.

Conseqüentemente, os objetivos dos educadores sugerem decisões apropriadas sobre uma variedade de áreas: necessidades dos alunos,

papel do professor em sala de aula, aspectos mais importantes a ser enfatizados no currículo, metodologias de ensino que melhor comunicarão o currículo e a função social da escola. Somente quando um educador tiver tomado uma posição sobre essas questões é que as políticas apropriadas podem ser implementadas.

Como a Figura 1 indica, a filosofia não é o único fator determinante das práticas educativas específicas. Elementos do mundo cotidiano (como fatores políticos, condições econômicas, forças sociais e expectativas das famílias dos alunos ou da comunidade) também desempenham um papel significativo ao formar e modificar as práticas educacionais. No entanto, é importante perceber que a filosofia ainda provê os limites básicos da prática educacional para qualquer professor em uma formação específica.

Só quando os professores entendem claramente sua filosofia e examinam e avaliam suas implicações para a atividade diária em um cenário adventista é que eles podem esperar ser eficazes em atingir seus objetivos pessoais e os objetivos das escolas para as quais eles lecionam. A lei de Knight declara: “É impossível chegar ao destino a menos que você saiba para onde está indo.”

O corolário número 1 também é importante para cada professor e escola: “Uma escola [ou professor] que não chega nem perto de atingir seus objetivos acabará perdendo seu apoio.”

A insatisfação ocorre quando as escolas adventistas perdem sua especificidade e professores adventistas não conseguem entender por que suas instituições devem ser diferenciadas. Esses professores e escolas *deverão* perder seu apoio, uma vez que a educação adventista sem uma filosofia adventista claramente compreendida e implementada é uma contradição impossível e um desperdício de dinheiro.

O corolário número 2 é crucial para a saúde e até mesmo para a sobrevivência das escolas adventistas – e dos educadores nessas escolas. “Pensamos só quando dói.” Em muitos lugares, a educação adventista já está doendo. Os maiores presentes que nós, como educadores, podemos dar ao sistema educacional adventista e à sociedade são: (1) analisar conscientemente nossa filosofia educacional a partir da perspectiva do cristianismo bíblico, (2) considerar cuidadosamente as implicações dessa filosofia na atividade de sala de aula diariamente e então (3) implementar essa filosofia de forma consistente e eficaz.

**É impossível
chegar ao
destino a
menos que
você saiba
para onde
está indo**

UMA ABORDAGEM ADVENTISTA À FILOSOFIA

Rumo a uma metafísica cristã

A observação mais básica e inevitável que se coloca a cada indivíduo é a realidade e o mistério da existência pessoal em um ambiente complexo. O filósofo ateu Jean-Paul Sartre levantou essa questão quando observou que o problema filosófico básico é que algo existe, em vez do nada. Francis Schaeffer, refletindo sobre esse pensamento, escreveu: “Nada que vale a pena ser chamado de uma filosofia pode evitar a questão do fato de que as coisas existem e elas existem em sua forma e complexidade atual.”¹¹

Complexidade é uma palavra-chave nessa afirmação. No entanto, a despeito da complexidade da existência, ela parece ser inteligível. Os seres humanos não vivem em um Universo “transtornado” com funcionamento irregular. Pelo contrário, o mundo ao nosso redor e o Universo em geral, aparentemente, operam de acordo com leis consistentes que podem ser descobertas, comunicadas e utilizadas para previsões confiáveis. A ciência moderna se baseia na previsibilidade.

Além disso, o Universo é basicamente amistoso aos seres humanos e a outras formas de vida. Se fosse intrinsecamente hostil, a vida certamente estaria extinta pela incessante agressão de um ambiente não amigável sobre organismos relativamente frágeis. O mundo natural parece ter sido feito sob medida para atender às necessidades de comida, água, temperatura, luz e uma série de outras demandas essenciais à continuação da vida. Os parâmetros das condições necessárias para a manutenção da vida são um tanto quanto estreitos, e até mesmo pequenas mudanças na disponibilidade de elementos essenciais à vida ameaçariam sua existência como nós a conhecemos. Assim, a existência contínua de vida aponta para um Universo basicamente amigável.

Mas ele é *realmente* amigável? Claramente, não é necessário ser tão brilhante para perceber que muitas coisas estão erradas com o nosso mundo. Diariamente observamos um belo mundo visivelmente feito para a vida e felicidade, mas cheio de inimizade, deterioração e morte. Somos confrontados com o problema aparentemente intratável da dor e morte existentes no meio da ordem e da vida. Parece haver uma grande controvérsia entre as forças do bem e as do mal que se manifesta em todos os aspectos da vida. O Universo pode ser amigável para com a vida, mas não há como negar que muitas vezes ele é

antagônico à paz, à ordem e até a própria vida. O *habitat* da humanidade não é um lugar de neutralidade. Em vez disso, muitas vezes ele é uma arena de conflito ativo.

O problema que enfrentamos é dar sentido ao mundo complexo em que vivemos. O anseio quase universal dos seres humanos de que seu mundo faça sentido os levou a questionamentos centrais para a filosofia.

Algumas pessoas acreditam que não há um sentido final para a existência. Outras acham que não é satisfatório sugerir que a inteligência derive da ignorância, que ordem surja do caos, personalidade da impessoalidade e algo do nada. Parece mais provável que um Universo infinito postule um Criador infinito, um Universo inteligente e ordenado aponte para uma Inteligência suprema, um Universo basicamente amigável aponte para um Ser benevolente e que a personalidade humana reflita uma Personalidade sobre a qual personalidades individuais são modeladas. Indivíduos se referem a esse Criador infinito, à Inteligência suprema, ao Ser benevolente e à Personalidade original como “deus”, apesar de muitas vezes não compreenderem o significado dessa designação.

Como definir *deus* se torna um problema muito real, especialmente quando reconhecemos as limitações mentais da raça humana. Não só estamos diante de nossa grave ignorância das complexidades do ambiente imediato, mas também da incapacidade até mesmo de começar a lidar com a infinidade aparente de tempo, espaço e complexidade do Universo em geral. E, obviamente, se temos dificuldade em entender a complexidade da criação, temos um desafio ainda maior para compreender o Criador, uma vez que o criador deve ser mais complexo e maior que a criação.

A observação mais básica e inevitável frente a cada ser humano é a realidade e o mistério da existência pessoal em um ambiente complexo.

Essa realidade nos leva à fronteira imprevisível entre metafísica e epistemologia. Por causa de nossa incapacidade humana inata de entender a complexa realidade do mundo em que vivemos, o Deus-Criador achou por bem fornecer uma revelação de Si mesmo, de Seu mundo e da condição humana na Bíblia.

“No princípio criou Deus” (Gn 1:1)¹² são as primeiras palavras da Bíblia. Essas palavras constituem o fundamento principal da abordagem metafísica adventista. Todo o resto é secundário

O anseio quase universal dos seres humanos de que seu mundo faça sentido os levou a fazer as perguntas centrais da filosofia.

à existência de Deus. Deus é a razão para tudo. Sendo Deus central para a Bíblia e a própria realidade, Ele também deve estar no centro da educação. Uma educação que afasta Deus do seu programa é necessariamente inadequada. Como poderia ser adequada se retira de seu projeto de aprendizagem esse fato importante?

Mas Deus não só existe, Ele também atua. Assim, o primeiro versículo da Bíblia continua com essas palavras: “... Deus criou os céus e a terra.” O mundo material, como nós o conhecemos, não surgiu por acaso. Pelo contrário, sua complexidade evidencia tanto o *design* quanto o Criador. Gênesis nos diz que Deus não criou um mundo imperfeito. Ele, de fato, criou um mundo que pôde chamar de “muito bom” ao finalizar a semana da criação (Gn 1:31).

Dois coisas devem ser destacadas sobre a declaração “muito bom”. A primeira é que Deus criou um mundo perfeito. A segunda é que o mundo material é inerentemente bom e valioso, e não um aspecto ruim da realidade, conforme consideram algumas formas da filosofia grega. De acordo com o ponto de vista bíblico, o ambiente físico em que vivemos deve ser respeitado e cuidado porque é a boa criação de Deus.

O ato final da semana da criação foi o estabelecimento de um memorial para lembrar os seres humanos sobre quem é Deus e o que Ele fez. “Assim, pois,” lemos, “foram acabados os céus e a terra e todo o exército. E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera” (Gn 2:1-3).

O sábado é um dos primeiros distintivos educacionais em Gênesis. A lição semanal, a sua observância pelos seres humanos foi consagrada no quarto mandamento (Êx 20:8-11), e é relevante ao longo da história humana. Uma das mensagens finais a ser dada aos habitantes da Terra antes da segunda vinda de Jesus é “e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Ap 14:7). Uma referência óbvia aos Dez Mandamentos que remete ao memorial da criação em Gênesis 2.

Fundamentais para a metafísica cristã são os fatos de que Deus existe e que Ele atuou na criação. Mas Ele não só criou os pássaros e árvores, Ele também criou os seres humanos à Sua própria imagem (Gn 1:26, 27). De todas as criaturas de Deus, os seres humanos são os únicos

feitos para ser como Deus. Assim, em seu estado original, a humanidade era pura e sem pecado. Além disso, os seres humanos foram criados em uma relação responsável para com seu Criador. Deus lhes deu “domínio” sobre todos os seres vivos e “toda a terra” (v. 26). Os seres humanos foram criados para ser mordomos de Deus, Seus vice-regentes do mundo.

Um quarto elemento importante em uma compreensão cristã da realidade é a “invenção” do pecado por Lúcifer, que se esqueceu de sua própria condição de criatura e procurou se colocar no lugar de Deus (Is 14:12-14, Ez 28:14-17). Com a entrada do pecado, encontramos a gênese da controvérsia entre o bem e o mal que experimentamos no mundo que nos rodeia.

Resumindo, o pecado é ruim o suficiente. Mas, a Bíblia nos diz que ele não apenas permanece “lá fora” no Universo, pois Lúcifer o espalhou pela Terra. A forma pela qual o pecado entrou no planeta Terra e na raça humana encontra-se em Gênesis 3 que descreve a corrupção da humanidade como um resultado do que os teólogos chamam de a “Queda”.

Os efeitos do pecado têm sido devastadores para a raça humana. O pecado não só causou estranhamento entre Deus e os seres humanos (Gn 3:8-11), entre seres humanos e seus semelhantes (v. 12), entre os próprios seres humanos consigo mesmos (v. 13), entre os seres humanos e o mundo criado de Deus (v. 17, 18); como também levou à morte (v. 19) e a uma perda parcial da imagem de Deus (Gn 9:6; 5:3, Tg 3:9).

Além da invenção do pecado por Lúcifer e sua disseminação pela humanidade através da Queda, existe a realidade do conflito entre Cristo e Satanás (muitas vezes referido como o “Grande Conflito”) que começou antes da criação desta Terra e não terá fim até a destruição final do diabo e suas obras no final do milênio (Ap 20:11-15). Essa controvérsia domina as páginas da Bíblia de Gênesis 3 a Apocalipse 20. O ponto central dessa guerra é a tentativa de Satanás de desacreditar o caráter de Deus e perverter as percepções humanas de Sua lei de amor (Mt 22:36-40; Rm 13:8-10). A maior demonstração que Deus deu de Seu amor não foi apenas o fato de enviar Jesus para salvar uma raça caída, mas foi especialmente a morte de Cristo na cruz. O livro do Apocalipse indica que a lei amorosa de Deus será um ponto de conflito entre as forças do bem e do mal até o fim da história terrestre (12:17; 14:12).

A Queda de Gênesis 3 é um princípio central da cosmologia bíblica. Sem a Queda, o resto da Bíblia não faz sentido. Começando com Gênesis 3, a Bíblia apresenta tanto os resultados da transgressão humana quanto o plano de Deus e os esforços para lidar com o problema do pecado. Como veremos quando discutirmos sobre as necessidades dos estudantes, a Queda e seus resultados são questões fundamentais para a educação cristã. Elas são, de fato, questões que tornam a educação cristã única entre as filosofias educacionais da história.

Outro aspecto de uma metafísica cristã é a incapacidade dos seres humanos, sem ajuda divina, de mudar sua própria natureza, superar sua pecaminosidade inerente ou restaurar a imagem perdida de Deus. *Perdido* é a palavra que a Bíblia usa para descrever a condição humana. As notícias diárias refletem os resultados dessa perdição no seu relatório contínuo de ganância, perversão e violência. Como se as notícias não fossem suficientes, o entretenimento popular se concentra no sexo ilícito e na violência. A Bíblia descreve os mesmos problemas que ocorreram mesmo entre os heróis de Deus.

É claro que, desde a Queda, houve pessoas que não queriam nada com Deus e Seus princípios. Mas muitos seres humanos têm desejado ser bons. Entre eles, estão aqueles que fazem longas listas de resoluções e tentativas de viver uma vida impecável, mas sem sucesso. Repetidamente, experimentam o fracasso à medida que suas paixões, apetites, ganância e inclinação natural rumo ao egoísmo superam suas melhores intenções. Assim, repetem a dinâmica da Queda em sua própria queda pessoal em caminhos pecaminosos. Outro grupo tem conseguido uma quantidade justa de bondade ou respeitabilidade através do autocontrole e da guarda da lei, mas acaba se orgulhando de sua justiça. Neste grupo, estão os fariseus que, ao longo dos tempos, declaram presunçosamente que são melhores do que outras pessoas, não reconhecendo sua própria cegueira quanto à sua condição real (Lc 18:9-14). Não importa o quão fortemente o ser humano tente ser justo, ele ainda permanece perdido e confuso.

Como resultado da perdição humana universal em suas diversas variações, a Bíblia retrata Deus tomando a iniciativa para a salvação e restauração da humanidade através da encarnação, vida, morte, ressurreição e ministério celestial de Jesus Cristo. A evidência da iniciativa de Deus no plano

de resgate da salvação aparece em toda a Bíblia. Primeiramente, encontramos essa iniciativa em Gênesis 3:9, mas ela percorre todo o Antigo e Novo Testamento, onde nos é dito: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16). Jesus colocou essa verdade de forma um pouco diferente quando alegou que Sua missão era “buscar e salvar o perdido” (Lc 19:10).

Um aspecto importante da encarnação de Cristo é que ela revela o caráter de Deus. “Muitas vezes e de muitas maneiras”, lemos nas palavras de abertura do livro de Hebreus, Deus falou outrora “aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o Universo. Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do Seu Ser” (1:1-3). Jesus é a revelação plena do caráter de Deus. A Bíblia declara que “Deus é amor” (1 Jo 4:8), mas a leitura de algumas partes da Bíblia que O fazem parecer ser menos amoroso nos faz imaginar sobre Sua real natureza. A vida terrena de Jesus, no entanto, ilustra o amor de Deus e sintetiza os outros atributos de Seu caráter. Como resultado, o caráter e vida de Jesus proporcionam um ideal ético para seus seguidores.

Por causa da perdição humana, Deus enviou o Espírito Santo para implementar Seu plano para a restauração de Sua imagem na humanidade caída. Esse trabalho inclui o chamado de uma comunidade de crentes. A Bíblia retrata o resgate dos perdidos como um ato divino em que os indivíduos são nascidos do Espírito (Jo 3:3-6), transformados em sua mente e coração (Rm 12:2) e ressuscitados para um novo modo de vida no qual eles exemplificam o caráter de Cristo (Rm 6:1-14). Cada um desses atos resulta do trabalho do Espírito Santo, a terceira Pessoa da Divindade.

Aqueles que respondem positivamente à obra do Espírito se tornam uma parte da comunidade dos santos que a Bíblia chama de igreja ou o corpo de Cristo (Ef 1:22, 23). Mas não devemos confundir a Igreja com a igreja. A igreja visível na Terra é composta por membros que podem ou não estar sob a orientação do Espírito. Mas a Igreja de Deus inclui apenas aqueles crentes que verdadeiramente renderam seu coração a Deus e nasceram do Espírito, que é central para o grande plano de Deus de resgatar os perdidos e restaurar os ideais divinos.

Alguns desses ideais se relacionam à ação social. Deus manda Seu povo alimentar os famintos, cuidar dos doentes e procurar, de todas as maneiras, não só preservar a Terra, mas também torná-la um lugar melhor. Mas no final, Ele sabe que até mesmo os melhores esforços humanos para a reforma ficarão aquém do que precisa ser feito para limpar a bagunça criada pelo pecado. Assim, a ação social é uma função importante do povo de Deus, mas insuficiente para erradicar o problema.

Como resultado, Cristo prometeu voltar no fim da história terrestre para pôr fim ao pecado e a seus resultados. Naquele momento, Ele não só saciará a fome, mas também acabará com ela, não apenas confortará o enlutado, mas erradicará a morte. A Bíblia retrata o Segundo Advento como a esperança das eras (Tt 2:13, Ap 21:1-4). Ela descreve o ato final no drama da salvação como a restauração do planeta Terra e seus habitantes à sua condição edênica (2 Pe 3:10-13). A Bíblia termina com uma imagem da Terra restaurada e um convite para as pessoas se juntarem a Deus e Cristo em seu grande plano da redenção e restauração (Ap 21, 22).

Resumo do quadro bíblico sobre a realidade

- Existência do Deus vivo, o Criador.
- Criação, por Deus, de um mundo e de um Universo perfeitos.
- Criação dos seres humanos à imagem de Deus como Seus agentes responsáveis sobre a Terra.
- A “invenção” do pecado por Lúcifer, que se esqueceu de sua própria condição de criatura e procurou se colocar no lugar de Deus.
- Propagação do pecado para a Terra por Lúcifer, resultando na Queda da humanidade e na perda parcial da imagem de Deus.
- O conflito ou Grande Conflito entre Cristo e Satanás, a respeito do caráter de Deus e Sua lei de amor, que percorre toda história terrena.
- A incapacidade dos seres humanos, sem ajuda divina, de mudar sua própria natureza, superar sua pecaminosidade inerente ou restaurar a imagem perdida de Deus.
- A iniciativa de Deus para a salvação da humanidade e sua restauração ao estado original através da encarnação, vida, morte, ressurreição e ministério celestial de Jesus Cristo.
- Revelação do caráter de Deus na vida e ensinamentos de Cristo que fornecem o alicerce para a ética cristã.

- Atividade do Espírito Santo no plano para restaurar a imagem de Deus na humanidade caída e Sua obra de invocar a comunidade dos crentes, a Igreja.

- A ordem de Cristo para a Igreja ser socialmente ativa no intervalo entre Seu primeiro e segundo advento.

- O retorno de Cristo no fim da história terrestre para pôr fim ao pecado e resolver os problemas que a ação social humana não poderia erradicar.

- A restauração final da Terra e de seus habitantes fiéis à condição edênica.

A metafísica e a Educação Adventista

A discussão anterior apresenta o esquema básico de uma visão cristã sobre a realidade. O cristianismo é uma religião sobrenatural e, por isso, é completamente contrário a todas as formas de naturalismo, aos esquemas teístas que não colocam Deus no centro da experiência educacional humana e ao humanismo, que propõe que a humanidade pode se salvar pela sua própria sabedoria e bondade. A educação adventista, para ser cristã de fato e não apenas nominal, deve conscientemente ser construída sob uma posição metafísica bíblica.

Uma visão cristã da metafísica fornece a base para a educação adventista. Os sistemas educacionais cristãos foram estabelecidos porque Deus existe e porque Sua existência lança luz sobre o significado de cada aspecto da vida. Outros sistemas educacionais têm bases alternativas e não podem ser substituídos pela educação cristã. A crença na visão cristã da realidade motiva as pessoas a dedicar tanto seu tempo quanto seus meios para o estabelecimento de escolas cristãs. O mesmo ocorre na educação adventista, que não só ensina as crenças comuns a outros cristãos, mas também ensina aquelas crenças bíblicas que fazem da Igreja Adventista do Sétimo Dia um movimento cristão distinto, com uma mensagem para o fim dos tempos para compartilhar com o mundo. As escolas adventistas que ensinam somente crenças que a denominação compartilha com outros cristãos não têm razão de existir.

A metafísica bíblica determina o que deve ser estudado na escola e o contexto em que cada tema deve ser apresentado. Como tal, a visão bíblica da realidade fornece os critérios para a seleção e ênfase curricular. O currículo baseado na Bíblia tem uma ênfase única por causa do ponto de vista metafísico original do cristianismo. A educação adventista deve tratar todos os assuntos a partir

A Bíblia termina com uma imagem da Terra restaurada e um convite para as pessoas se juntarem a Deus e Cristo em seu grande plano da redenção e restauração (Ap 21, 22).

da perspectiva da cosmovisão bíblica. Cada curso deve ser formulado em termos de sua relação com a existência e propósito do Deus Criador.

Assim, cada aspecto da educação adventista é determinado pela visão bíblica da realidade. Pressuposições metafísicas bíblicas não só justificam e determinam a existência, o currículo usado e o papel social da educação adventista; eles também explicam a natureza, as necessidades e o potencial do aluno. Além disso, sugerem os tipos mais benéficos de relações entre professores e seus alunos e fornecem critérios para a seleção de metodologias de ensino. Esses temas serão desenvolvidos na segunda e terceira partes deste artigo.

Perspectiva cristã da epistemologia

A epistemologia, como vimos anteriormente, é o estudo sobre como o conhecimento é adquirido. Como tal, está relacionada aos problemas mais básicos da existência humana. Se nossa epistemologia está incorreta, então toda a compreensão filosófica estará equivocada ou, no mínimo, distorcida. Vimos que cada sistema filosófico desenvolve uma hierarquia de fontes epistemológicas que se torna básica.

Para os cristãos, a revelação de Deus na Bíblia é a principal fonte de conhecimento e autoridade epistemológica essencial. Todas as outras fontes de conhecimento devem ser testadas e verificadas à luz das Escrituras. Subjacentes ao papel de autoridade da Bíblia estão várias hipóteses:

- Os seres humanos existem em um Universo sobrenatural onde o Deus-Criador infinito Se revelou a mentes finitas em um nível que eles possam, pelo menos, compreender de uma forma limitada.

- Seres humanos criados à imagem de Deus, apesar de caídos, são capazes de pensar racionalmente.

- A comunicação com outros seres inteligentes (pessoas e Deus) é possível, apesar das limitações inerentes à humanidade e das inadequações da linguagem humana.

- O Deus que se importou o suficiente para revelar-Se às pessoas também se importou o suficiente para proteger a essência dessa revelação à medida que foi transmitida através de sucessivas gerações.

- Os seres humanos são capazes de fazer interpretações suficientemente corretas da Bíblia mediante a orientação do Espírito Santo para chegar a uma verdade válida.

A Bíblia é uma fonte autorizada de Verdades que estão além da possibilidade de verificação, exceto através da revelação. Essa fonte de conhecimento lida com as grandes questões, tais como o sentido da vida e da morte, de onde o mundo veio e qual será o seu futuro, como surgiu o problema do pecado e como ele está sendo tratado, e assim por diante. A finalidade das Escrituras é tornar as pessoas “conscientes da salvação através da fé em Cristo Jesus”. Além disso, a Escritura é “inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2 Tm 3:15, 16). Dessa forma, é evidente que a Bíblia não é uma fonte exaustiva de conhecimento e nunca teve a intenção de ser uma “enciclopédia divina”. Ela deixa muitas perguntas sem resposta. Por outro lado, porque responde às questões mais básicas da humanidade finita, ela fornece uma perspectiva e uma base metafísica a partir das quais se pode explorar questões não respondidas e chegar a respostas coerentes e unificadas.

A Bíblia não tenta justificar suas alegações. Portanto, deve ser aceita pela fé baseada em evidências externas e internas, tais como as descobertas da arqueologia, o testemunho de profecias cumpridas e a satisfação que o modo de viver apresentado nas Escrituras traz ao coração humano. “O Senhor nunca exige que creiamos em alguma coisa sem nos dar suficientes provas sobre que fundamentemos nossa fé. Sua existência, Seu caráter, a veracidade de Sua Palavra, baseiam-se todos em testemunhos que falam à nossa razão; e esses testemunhos são abundantes. Todavia Deus não afasta a possibilidade da dúvida. Nossa fé deve repousar sobre evidências, e não em demonstrações. Os que quiserem duvidar, não de encontrar oportunidade; ao passo que os que desejam realmente conhecer a verdade, encontrarão abundantes provas em que basear sua fé.”¹³

Os adventistas do sétimo dia creem que a Bíblia ensina que o dom profético estará na igreja até o Segundo Advento (Ef 4:8, 11-13) e que os cristãos não devem rejeitar as reivindicações daqueles que acreditam que têm o dom profético, mas testar seus ensinamentos pelo testemunho da Bíblia (cf. 1 Ts 5:19-21, Mt 7:15-20, 1 Jo 4:1, 2).

Tendo feito esse teste, a Igreja Adventista do Sétimo Dia primitiva concluiu que Ellen G. White tinha um dom válido de revelação profética para a comunidade adventista que a ajudaria a ser fiel aos princípios bíblicos, durante o período

Se nossa epistemologia é incorreta, então segue-se que tudo em nossa compreensão filosófica estará errado ou, pelo menos, distorcido.

anterior ao Segundo Advento. Esse dom não foi dado para tomar o lugar das Escrituras ou fornecer novas doutrinas, mas para ajudar o povo de Deus a entender e aplicar a Palavra de Deus como revelada na Bíblia. “Os testemunhos”, Ellen White escreveu, “não estão destinados a comunicar nova luz; e sim a imprimir fortemente na mente as verdades da inspiração que já foram reveladas. Os deveres do homem para com Deus e seu semelhante estão claramente discriminados na Palavra de Deus, mas poucos de vocês se têm submetido em obediência a essa luz. Não se trata de escavar verdades adicionais; mas pelos *Testemunhos*, Deus tem facilitado a compreensão de importantes verdades já reveladas, e posto estas diante de Seu povo pelo meio que Ele próprio escolheu, a fim de despertar e impressionar com elas a sua mente, para que todos fiquem sem desculpa.”¹⁴ É importante notar que Ellen White tinha muito a dizer sobre a educação no contexto da cosmovisão bíblica. Assim, citaremos suas ideias sempre que contribuam com o aperfeiçoamento da filosofia educacional adventista.

A próxima fonte importante de conhecimento para o cristão é a natureza, estudada cientificamente pelo ser humano e com a qual ele interage na vida cotidiana. O mundo ao nosso redor é uma revelação do Deus-Criador (Sl 19:1-4; Rm 1:20). Teólogos têm usado o termo “revelação especial” referindo-se às Escrituras, enquanto consideram o mundo natural como uma “revelação geral”.

Sobre a relação entre a revelação especial e geral, Ellen White escreveu: “Visto como o livro da natureza e o da revelação apresentam indícios da mesma mente superior, não podem eles deixar de estar em harmonia mútua. Por métodos diferentes em diversas línguas, dão testemunho das mesmas grandes verdades. A ciência está sempre a descobrir novas maravilhas; mas nada traz de suas pesquisas que, corretamente compreendido, esteja em conflito com a revelação divina. O livro da natureza e a palavra escrita lançam luz um sobre o outro. Familiarizam-nos com Deus, ensinando-nos algo das leis por cujo meio Ele opera.”¹⁵

No entanto, mesmo o observador casual descobre problemas na interpretação do livro da natureza. Ele vê não só o amor e a vida, mas também ódio e morte. O mundo natural, observado pela humanidade falível, passa uma mensagem deturpada e, aparentemente, contraditória sobre a realidade final. O apóstolo Paulo observou que toda criação foi afetada pela Queda (Rm 8:22).

Os efeitos da controvérsia entre o bem e o mal fizeram da revelação geral, por si só, uma fonte de conhecimento insuficiente sobre Deus e sobre a realidade final. As descobertas da ciência e as experiências da vida diária devem ser interpretadas à luz da revelação das Escrituras, que fornece o ajuste para a interpretação epistemológica.¹⁶

O estudo da natureza enriquece a compreensão da humanidade sobre seu ambiente. Também fornece respostas para algumas das muitas perguntas não tratadas na Bíblia. No entanto, o valor investigativo da ciência humana não deve ser superestimado. Como aponta Frank Gaebelin, os cientistas não produziram a verdade da ciência. Elas apenas descobriram ou encontraram o que já estava lá. As “pequenas descobertas” feitas através da paciente pesquisa científica que levam a uma compreensão adicional da verdade não são mera sorte. Elas fazem parte da divulgação da verdade de Deus para a humanidade através do mundo natural.¹⁷

Uma terceira fonte epistemológica para o cristão é a racionalidade. Seres humanos, tendo sido criados à imagem de Deus, possuem uma natureza racional. Eles podem pensar abstratamente, ser reflexivos e racionalizar da causa para o efeito. Como resultado da Queda, o poder de raciocínio humano foi diminuído, mas não destruído. O apelo de Deus a indivíduos pecadores é que eles podem “raciocinar juntos” com Ele sobre a condição humana e sua solução (Isaías 1:18).

O papel do racionalismo na epistemologia cristã deve ser claramente definido. A fé cristã não é um produto racionalista. As pessoas não chegam à verdade cristã através do desenvolvimento de um sistema de pensamento que leva a uma visão correta de Deus, da humanidade e da natureza do pecado e da salvação. Pelo contrário, o cristianismo é uma religião revelada. A razão humana sem auxílio pode se enganar e afastar-se da verdade. Os cristãos, portanto, não são racionalistas no amplo sentido da palavra, mas são racionais. Bernard Ramm observou corretamente que a razão não é uma fonte de autoridade religiosa, mas sim um modo de apreender a verdade. Como tal, “é a verdade apreendida que é autoritativa, não a razão.”¹⁸

O aspecto racional da epistemologia é parte essencial, mas não o único elemento do saber. Ele nos ajuda a entender a verdade obtida através da revelação geral e especial e nos permite estender esse conhecimento para o desconhecido. Em uma epistemologia cristã, os resultados da

razão devem sempre ser verificados em relação à verdade das Escrituras. O mesmo princípio deve ser aplicado aos conhecimentos adquiridos através da intuição e do estudo das autoridades. O teste epistemológico mais abrangente é aquele que compara todas as possíveis verdades com o quadro bíblico.

Para concluir as afirmações sobre a abordagem cristã à epistemologia, várias observações são necessárias.

- A partir da perspectiva bíblica, toda verdade é verdade de Deus, uma vez que a verdade encontra sua fonte em Deus como o Criador e Originador.¹⁹

- Há uma grande controvérsia na área da epistemologia, assim como há uma tensão semelhante na natureza. As forças do mal estão continuamente tentando minar a Bíblia, distorcer a razão humana e levar as pessoas a confiar em si mesmas na busca pela verdade. Considerar esse conflito epistemológico é de fundamental importância, porque um desvio de direção nessa área desencaminhará todos os esforços humanos em outras áreas.

- Existem verdades absolutas no Universo, mas os seres humanos caídos podem obter somente uma compreensão relativa ou imperfeita desses absolutos.

- A Bíblia não está preocupada com a verdade abstrata. Sempre compreende a verdade como relacionada à vida. O saber, no mais pleno sentido bíblico, significa aplicar o conhecimento percebido à vida diária.

- As várias fontes de conhecimento disponíveis para o cristão são complementares. Assim, enquanto todas as fontes podem e devem ser utilizadas pelo cristão, cada uma deve ser avaliada à luz do padrão bíblico.

- A aceitação de uma epistemologia cristã não pode ser separada da aceitação de uma metafísica cristã, e vice-versa.

Epistemologia e Educação Adventista

A visão cristã da verdade, juntamente com a metafísica cristã, está na base da própria existência da educação adventista. A aceitação da revelação como fonte básica de autoridade coloca a Bíblia no centro da educação cristã e proporciona o conjunto de conhecimentos a partir do qual todos os assuntos devem ser avaliados. Essa visão, particularmente, causa impacto sobre o currículo. Veremos em nossa discussão posterior sobre o currículo que a revelação bíblica fornece tanto

as bases quanto o contexto a todas as disciplinas ensinadas nas escolas cristãs. A epistemologia cristã, uma vez que lida com a maneira como as pessoas passam a saber algo, também influencia a seleção e a aplicação de metodologias de ensino.

Aspectos da axiologia cristã

Os valores cristãos são construídos diretamente sobre uma perspectiva bíblica da metafísica e da epistemologia. A ética e estética cristãs estão fundamentadas na doutrina bíblica da criação. Valores éticos e estéticos existem porque deliberadamente o Criador criou um mundo com essas dimensões. Os princípios da axiologia cristã são derivados da Bíblia, que em seu sentido absoluto é uma revelação do caráter e os valores de Deus.

Uma consideração importante na axiologia cristã é que a metafísica cristã estabelece uma posição de descontinuidade radical de outras visões de mundo quanto à normalidade da ordem mundial. Enquanto a maioria dos não cristãos acredita que a condição atual da humanidade e os assuntos terrenos se enquadram na normalidade da vida, a Bíblia ensina que os seres humanos caíram de sua relação normal para com Deus, para com outras pessoas, quebraram a relação normal consigo mesmos e com o mundo ao seu redor. A partir da perspectiva bíblica, o pecado e seus resultados alteraram a natureza das pessoas e afetaram seus ideais e processos de avaliação. Em resultado da anormalidade do mundo atual, as pessoas muitas vezes valorizam as coisas erradas. Além disso, elas estão susceptíveis a chamar o mal “bom” e o bom “mal”, por causa de sua estrutura de referência defeituosa.

O próprio Cristo foi um radical axiológico. Seu radicalismo resultou, em parte, do fato de que Ele acreditava que o verdadeiro lar da humanidade é o Céu e não a Terra. Mas Ele não ensinou que a vida presente não tem valor. Ao contrário, Ele alegou que há coisas de mais valor e que essas devem ser a base da atividade humana. Quando uma pessoa aceita os ensinamentos de Cristo, sua vida terá um conjunto de valores diferente daquele adotado por pessoas que se sentem confortáveis com o mundo anormal de pecado. Ser normal, no que se refere a aceitar os ideais de Deus, faz com que um cristão pareça anormal pelos padrões da atual ordem social.

Os valores cristãos devem ser construídos sobre princípios cristãos. Assim, eles não são apenas uma extensão de valores não cristãos, embora certamente haja áreas de sobreposição. Como

observado anteriormente, os dois subconjuntos principais da axiologia são a ética (o reino do bom) e a estética (o reino do belo). A base absoluta da ética cristã é Deus. Não existe um padrão ou lei além de Deus. A lei, como revelada nas Escrituras, é baseada no caráter de Deus, que gira em torno de amor e de justiça (Êx 34:6, 7; 1 Jo 4:8, Ap 16:7; 19:2). A história bíblica fornece exemplos do amor e da justiça divina em ação.

O conceito de amor é uma ideia sem sentido até que seja definida. O cristão olha para a Bíblia em busca de uma definição, pois é lá que o Deus de amor Se revelou de um modo concreto que pode ser compreendido pela mente humana. A elucidação máxima da Bíblia sobre o significado do amor aparece nas ações e atitudes expressas por Jesus, na exposição de amor de 1 Coríntios 13 e na base de significado dos Dez Mandamentos. Mesmo um breve estudo revelará uma nítida diferença qualitativa entre o que as pessoas “normais” classificam como amor e o conceito bíblico de amor divino. John Powell percebeu a essência do amor divino quando afirmou que o amor se concentra em dar em vez de receber.²⁰ Ele opera para o próprio bem dos outros, mesmo aqueles considerados como inimigos. Nesse mesmo sentido, Carl Henry apropriadamente escreveu que “a ética cristã é uma ética do serviço”.²¹ Assim, é esse padrão de ética cristã e amor cristão que se encontram em descontinuidade radical com o que é geralmente considerado como amor pelo seres humanos.

Esse conceito nos leva à expressão ética de Deus através da Sua lei revelada. Alguns cristãos têm tomado os Dez Mandamentos como o ensino básico da ética cristã. Mas essa não é a posição que Jesus tomou. Quando indagado sobre a lei maior, Ele respondeu: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas” (Mt 22:37-40). Os Dez Mandamentos, portanto, são uma extensão e uma ilustração concreta da Lei do Amor. Os primeiros quatro mandamentos explicam os deveres de uma pessoa em relação ao amor a Deus, enquanto os seis últimos explicam vários aspectos do amor de uma pessoa por outros seres humanos (veja Rm 13:8-10). Em certo sentido, os Dez Mandamentos podem ser vistos como uma versão negativa da Lei do Amor e como uma tentativa de dar às

peessoas algumas orientações definidas que possam aplicar na vida diária.

Parte do problema de uma base ética negativa é que as pessoas estão sempre procurando saber quando elas alcançaram o limiar a partir do qual podem parar de amar ao próximo. A pergunta de Pedro em relação aos limites do perdão é um exemplo desse ponto. Como todos os indivíduos “normais”, Pedro estava mais interessado em saber quando ele poderia parar de amar o seu próximo do que em como ele poderia continuar a amá-lo. A resposta de Cristo “setenta vezes sete” indica que não há limites para o amor (Mt 18:21-35). Nunca haverá um momento em que poderemos parar de amar e nos sentirmos realizados. Essa é a mensagem dos dois grandes mandamentos de Cristo. Assim, a perspectiva da ética cristã é essencialmente positiva e não negativa. Isto é, a ética cristã se concentra principalmente em uma vida de ação amorosa e só secundariamente sobre o que se deve evitar. O crescimento cristão não vem do que não fazemos, mas resulta do que efetivamente fazemos em nossa vida diária. A ética positiva é baseada na experiência do novo nascimento (Jo 3:3-6). Os cristãos não apenas morreram para o antigo estilo de vida, eles também ressuscitaram para uma nova forma de vida à medida que caminham com Cristo (Rm 6:1-11).

Antes de concluir nossa discussão sobre a ética cristã, há alguns outros pontos para se considerar. Um deles é que a ética bíblica é interna em vez de externa. Jesus, por exemplo, ressaltou que abrigar pensamentos de ódio ou adultério é tão imoral quanto os atos em si (Mt 5:21-28). Ele também ensinou que todas as ações externas fluem do coração e da mente (Mt 15:18, 19).

Segundo, a ética cristã é baseada em um relacionamento pessoal com Deus e com outras pessoas. Trata-se de realmente amar a Deus e as pessoas e não estar satisfeito com um relacionamento meramente legal e/ou mecânico. Claro, nossas relações com os outros devem ser não só corretas, mas pessoais.

Em terceiro lugar, a ética bíblica é baseada no fato de que cada indivíduo é criado à imagem de Deus e pode raciocinar da causa para o efeito e tomar decisões morais. Eles podem optar por fazer o bem ou o mal. Assim, a ética cristã é um empreendimento moral. Moralidade impensada é uma contradição em termos.

Em quarto lugar, a moralidade cristã não está simplesmente preocupada com as necessidades básicas das pessoas. Ela quer o melhor para elas.

A Bíblia fornece uma perspectiva e uma base metafísica por meio das quais seja possível explorar questões não respondidas e chegar a respostas coerentes e unificadas.

Em quinto lugar, a ética cristã, ao contrário do que muitos pensam, não é algo contrário à vida plena. “Na realidade, as regras morais são instruções para o funcionamento da máquina humana. Cada regra moral existe para prevenir uma lesão, tensão ou atrito no funcionamento da máquina.”²²

Sexto, a função da ética cristã é redentora e reparadora. Por causa da Queda, os seres humanos se tornaram alienados de Deus, das outras pessoas, de si mesmos e de seu ambiente físico. O papel da ética é capacitar as pessoas a viver de forma que as ajude a restaurar relacionamentos e a se tornarem completas conforme o propósito para que foram criadas.

Estética

O segundo ramo principal da axiologia é a estética. Trata-se de uma função importante de todo sistema educacional para desenvolver nos alunos uma noção saudável do que é belo e feio.

O que é a estética cristã? Para chegar a uma definição, vários pontos precisam ser destacados. O primeiro é que os seres humanos são, por sua própria natureza, seres estéticos. Eles não só apreciam a beleza, mas também parecem ser criadores compulsivos. Esse é um resultado de ter sido criado à imagem de Deus. Deus não só criou coisas funcionais – Ele também criou coisas belas. Ele poderia ter criado o mundo destituído de cores agradáveis, sem os aromas doces das flores ou a incrível variedade de pássaros e animais. A existência da beleza na natureza diz algo sobre o Criador. Uma diferença entre o que as pessoas criam e a criação de Deus é que Ele cria a partir do nada (Hb 11:3), enquanto os humanos em sua finitude devem criar e moldar o que já existe.

Um segundo ponto a se notar é que, enquanto a criatividade é boa, nem tudo que os seres humanos criam é bom, bonito ou edificante. Isso acontece porque mesmo criados à imagem de Deus, eles caíram e agora têm uma visão distorcida da realidade, da verdade e do valor. As formas de arte, portanto, não apenas revelam verdade, beleza e bondade, mas também ilustram o artificial, o errôneo e o pervertido. A controvérsia galáctica entre o bem e o mal invadiu todos os aspectos da vida humana. Por isso, também afeta o campo estético, sendo especialmente determinante nas artes devido ao seu impacto emocional e sua relação profunda com os meandros da existência humana.

Uma questão básica na área da estética cristã é se a questão das formas artísticas deveria lidar apenas com o bom e o bonito, ou se deveria também incluir o feio e o grotesco. Usando a Bíblia como modelo, percebemos que ela não trata apenas do bom e bonito. Também não glorifica o feio e o mal. Pelo contrário, o pecado, o mal e a feiúra são colocados em perspectiva e usados para apontar a necessidade desesperada da humanidade de um Salvador e de um caminho melhor. Em resumo, a relação do bom e do feio na Bíblia é tratada de forma realista, para que o cristão, com os olhos da fé, aprenda a odiar o feio por conhecer a Deus que é beleza, verdade e bondade.

Lidar com a relação entre o belo e o feio na arte é vital à estética cristã por causa da advertência de Paulo quando diz que pela contemplação somos transformados (2 Co 3:18). A estética tem uma influência sobre a ética. Tudo o que vemos, ouvimos e tocamos tem um efeito em nossa vida diária. A estética, portanto, está no centro da vida cristã e do sistema religioso da educação. Consequentemente, um artista cristão (que, em certo sentido, todos nós somos) deve ser preferencialmente um servo responsável de Deus. A partir de um coração repleto do amor cristão, ele age “para tornar a vida melhor, mais digna, para criar um som, uma forma, um conto, uma decoração, um ambiente que seja significativo e encantador, e uma alegria para a humanidade”.²³

Talvez o que há de mais belo a partir de uma perspectiva cristã é o que contribui para a restauração dos indivíduos a um relacionamento correto com seu Criador, com o semelhante, consigo mesmos e com o ambiente em que vivem. O que quer que obstrua o processo de restauração é, por definição, mal e feio. O objetivo final da estética cristã é a criação de um caráter bonito.

Axiologia e educação adventista

“Educação”, Arthur Holmes escreveu, “tem a ver com a transmissão de valores”.²⁴ É esse truísmo que coloca a axiologia ao lado da metafísica e da epistemologia como uma razão fundamental pela qual os adventistas do sétimo dia têm escolhido estabelecer e manter um sistema separado de escolas.

Uma perspectiva cristã sobre questões axiológicas como ética e estética é uma contribuição essencial da educação adventista a um mundo que perdeu a orientação bíblica equilibrada e saudável. A tensão cultural para diferenciar os sistemas de

O crescimento cristão não vem do que não fazemos, mas é resultado do que efetivamente fazemos em nossa vida diária.

valores é fundamental para o que David Naugle rotula de “guerra de visão de mundo”.²⁵ James D. Hunter e Jonathan Zimmerman exploram as implicações explosivas dessas questões axiológicas em livros com títulos expressivos como *Culture Wars: The Struggle to Define America* e *Whose America? Culture Wars in the Public Schools*.²⁶

Uma educação de valores é a razão central para a existência das escolas adventistas. Os educadores adventistas precisam ser informados e ativos à medida que procuram transmitir aos seus alunos uma abordagem de valores baseada na Bíblia.

Filosofia adventista e Educação

A existência das escolas adventistas não é acidental. Pelo contrário, a igreja no início de sua história percebeu que, pelo fato de sua filosofia diferir significativamente de outros segmentos da sociedade, tinha a responsabilidade de repassar aquela filosofia aos jovens através do desenvolvimento de um sistema educacional. A escolha foi conscientemente construída sob um princípio filosófico. O resultado foi a criação de um sistema educacional adventista que atualmente tem quase 8.000 escolas, faculdades e universidades.

Esse sistema e as despesas que o acompanham podem ser justificados apenas se as escolas da igreja são fiéis ao fundamento filosófico sobre o qual foram estabelecidas. A melhor maneira, na linguagem descritiva de Shane Anderson, “de matar a educação adventista” é negligenciar suas bases.²⁷ Somente por essa razão filosófica, o estudo da filosofia da educação adventista é de importância crucial para os educadores, membros da direção, pastores e pais.

Até agora, em nossa apresentação, examinamos a posição filosófica bíblica que deve apoiar a prática educacional adventista. Nas partes II e III, vamos discutir o que significa essa filosofia em termos das necessidades do aluno, do papel do professor, da formação do currículo, seleção de estratégias de ensino e a função social das escolas adventistas na igreja e no mundo.

PONTOS PARA REFLEXÃO

- Por que a metafísica é tão importante para a educação?
- Quais são as implicações da epistemologia para o funcionamento de uma escola cristã?
- De que maneiras específicas a ética cristã pode (ou deveria) moldar as atividades diárias do educador?
- Por que a estética é controversa no ambiente cristão (ou mesmo não cristão)?

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. NAUGLE, David K. *Worldview: the history of a concept*. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 2002. p. 260.
2. WHITE, Ellen G. Conselhos aos pais, professores e estudantes. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 49. [CD-ROM]
3. _____. *Fundamentos da educação cristã*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 541. [CD-ROM]
4. MORRIS, Van Cleve. *Philosophy and the american school*. Boston: Houghton Mifflin, 1961. p. 19 e 20.
5. Sobre a questão dos vários “ismos”, ver: GEISLER, Norman L.; WATKINS, William D. *Worlds apart: a handbook on world views*. 2ª ed. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1989. Uma análise mais ampla é encontrada em: SIRE, James W. *The universe next door: a basic worldview catalog*. 3ª ed. Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1997.
6. TRUEBLOOD, David Elton. *Philosophy of religion*. New York: Harper and Row, 1957. p. xiv.
7. MORRIS, Desmond. *The naked ape*. New York: Dell, 1967.
8. TRUEBLOOD, David Elton. *A place to stand*. New York: Harper and Row, 1969. p. 22. Para uma discussão mais completa sobre os limites da prova, ver: Trueblood's General Philosophy (New York: Harper and Row, 1963. p. 92-111).
9. Ver: HUNTER, James Davison. *Culture wars: the struggle to define America*. New York: Basic Books, 1991. Ver também: ZIMMERMAN, Jonathan. *Whose America?*

Culture wars in the public schools. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2002.

10. KNIGHT, George R. *Filosofia e educação: uma introdução da perspectiva cristã*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress – Centro Universitário Adventista de São Paulo, 2007. p. 34.
11. SCHAEFFER, Francis A. *He is there and he is not silent*. Wheaton, Ill.: Tyndale House, 1972. p.1.
12. Salvo indicação contrária, todos os textos da Bíblia neste artigo estão na versão Revista e Atualizada, de João Ferreira de Almeida.
13. WHITE, Ellen G. *Caminho a Cristo*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 105. [CD-ROM]
14. _____. *Testemunhos para a igreja*. vol. 5. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004. p. 665.
15. _____. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 128. [CD-ROM]
16. *Ibid.*, p. 134.
17. GAEBELEIN, Frank E. “Toward a philosophy of christian education”. In: J. Edward Hakes (ed.). *An introduction to evangelical christian education*. Chicago: Moody, 1964. p. 44.
18. RAMM, Bernard. *The pattern of religious authority*. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1959. p. 44.
19. Ver: HOLMES, Arthur F. *All truth is god's truth*. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1977. p. 8-15.
20. POWELL, John. *The secret of staying in love*. Niles, Ill.: Argus Communications, 1974. p. 44, 48.
21. HENRY, Carl F. H. *Christian personal ethics*. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1957. p. 219.
22. LEWIS, C. S. *Mere Christianity*. New York: Macmillan, 1960. p. 69.
23. ROOKMAAKER, H. R. *Modern art and the death of a culture*. 2ª ed. Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1973. p. 243.
24. HOLMES, Arthur F. *Shaping character: moral education in the christian college*. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1991. p. vii.
25. NAUGLE, *Worldview*, op cit., p. xvii.
26. HUNTER, op cit.; ZIMMERMAN, op cit.
27. ANDERSON, Shane. *How to kill adventist education (and how to give it a fighting chance!)*. Hagerstown, Md.: Review and Herald Publ. Assn., 2009.

NOTAS E REFERÊNCIAS

E D U C A Ç Ã O

R E D E N T O R A

P a r t e I I



G E O R G E R . K N I G H T

A necessidade de implementar uma filosofia bíblica/cristã/adventista nas escolas adventistas do sétimo dia deveria ser óbvia. Mas frequentemente não há evidências dessa conexão nas próprias escolas ou na prática dos educadores profissionais. Ao tratar desse tema no contexto da educação luterana, um dos principais palestrantes de um congresso da Associação das Faculdades Luteranas observou que as faculdades americanas da denominação “atuavam sem nenhum distintivo luterano ou mesmo sem uma filosofia cristã de educação, mas tinham simplesmente imitado os padrões seculares aos quais haviam acrescentado os cultos da capelania, aulas de religião e uma ‘atmosfera’ religiosa”.¹

Essa afirmação, infelizmente, também diz respeito a uma série de escolas adventistas. Com frequência, a educação adventista não tem sido edificada intencionalmente sobre uma filosofia distintamente adventista. Como resultado, muitas das escolas da igreja têm oferecido algo aquém da educação adventista e, por isso, têm falhado em alcançar a finalidade para a qual foram estabelecidas.

O filósofo Gordon Clark observou, certa vez, que o que se chama de educação cristã, às vezes, é um programa de “educação pagã com uma camada de chocolate de cristianismo”. Ele acrescentou que é a pílula, não seu revestimento, que funciona.² A educação adventista tende a sofrer desse problema também. Os educadores adventistas e as instituições a que eles servem precisam realizar uma análise aprofundada e permanente, uma avaliação e correção de suas práticas educativas para garantir que se alinhem com as crenças filosóficas básicas da igreja. Assim, esses artigos irão ajudá-los a concretizar uma base para essa avaliação e orientação contínua.³

Embora este artigo esteja centralizado na educação adventista da escola, muito do seu conteúdo pode ser aplicado ao âmbito do lar e da igreja, uma vez que os pais e os obreiros da igreja também são educadores. A casa, a igreja e a escola lidam com as mesmas crianças, que têm a mesma natureza e as mesmas necessidades em diversas áreas de sua educação. Além disso, o lar e a igreja têm um currículo, estilo de ensino e função social semelhantes aos da escola. Há uma grande necessidade de os pais, obreiros da igreja e profissionais da educação adquirirem mais conhecimento sobre a natureza interdependente de suas funções educativas, e

desenvolver maneiras eficazes de se comunicar e reforçar o trabalho uns dos outros. A colaboração entre o professor adventista da escola e dos professores adventistas do lar e da igreja é importante porque *a educação adventista é mais do que a escolaridade adventista*. O lar, a igreja e a escola são revestidos com a responsabilidade de trabalhar com as coisas mais valiosas da Terra: os filhos de Deus. Idealmente, cada uma dessas partes deveria estar fundamentada sobre os mesmos princípios. Tendo dito isso, preciso ressaltar que as categorias educativas com as quais estarei lidando nas páginas seguintes estão conscientemente ligadas à escola e não a um domínio mais amplo da educação. No entanto, os mesmos princípios são importantes dentro de diferentes contextos educativos.

A NATUREZA DO ESTUDANTE E AS METAS DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA

A essência da filosofia educacional de Ellen White

Para definir os objetivos da educação adventista, temos como ponto de partida as páginas iniciais do livro *Educação*, de Ellen White. Um dos parágrafos mais elucidativos e importantes no livro é encontrado na segunda página. De acordo com a autora, se quisermos compreender o significado e o objetivo da educação, teremos que considerar os seguintes aspectos: (1) a natureza do homem, (2) o propósito de Deus ao criá-lo, (3) a mudança na condição humana devido ao conhecimento do mal e (4) o plano de Deus para alcançar Seu glorioso propósito na educação da humanidade.⁴

A explicação desses quatro itens, nos próximos parágrafos, ajuda a clarificar a essência de sua filosofia de educação. Primeiro, ao refletir sobre a natureza humana, ela enfatiza que Adão foi criado à imagem de Deus tanto física e mental quanto espiritual. Segundo, destaca o propósito de Deus na criação de seres humanos pelo desenvolvimento contínuo para que pudessem sempre refletir “mais plenamente a glória do Criador”. Para esse fim, Deus dotou os seres humanos com aptidões que podem ser amplamente desenvolvidas.

Em terceiro lugar, ela fala sobre os efeitos da entrada do pecado, ao afirmar: “Pela desobediência, porém, isso se perdeu. Com o pecado, a semelhança divina ficou obscurecida, sendo quase que totalmente apagada. Enfraqueceu-se a capa-

cidade física do homem e sua capacidade mental diminuiu; ofuscou-se-lhe a visão espiritual.”

Embora os três primeiros itens sejam fundamentais para a filosofia de Ellen White sobre educação, é seu quarto e último item que é absolutamente crucial. Para ela, esse item expressa totalmente o principal propósito da educação. Ela observa que, apesar de sua rebelião e queda, “o ser humano não foi deixado sem esperança. Por infinito amor e misericórdia, foi concebido o plano da salvação, concedendo-se um tempo de graça. Restaurar no homem a imagem de seu Autor, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, espírito e alma para que se pudesse realizar o propósito divino da sua criação – tal deveria ser a obra da redenção. Este é o objetivo da educação, o grande objetivo da vida.”⁵

Ellen White retorna a esse tema no quarto capítulo do livro *Educação*, no qual descreve a vida de cada pessoa como a cena de um grande conflito microcósmico entre o bem e o mal, e cada ser humano como tendo um desejo para o bem, mas também possuindo uma inclinação “para o mal”. A partir de sua visão anterior de que a imagem de Deus não está totalmente obliterada na humanidade caída, ela observa que cada ser humano “recebe algum raio de luz divina. Existe em cada coração não somente poder intelectual, mas espiritual – percepção do que é reto, anelo de bondade. Mas contra esses princípios há um poder contendor, antagônico”. À medida que a herança da Queda edênica existe dentro da natureza de cada ser humano, há uma força maligna que “sem auxílio, não poderá ele resistir. Para opor resistência a essa força, para atingir aquele ideal que no íntimo de sua alma ele aceita como o único digno, não pode encontrar auxílio senão em um poder. Esse poder é Cristo. A cooperação com esse poder é a maior necessidade do homem. Em todo esforço educativo não deveria essa cooperação ser o mais alto objetivo?”⁶

Na página seguinte, ela desenvolve esse ponto um pouco mais, escrevendo que “no mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma; pois, na educação, como na redenção, ‘ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo’. I Co. 3:11. [...] Deve ser o primeiro esforço do professor e seu constante objetivo auxiliar o estudante a compreender esses princípios e entrar com Cristo naquela relação especial que fará daqueles princípios uma força diretriz na vida. O professor que

Embora não tivesse nenhum preparo acadêmico filosófico, Ellen White chegou à essência da filosofia da educação quando colocou o problema do pecado humano bem no centro do empreendimento educacional.

aceita este objetivo é em verdade um cooperador de Cristo, um coobreiro de Deus.”⁷

Embora não tivesse nenhum preparo acadêmico filosófico, Ellen White chegou à essência da filosofia da educação quando colocou o problema do pecado humano bem no centro do empreendimento educacional. Essa visão pode ser encontrada nos livros *Models of Man: Explorations in the Western Educational Tradition* e *The Educated Man: Studies in the History of Educational Thought*, que Nash desenvolveu em conjunto com dois outros autores.⁸ Ambos os livros demonstram a centralidade dos pontos de vista da antropologia filosófica ou da natureza humana a todas as filosofias educacionais. Exemplificando esse ponto, há alguns títulos de capítulos como “The Planned Man: Skinner”, “The Reflective Man: Dewey”, “The Communal Man: Marx” e “The Natural Man: Rousseau”. Mesmo que o ponto central da educação deva ser as necessidades dos estudantes, que eu saiba, ninguém ainda publicou uma abordagem sintetizada e sistemática sobre a filosofia educacional a partir da perspectiva de pontos de vista diferentes sobre a natureza e as necessidades dos seres humanos.

Não é difícil inserir a filosofia de Ellen White na temática de Nash. O título para o capítulo de Nash sobre ela seria “O Homem Redimido: Ellen White”. O problema do pecado e sua cura – redenção e restauração – dominam sua abordagem da educação.

Essa mesma ênfase, é claro, é encontrada nas Escrituras, que começa com os seres humanos sendo criados à imagem de Deus com um potencial infinito, continua com a Queda e a entrada do pecado, e se move para o grande plano redentor de Deus à medida que Ele busca, através de uma multiplicidade de formas, salvar os seres humanos de sua situação e restaurá-los ao seu estado original. Essa sequência representa o plano da Bíblia no qual os dois primeiros capítulos (Gênesis 1, 2) e os dois últimos (Apocalipse 21, 22) descrevem um mundo perfeito. O terceiro capítulo da parte inicial (Gênesis 3) apresenta a entrada de pecado e o terceiro capítulo final (Apocalipse 20) focaliza a destruição final do pecado. Entre esses capítulos, de Gênesis 4 até Apocalipse 19, a Bíblia apresenta o plano de Deus para redimir e restaurar a raça caída.

Apesar de todos esses pontos representarem a doutrina básica cristã, surpreendentemente, ela têm deixado de receber uma atenção especial pelos filósofos cristãos da educação. Na verdade, não

conheço nenhum livro que prioriza essas questões como o livro *Educação*, de Ellen White. O livro *“What’s Lutheran in Education?”* de Allan Hart Jahsmann é o que mais se aproxima. Ele destaca os mesmos pontos básicos defendidos por Ellen White, quando afirma que “a primeira preocupação da educação luterana deve ser sempre a de guiar as pessoas à convicção do pecado e à fé pessoal em Jesus Cristo como o Cordeiro de Deus”.⁹ Infelizmente, as percepções de Jahsmann sobre a Queda e a restauração da imagem de Deus não são amplamente representadas na teoria educacional evangélica. Mas, como mencionado anteriormente, esses conceitos estão bem no centro do entendimento de Ellen White sobre a educação, e estão implícitos na Bíblia. Foi com tais ensinamentos em mente que escrevi alguns anos atrás que “a natureza, a condição e as necessidades do aluno oferecem o ponto central à filosofia cristã da educação e diretamente aos educadores rumo aos objetivos da educação cristã”.¹⁰

Antes de finalizar a análise da compreensão de Ellen White sobre a filosofia educacional, é necessário examinar outra declaração. O primeiro parágrafo do livro *Educação* apresenta outro pilar fundamental na abordagem de Ellen White para a educação. “Nossas ideias acerca da educação”, lemos, “têm sido demasiadamente acanhadas. Há a necessidade de um objetivo mais amplo e mais elevado. A verdadeira educação significa mais do que avançar em certo curso de estudos. É muito mais do que a preparação para a vida presente. Visa ao ser todo, e a todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para a satisfação do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro.”¹¹

A palavra-chave nesse parágrafo é *todo*, uma palavra que Ellen White usa com duas dimensões. Primeiramente, a educação adventista deve enfatizar o “todo” ou todo o período da existência humana. Assim, não é focada apenas em ajudar os alunos a aprender a como ganhar a vida ou tornar-se culto pelos padrões do mundo atual. Esses objetivos podem ser dignos e importantes, mas não são suficientes. O âmbito da eternidade e da preparação para ela também deve vir sob a tutela de qualquer educação adventista digna do apoio da igreja. Por outro lado, alguns indivíduos piedosos, mas mal direcionados podem

ser tentados a fazer do Céu o foco da educação, negligenciando a vida presente e a preparação para o mundo do trabalho e participação na sociedade. Ellen White afirmou que nenhum dos extremos está correto. Em vez disso, a preparação tanto para o mundo terreno quanto para o mundo eterno deve ser incluída na educação adventista tendo em vista essa inter-relação.

O segundo aspecto da totalidade, do parágrafo anterior, é o imperativo de desenvolver a pessoa por inteiro. A educação adventista deve visar ao desenvolvimento de todos os aspectos dos seres humanos em vez de centralizar-se apenas no intelectual, espiritual, físico, social ou profissional. Resumindo, o objetivo da educação adventista é desenvolver integralmente as pessoas para todo o período de sua existência, tanto neste mundo quanto no mundo vindouro. Assim, essa perspectiva transcende as possibilidades da educação secular, bem como muitas formas de educação cristã que, infelizmente, são adotadas por algumas escolas que dizem praticar a educação adventista.

Outra palavra-chave no parágrafo de abertura do livro *Educação* é *serviço* (“a satisfação do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro”). Note-se que a centralidade do serviço não é destaque só na primeira página do livro, mas também na última, que aponta: “Em nossa vida aqui, posto que terrestre e restrita pelo pecado, a maior alegria e mais elevada educação se encontram no serviço em favor de outrem. E no futuro estado, livres das limitações próprias da humanidade pecaminosa, será no serviço que se encontrará a nossa máxima alegria e mais elevada educação.”¹²

Essa ênfase no serviço deveria ser natural para qualquer leitor da Bíblia. Jesus mais de uma vez disse aos discípulos que a própria essência do caráter cristão é amor e serviço dedicado aos outros. Tais características, é claro, não são traços humanos naturais. Pessoas “normais” estão mais preocupadas com suas próprias necessidades em vez de estarem experimentando uma vida de serviço aos outros. A visão alternativa cristã e seu conjunto de valores não vêm naturalmente. Pelo contrário, a Bíblia fala disso como uma transformação da mente e do coração (Rm 12:2). E Paulo apela para deixarmos a mente de Cristo ser a nossa mente, apontando que mesmo Cristo, que era Deus, veio como um servo (Fp 2:5-7).

Em nossa visão geral dos conceitos-chave da compreensão de Ellen White sobre a educação,

FUNDAMENTO

três elementos se destacam:

- Educação adequada é, em essência, redenção.
- A educação deve ter como objetivo a preparação da pessoa como um todo e por todo o período de existência possível para os seres humanos.
- A alegria do serviço está na essência do processo educativo.

Esses conceitos não são apenas essenciais para a educação, mas também para a própria vida. Assim, devem permear qualquer abordagem genuína da teoria educacional adventista e sua prática.

Observações adicionais sobre a natureza humana

Jim Wilhoit afirma que a visão bíblica “da natureza humana não tem paralelo nas teorias seculares de educação. Esse é [portanto] o principal obstáculo para o cristão adotar qualquer outra teoria por completo”.¹³ Por essa razão, é necessário destacar, mais uma vez, o fato de que a abordagem adventista da educação deve ser sempre conscientemente desenvolvida à luz da necessidade e da condição humana. Falaremos das metas da educação adventista, neste artigo, ao analisarmos o trabalho do professor. Mas antes de abordar esse tópico, é necessário analisar vários aspectos da natureza humana que são importantes para a educação adventista.

Primeiramente, ressalta-se o estado de confusão em que educadores e alunos se encontram. Além disso, existem também as perspectivas negativas sobre a natureza humana. Nessa perspectiva, estão as afirmações de Thomas Hobbes, filósofo do século 17, que criteriosamente observou que a vida humana é “solitária, pobre, sórdida, brutal e curta”.¹⁴ Há também outras referências norteadoras, como B. F. Skinner, do século 20, e o teólogo Jonathan Edwards, do século 18. O primeiro afirmava que as pessoas não têm nem liberdade nem dignidade¹⁵; enquanto o segundo, na maioria dos seus famosos sermões, retratava os seres humanos como insetos repugnantes suspensos sobre o abismo do inferno por um Deus irado.¹⁶ Pode-se citar também o biólogo Desmond Morris, que escreveu que “há cento e noventa e três espécies vivas de macacos e símeos. Cento e noventa e dois deles são cobertos com pêlos”. Para ele, os seres humanos são essencialmente “macacos nus”.¹⁷ Será isso mesmo? Com concepções opostas às anteriores, estudiosos do Iluminismo desenvolveram a doutrina da perfectibilidade infinita da humanidade, e da bondade essencial e dignidade dos seres humanos. Psicólogos modernos como Carl Rogers reforçaram essa

perspectiva ao defender teorias de aprendizagem construídas sobre o pressuposto de que deixar as crianças “livres” o suficiente em um ambiente de aprendizagem fará com que sua bondade venha à tona naturalmente.¹⁸

Então, como educadores, no que devemos acreditar? Qual é a natureza básica de nossos alunos? Natureza animal ou com traços de divindade? Boa ou má? A resposta mais curta é “todas as opções”.

Se formos além de uma reação emocional ao darwinismo, é difícil negar que os seres humanos são animais. Compartilhamos muita coisa com o mundo animal, desde semelhanças estruturais em nossos corpos físicos até o nosso processo digestivo e respiratório. Além disso, compartilhamos muitas atividades. Pessoas e cães, por exemplo, desfrutam de um passeio em automóveis, comem boa comida e gostam de carinho. Claramente, compartilhamos muita coisa com nossos amigos cães (e outros animais).

O ponto que precisa ser enfatizado, no entanto, não é que as pessoas são animais, mas que elas são *mais* do que isso. O que é esse “algo mais”? O filósofo judeu Abraham Heschel observou que “podemos compreender a animalidade do homem com razoável clareza. A perplexidade começa quando tentamos esclarecer o que se entende por humanidade do homem”.¹⁹

E. F. Schumacher, filósofo social, observou que os humanos têm muito em comum com o reino mineral, uma vez que tanto pessoas quanto minerais são constituídos de matéria; que os humanos têm mais em comum com o reino vegetal do que com o mineral, visto que tanto as plantas quanto as pessoas têm vida além de uma base mineral. Mas ele afirma que os humanos têm mais ainda em comum com o mundo animal, uma vez que pessoas e animais têm consciência, bem como vida e uma base mineral. Contudo, observou Schumacher, só os seres humanos têm autoconsciência reflexiva. Sem dúvida, os animais pensam, disse ele, mas a unicidade da humanidade é a consciência que as pessoas têm de seu próprio pensamento. Schumacher afirmou que podemos aprender muito sobre os seres humanos, estudando-os nos reinos mineral, vegetal e animal. “De fato, tudo pode ser aprendido sobre ele, *exceto aquilo que o torna humano*.”²⁰ Por causa dessa visão essencial, é necessário buscar explicação bíblica sobre a singularidade do homem como ser criado à imagem e semelhança do divino (Gn 1:26, 27), embora essa imagem

tenha sido “quase que totalmente apagada” pela Queda (Gn 3).²¹

A questão que os educadores cristãos precisam enfrentar é como lidar com as complexidades da natureza humana. Uma coisa que precisamos reconhecer é que ninguém vive em seu completo potencial como portador da imagem de Deus. Muitos estão em níveis sub-humanos: no nível mineral, por causa da morte; no nível vegetal, por causa de um acidente que destruiu o cérebro e levou à paralisia; ou no nível animal, por viver uma vida principalmente para satisfazer seus apetites e paixões.

Poucos, é claro, vivem no nível mineral ou vegetal, mas muitos optam pelo nível animal. O provérbio de que “todo homem tem seu preço” não é brincadeira. É baseado na experiência e observação. Pense nisso por um momento. Se eu lhe oferecesse cinco dólares para que, por apenas uma vez, você cometesse um ato indecente ou desonesto que nunca seria exposto, provavelmente você recusaria. Mas se eu lhe oferecesse 500 dólares, quem sabe você começaria a pensar sobre isso. E quando chegasse a 50.000 dólares, eu teria muitos candidatos. Até mesmo os mais fortes começariam a vacilar quando a oferta aumentasse para cinco milhões e, em seguida, 50 milhões de dólares.

Os psicólogos comportamentais descobriram que o comportamento animal pode ser controlado através de recompensas e punições. Em outras palavras, os animais não têm liberdade de escolha, suas necessidades e ambientes os controlam. Através de recompensas e punições as pessoas podem treinar um animal para fazer qualquer coisa que é capaz de ser feita sob comando, inclusive passar fome até a morte.

A questão que tem dividido psicólogos, educadores, filósofos e teólogos é: “Podem os seres humanos ser treinados para fazer qualquer coisa que eles são capazes de fazer?” Quanto àqueles que vivem no nível animal, a resposta é um sim definitivo. Como animais, as pessoas que operam no nível de seus apetites e paixões podem ser controladas por recompensas e punições.

Infelizmente, muitas pessoas vivem a maior parte de sua existência no nível da sua “animalidade”. Esse fato reforça a validade aparente da alegação do behaviorismo de que os seres humanos não são livres e que o comportamento de uma pessoa pode ser moldado a qualquer padrão desejado se o controlador possui tempo e conhecimento suficientes daquele indivíduo e de seu ambiente.

O ponto que precisa ser enfatizado, no entanto, não é que as pessoas são animais, mas que elas são mais do que isso.

Mas o ponto crucial para os educadores se lembrarem é de que seus alunos podem ir além do nível animal de existência. Eles têm a capacidade de transcender o nível animal e os efeitos poderosos das técnicas behavioristas através de uma disposição de viver no nível singular humano à semelhança de Deus e aceitar o poder do Espírito Santo em sua vida.

Sendo a imagem de Deus, as pessoas podem raciocinar da causa ao efeito, e tomar decisões responsáveis e guiadas espiritualmente. Sua liberdade de escolha não é absoluta no sentido de que elas são autônomas e podem viver sem Deus. Mas é verdadeira à medida que pode escolher Jesus Cristo como Senhor e viver pelos Seus princípios, ou escolher Satanás como mestre e estar sujeito à lei do pecado e da morte (ver Rm 6:12-23).

Um educador adventista leciona em uma escola repleta de jovens em meio a uma crise de identidade que afeta a vida deles simultaneamente em vários níveis. Uma das questões mais importantes que eles enfrentam é escolher se vão viver principalmente no nível da propensão animal ou erguer-se às possibilidades divinas. Intimamente relacionadas, estão as escolhas entre o bem e o mal. Além disso, os próprios educadores estão envolvidos em uma luta diária com as mesmas questões.

Mas a grande verdade do evangelho é que cada pessoa pode tornar-se plenamente humana por meio de um relacionamento pessoal com Deus através de Jesus Cristo. Esse fato é um pilar central na educação que tem como propósito principal ajudar indivíduos a restaurar seu relacionamento com Deus, que vê cada pessoa como filho de Deus e que procura ajudar cada aluno a desenvolver seu potencial mais elevado. Ellen White enfatizou as possibilidades infinitas e eternas inerentes a cada pessoa, quando escreveu: “Mais elevado do que o sumo pensamento humano pode atingir, é o ideal de Deus para com Seus filhos. A santidade, ou seja, a semelhança com Deus é o alvo a ser atingido.”²² Transformar esse ideal a partir da potencialidade até a realidade é a função da educação adventista no lar, na escola e na igreja.

Um segundo aspecto da natureza humana que afeta a educação adventista está intimamente relacionado ao primeiro: desde a Queda, os problemas da raça humana não mudaram. Ao longo da história, os seres humanos foram afetados pela luta entre as forças do bem e do

mal. Desde a entrada do pecado, tem havido duas categorias básicas de seres humanos: aqueles que ainda estão em revolta e aqueles que aceitaram a Cristo como Salvador. A maioria das escolas e salas de aula tem alunos de ambas as orientações. Ter percepção desse fato é fundamental para educadores adventistas uma vez que precisam lidar diariamente com a complexa interação entre os dois tipos de alunos.

Em conexão ao reconhecimento da natureza humana está o fato de que os princípios subjacentes da grande controvérsia entre o bem e o mal têm permanecido constantes apesar do tempo transcorrido. Assim, as pessoas enfrentam hoje tentações e desafios básicos que Moisés, Davi e Paulo enfrentaram. É por causa da imutável natureza do problema humano através do tempo e espaço (localização geográfica), que as Escrituras são atemporais e comunicam uma mensagem universal para todos os povos. A Bíblia é um recurso vital na educação, pois aborda o ponto crucial do problema do pecado e sua solução – questões que todas as pessoas em todas as instituições educacionais devem enfrentar a cada dia.

Um terceiro aspecto da natureza humana que deve ser considerado na escola adventista é a tensão entre o indivíduo e o grupo. Por um lado, o educador cristão deve reconhecer e respeitar a individualidade, singularidade e valor de cada pessoa. A vida de Jesus foi uma lição constante com respeito à individualidade e o valor das pessoas. Seu relacionamento com os discípulos e a população em geral contrasta com a mentalidade dos fariseus, saduceus e até mesmo dos discípulos, que tendiam a ver os “outros” em termos de “o rebanho”. Uma filosofia cristã distintiva nunca pode perder de vista a importância da individualidade humana ao buscar relacionar-se à educação do aluno.

Um respeito adequado para com a individualidade não nega, no entanto, a importância do grupo. Paulo, escrevendo aos coríntios sobre dons espirituais, ressaltou o valor do todo social assim como o valor único de cada pessoa (1 Co 12:12-31). Escreveu que o corpo (grupo social) será saudável quando a importância e a singularidade de seus membros individuais forem respeitadas. Isso vale para instituições de ensino bem como para igrejas. A sala de aula saudável, a partir dessa perspectiva, não é caracterizada pelo individualismo ilimitado, mas é um lugar em que o respeito à individualidade é equilibrado com

Os educadores cristãos enxergam além da conduta externa, chegando ao centro do problema humano: o pecado, a separação da vida e do caráter de Deus.

o respeito pelas necessidades do grupo.

Um último ponto importante sobre a natureza humana é que toda pessoa é importante para Deus. Tocamos nesse tópico anteriormente ao lidar com a ênfase de Ellen White sobre a totalidade na educação, mas precisamos expandilo. A educação tradicional elevou a dimensão mental dos alunos acima da dimensão física, enquanto algumas abordagens modernas têm feito exatamente o oposto. No entanto, outros têm enfatizado o aspecto espiritual. Mas tudo o que afeta uma parte de um ser humano acabará afetando o todo. O equilíbrio entre os aspectos espiritual, social, físico e mental de uma pessoa é o ideal, conforme ilustrado no desenvolvimento de Jesus (Lc 2:52). Parte do dilema atual da humanidade é que, desde a Queda, as pessoas têm sofrido com a falta de saúde e equilíbrio em cada uma dessas áreas, bem como em sua inter-relação. Dessa forma, parte da função educativa da redenção é restaurar pessoas à saúde em cada um desses aspectos e em seu ser total. A restauração da imagem de Deus tem, portanto, ramificações sociais, espirituais, mentais e físicas, assim como a educação. Tal compreensão terá um impacto definitivo nas escolhas curriculares.

Os educadores cristãos, compreendendo a complexidade dos alunos, percebem que cada um é um candidato para o reino de Deus e merece a melhor educação que pode ser oferecida. Os educadores cristãos enxergam além da conduta externa, chegando ao centro do problema humano: o pecado, a separação da vida e do caráter de Deus. Em seu sentido mais amplo, a educação cristã é redenção, restauração e reconciliação. Como resultado, cada escola adventista deve procurar alcançar um equilíbrio entre os aspectos social, espiritual, mental e físico de cada aluno em todas as suas atividades. A finalidade e o objetivo da educação adventista é a restauração da imagem de Deus em cada estudante e a reconciliação dos estudantes com Deus, com os semelhantes, consigo mesmos e com o mundo natural. Essas percepções nos remetem ao papel do professor adventista.

O papel do professor e os objetivos da Educação Adventista

Dentro da escola, o professor é o elemento-chave no sucesso educativo, pois ele é a pessoa que comunica o currículo para o estudante. A melhor maneira de garantir resultados satisfatórios na educação não é aperfeiçoando instalações,

métodos ou tendo um currículo mais adequado – sem descartar a importância desses itens –, mas contratando e mantendo bons professores. Elton Trueblood falou sobre esse ponto quando observou que “se há qualquer conclusão sobre a qual há acordo claramente visível em nossa filosofia atual da educação diz respeito à importância suprema do bom professor. É fácil imaginar uma boa faculdade com edifícios simples, mas não é possível pensar em uma boa faculdade com professores despreparados.”²³ O mesmo, é claro, vale para escolas de ensino fundamental e médio. Trueblood escreveu em outro contexto que “é melhor ter ensino brilhante em barracos do que ter ensino tosco em palácios.”²⁴

Há alguns anos, o estudo maciço de James Coleman sobre as escolas americanas apoiou essas observações empiricamente. Ele descobriu que os fatores escolares com maior influência sobre a educação (independentemente do contexto familiar) foram as características do professor, não as instalações ou o currículo.²⁵ Empregar professores preparados é também o elemento principal na melhoria do impacto espiritual de um programa educativo. Roger Dudley, em seu estudo sobre os alunos de ensino médio adventistas nos Estados Unidos, descobriu que “nenhum outro fator foi tão fortemente relacionado à rejeição da religião por parte do adolescente como a questão da sinceridade religiosa de seus professores.”²⁶

Se a qualidade dos professores é o fator crucial para o sucesso em um sistema escolar que visa apenas preparar as pessoas para viver e trabalhar nesta Terra, quanto mais importante é esse fator na educação que tem como objetivo preparar os jovens para a eternidade! Dessa forma, é de extrema importância que pais adventistas, professores, administradores e diretores das comissões escolares compreendam o ministério do ensino, e saibam como ele ajuda uma escola a alcançar seus objetivos e a definir as qualificações essenciais daqueles que são chamados para realizar a impressionante tarefa de moldar a próxima geração.

Ensinar é uma forma de Ministério

Como a educação e a redenção são uma coisa só,²⁷ o ensino adventista, por definição, é uma forma de ministério cristão e uma função pastoral. O Novo Testamento define claramente o ensino como um chamado divino (Ef 4:11, 1Co 12:28; Rm 12:6-8). Além disso, as Escrituras não separaram as funções de ensinar e pastorear.

Pelo contrário, Paulo escreveu a Timóteo que um bispo (pastor) deve ser “apto para ensinar” (1Tm 3:2).²⁸ Ao escrever aos Efésios que “uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres” (Ef 4:11), Paulo usou uma construção grega que indica que a mesma pessoa ocupa os dois cargos de pastor e professor. F. F. Bruce, comentando essa passagem, observou que “os dois termos ‘pastores e mestres’ denotam uma mesma classe dos homens”.²⁹ Por outro lado, as Escrituras listam os outros dons separadamente. A importância desse ponto é que esses dois dons não devem ser divididos se queremos que eles permaneçam funcionais. Os pastores não só devem cuidar da alma do seu rebanho, mas também ensinar por preceito e exemplo tanto a indivíduos quanto ao corpo coletivo da igreja. Professores, da mesma forma, não devem se limitar a transmitir a verdade, mas também devem se comprometer em cuidar dos indivíduos sob sua tutela. Assim, os professores cristãos desempenham uma função pastoral para com seus alunos.

A principal diferença entre os papéis de pastores e mestres em nossos dias tem a ver com a divisão atual do trabalho. Na sociedade do século 21, o professor cristão pode ser visto como um pastor no contexto da “escola”, enquanto o pastor é aquele que ensina à “comunidade religiosa mais ampla”. É importante lembrar que sua função é essencialmente a mesma, muito embora pelas definições de hoje eles têm se encarregado de diferentes divisões da vinha do Senhor.

Ensinar os jovens não é apenas uma função pastoral, mas também uma das formas mais eficazes de ministério, uma vez que abrange todo um grupo que está ainda em idade mais suscetível. O reformador Martinho Lutero reconheceu esse fato quando escreveu: “Se eu tivesse que desistir da pregação e de meus outros compromissos, não há ofício que eu preferiria ter ao de ser professor de uma escola. Pois eu sei que ao lado do ministério [pastoral] ele é o mais útil, o maior e o melhor. Não tenho certeza de qual dos dois deve ser o preferido. Pois é difícil fazer de cães velhos, dóceis; velhos desonestos, piedosos. Mas isso é o que o ministério faz e deve fazer. Na maioria das vezes, em vão. Mas árvores jovens [...] são mais facilmente dobradas e treinadas. Portanto, deve-se considerar uma das mais altas virtudes na Terra a de educar fielmente os filhos dos outros. Esse dever é dos pais, mas poucos se dedicam a isso.”³⁰

RESTAURAÇÃO

MINISTÉRIO

A integração mais clara e mais completa do dom de professor-pastor pode ser vista no ministério de Cristo. Um dos termos com os quais as pessoas muitas vezes o abordavam era o de “Mestre”. O real significado dessa palavra é “Professor”. Cristo pode ser visto como o melhor exemplo de ensino em termos de metodologia e relacionamentos interpessoais significativos. Um estudo dos Evangelhos a partir da perspectiva de Cristo como professor irá contribuir muito para a nossa compreensão de instrução cristã ideal.

Examinaremos a metodologia de ensino de Cristo em uma seção subsequente. Mas aqui vamos estudar o aspecto relacional de Seu ministério de ensino, um tema especialmente importante, pois bons relacionamentos estão no centro do ensino bem-sucedido. Várias declarações de Ellen White oferecem uma visão sobre esse tópico.

Parte da razão do sucesso do ministério de Cristo era que as pessoas sabiam que Ele realmente se importava com elas. Por exemplo, lemos que “em Sua obra como ensinador público, Cristo nunca perdeu de vista as crianças. [...] Sua presença jamais as intimidava. Seu grande coração de amor compreendia-lhes as provações e necessidades, e encontrava satisfação em suas singelas alegrias; tomava-as nos braços, e abençoava-as”.³¹ As crianças são bastante perceptivas. Elas podem dizer depois de conversar com um adulto se essa pessoa está apenas ouvindo suas “pequenas” alegrias e preocupações para ser educado ou se sente genuíno interesse – se ele realmente se importa. Quantas vezes nós, como pais ou professores, escutamos nossos filhos, acenamos com a cabeça e depois os mandamos brincar sem ter a menor ideia do que eles estavam tentando comunicar? Uma maneira excelente de afastar as crianças é deixá-las sentir que os adultos estão mais preocupados com os pensamentos adultos “importantes” do que com seu bem-estar. Ellen White sugeriu que mesmo se os professores tiverem qualificações literárias limitadas, se eles realmente se importarem com seus alunos, percebendo a magnitude de sua tarefa e se tiverem uma vontade de melhorar, eles terão sucesso.³² Bem no centro do ministério de ensino de Cristo estava o interesse pelas pessoas.

Essa relação em Seu caso comunicava um espírito de confiança a respeito das possibilidades de cada vida. Assim, muito embora “Cristo reprovava com fidelidade. [...] Em cada ser humano, apesar de decaído, contemplava um filho de Deus, ou alguém que poderia ser restaurado aos privilégios

de seu parentesco divino. [...] Olhando aos homens em seu sofrimento e degradação, Cristo entrevia lugar para esperança onde apenas apareciam desespero e ruína. Onde quer que se sentisse a percepção de uma necessidade, ali via Ele oportunidade para reerguimento. As pessoas tentadas, derrotadas, que se sentiam perdidas, prontas a perecer, Ele defrontava, não com acusações mas com bênçãos. [...] Em cada ser humano, Ele divisava infinitas possibilidades. Via os homens como poderiam ser, transfigurados por Sua graça. [...] Olhando para eles com esperança, inspirava-lhes esperança. Encontrando-os com confiança, inspirava-lhes confiança. Revelando em Si mesmo o verdadeiro ideal do homem, despertava para a realização desse ideal tanto o desejo quanto a fé. Em Sua presença, as pessoas desprezadas e caídas compreendiam que ainda eram humanas, e anelavam mostrar-se dignas de Seu olhar. Em muitos corações que pareciam mortos para as coisas santas, despertavam-se novos impulsos. A muito desesperançado abriu-se a possibilidade de uma nova vida. Cristo ligou os homens ao Seu coração pelos laços da dedicação e do amor”.³³

Essa citação ressalta o próprio espírito do ministério de ensino de Cristo que fez dEle tal força para o bem na vida daqueles que Ele ensinou. A declaração em si contém o último desafio para professores, pais e todos os outros que trabalham com seres humanos. Ver possibilidades infinitas em cada pessoa, ver esperança no que parece sem esperança, levar uma infusão da graça de Deus. Essa é a chave para um bom ensino. A alternativa é olhar para os desesperançados e, assim, inspirar esperança. O psicólogo Arthur Combs cita vários estudos e pesquisas que indicam que os bons professores podem ser claramente distinguidos dos inadequados na base do que eles acreditam sobre as pessoas.³⁴ Em uma tendência similar, William Glasser, o psiquiatra que desenvolveu “a terapia da realidade”, acredita que falhas tanto na escola quanto na vida encontram suas raízes em dois problemas: incapacidade de amar e a incapacidade de alcançar o valor próprio.³⁵ Desenvolvemos nossa autoestima a partir das percepções de outros sobre nós. Quando os pais e professores constantemente dão mensagens de que as crianças são estúpidas, delinquentes e um caso perdido, eles estão moldando a noção de autoestima desses jovens, e eles a demonstrarão em sua vida diária.

Felizmente, a profecia autorrealizável também funciona no sentido positivo. Earl Pullias e Ja-

mes Young apontam que “quando as pessoas são convidadas para descrever o professor que fez o máximo por elas, frequentemente mencionam um só professor. Em geral, o único que acreditou nelas, viu seus talentos especiais, não só reconheceu o que elas eram, mas o que elas queriam ser e poderiam se tornar. E essas pessoas começaram a aprender mais não só na área de seu interesse especial, mas em muitas outras.” Como tal, um professor é um inspirador de visão.³⁶

Por outro lado, a capacidade de Cristo para ver o potencial em cada pessoa não implicou em uma cegueira às limitações humanas. Dentro da perspectiva bíblica, ninguém tem todo talento. Entretanto, todo mundo tem algum talento. Às vezes os alunos precisam de uma orientação definida para áreas em que sua personalidade e dons naturais irão torná-los mais eficazes. Era assim no ministério de Cristo. Ele conhecia as necessidades especiais e as potencialidades de Pedro, João e André, e os guiou em conformidade.

Embora a relação afetuosa tenha sido fundamental no ministério de ensino de Cristo, essa relação foi cuidadosamente equilibrada na prática diária. Assim, Ellen White escreve que Ele “manifestava coerência sem obstinação, benevolência sem fraqueza, ternura e compassividade sem sentimentalismo. Era altamente sociável, possuía, no entanto uma reserva que desanimava qualquer familiaridade. Sua temperança nunca descambava para o fanatismo ou para a austeridade. Não Se conformava com o mundo, e, todavia, estava atento às necessidades dos mais humildes entre os homens”.³⁷

Professores adventistas e outras pessoas interessadas no sistema de educação da igreja ganharão muito através de um estudo de Cristo como Mestre. Tal estudo também os colocará em contato direto com os objetivos e metas da educação cristã.

Principal objetivo da educação e o professor adventista como agente de redenção

Já observamos que a partir da perspectiva bíblica e da perspectiva de Ellen White, a maior necessidade humana é entrar em um relacionamento direto com Deus. Dito de outra forma, o estado de perdição humana oferece o propósito da educação cristã. A maior necessidade humana é tornar-se “não perdida”. Assim, Jesus afirmou que Ele veio “buscar e salvar o perdido” (Lc 19:10). Tal busca e salvação é o tema da Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse.

Às vezes os alunos precisam de uma orientação definida para áreas em que sua personalidade e dons naturais irão torná-los mais eficazes.

Lucas 15, que registra as parábolas da ovelha perdida, da dracma perdida e do filho pródigo é especialmente pertinente quando pensamos no papel do professor cristão. A partir da perspectiva desse capítulo, o professor é aquele que procura e tenta ajudar os perdidos e os que estão presos ao pecado, independentemente de eles serem como (1) ovelhas (sabem que estão perdidos, mas não sabem como chegar em casa), (2) a moeda e o filho mais velho (não têm noção espiritual suficiente para perceber sua própria perdição), ou (3) o filho mais novo (sabe que está perdido e sabe como chegar em casa, mas não quer voltar até que termine sua rebelião). A perdição tem muitas faces, todas exibidas em cada escola e sala de aula. Mas tanto rebeldes quanto fariseus e todos os outros tipos de seres humanos têm uma necessidade comum: tornarem-se “não perdidos”. Assim, não é de se admirar que Cristo tenha identificado o princípio central de Seu ministério como sendo buscar e salvar o perdido (Lc 19:10).

A essas passagens pode ser adicionada a experiência de Jesus com os samaritanos ingratos e pouco hospitaleiros quando lhe negaram um lugar para ficar porque perceberam que Ele estava a caminho de Jerusalém. Na ocasião, Tiago e João ficaram irritados com a ingratidão dos samaritanos e pediram a permissão de Jesus para fazer descer fogo do céu para destruí-los. Jesus respondeu que “o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las” (Lc 9:51-56).

O principal objetivo da vida de Cristo e da educação cristã pode também ser encontrado no verso-chave do evangelho de Mateus, que predisse que Maria daria à luz um filho que iria salvar “o seu povo dos pecados deles” (Mt 1:21). O mesmo pensamento é exposto por João, quando afirmou: “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele” (Jo 3:16, 17).

Os professores adventistas são agentes de Deus no plano de redenção e reconciliação. Como Cristo, sua função principal é “buscar e salvar o que estava perdido”. Eles devem estar dispostos a trabalhar no espírito de Cristo, para que seus alunos sejam colocados em harmonia com Deus através do sacrifício de Jesus, para que sejam restaurados à imagem de Deus.

Ensino é muito mais do que transmitir in-

formação e preencher a cabeça dos alunos com conhecimento. É mais do que prepará-los para o mundo do trabalho. A função principal do professor cristão é a de se relacionar com o Mestre dos mestres de tal forma que ele se torne um agente de Deus no plano da redenção.

Edwin Rian ressaltou esse ponto quando observou que a maioria dos escritores da área de filosofia educacional, independentemente de suas perspectivas filosóficas e religiosas, “concorda em considerar o problema do ‘pecado e da morte’, que é o problema do homem, de acordo com a teologia paulina e a teologia da reforma protestante, como irrelevantes às questões dos objetivos e processo de educação”. Tal posição, afirma Rian, pode levar a uma “educação equivocada e provocar frustração no indivíduo e na comunidade”. Da perspectiva da condição humana, o autor destacou a “*educação como conversão*”.³⁸ Herbert Welch, que foi reitor da Universidade Wesleyan de Ohio no início do século 20, destacou o mesmo ponto quando afirmou que “ganhar seus alunos do pecado para a retidão é [...] a maior realização de um colégio cristão.”³⁹

A educação cristã é a única educação que pode satisfazer as necessidades mais profundas da humanidade, porque apenas os educadores cristãos entendem o cerne do problema humano. O objetivo redentor da educação cristã é o que faz com que ela seja cristã. O principal objetivo da educação cristã na escola, no lar e na igreja é levar as pessoas a um relacionamento de salvação com Jesus Cristo. Esse relacionamento restaurado cura a principal alienação apontada em Gênesis 3 – aquela entre os homens e Deus. E a cura para o relacionamento Deus/homem prepara o terreno para a remoção de outras alienações básicas da humanidade. Assim, a educação é uma parte do grande plano de redenção ou expiação de Deus. Seu papel é ajudar a trazer o ser humano de volta a uma unidade com Deus, com o semelhante, consigo mesmo e com o mundo natural. Toda a mensagem da Bíblia aponta para o dia em que a obra de restauração será completa e a condição edênica será restaurada no reino da natureza por causa da cura das muitas formas de sua perdição humana (Ap 21, 22; Is 11:6-9; 35).

A Queda foi ocasionada pelo fato de os seres humanos terem colocado a si mesmos, em vez de Deus, no centro de sua vida. A redenção recoloca Deus como o ponto central da existência pessoal. É uma experiência dinâmica que tem muitos nomes, incluindo conversão e novo nas-

A função principal do professor cristão é a de se relacionar com o Mestre dos mestres de tal forma que ele se torne um agente de Deus no plano da redenção.

cimento. A Bíblia também se refere a ela como a obtenção de um novo coração e mente. Paulo descreveu vividamente a experiência, quando afirmou que o cristão é alguém que teve sua maneira de pensar e viver totalmente transformada (Rm 12:2). A Palavra grega que ele usou para *transformação* é “metamorfose”, o termo que usamos para indicar a mudança que ocorre quando uma lagarta se torna uma borboleta. É uma mudança radical que envolve uma descontinuidade com o passado e um novo começo. Carlyle B. Haynes sintetizou a natureza central dessa experiência quando escreveu que “a vida cristã não é uma modificação qualquer da vida passada; não é uma qualificação dela, nem um desenvolvimento, progressão, cultura, refinamento ou educação. Definitivamente, a vida cristã não é construída sobre a vida anterior. Não cresce a partir da antiga. É inteiramente outra vida – totalmente nova. É a própria vida de Jesus Cristo em minha carne.”⁴⁰

A maior necessidade do aluno é de um renascimento espiritual que coloque Deus no centro da existência diária. Paulo observou que tal renovação é uma experiência diária (1Co 15:31), e Jesus ensinou que o Espírito Santo realiza a transformação (Jo 3:5, 6). A educação cristã é, portanto, impossível sem o poder dinâmico do Espírito Santo.

Ellen White escreveu que na educação “a coisa de maior importância deve ser a conversão de seus alunos, para que tenham novo coração e vida. O objetivo do Grande Mestre é a restauração da imagem de Deus na alma, e todo professor em nossas escolas deve trabalhar em harmonia com esse propósito”.⁴¹ A educação adventista pode se construir sobre o fundamento da experiência do novo nascimento para atingir seus outros objetivos e propósitos. Mas se ela falhar nesse ponto fundamental, falhará por completo.

Alguns objetivos secundários da Educação Adventista

A cura da alienação do homem em relação a Deus estabelece o parâmetro para cura de suas outras alienações básicas com a qual se relacionam os objetivos secundários da educação. Temos repetidamente observado que a educação é uma parte do grande plano de redenção ou expiação de Deus; que o papel da educação é ajudar a trazer pessoas de volta à unidade com Deus, com os semelhantes, consigo mesmas e com o mundo natural. Dentro desse contexto, o ponto focal do

ensino cristão é a restauração do relacionamento quebrado entre os indivíduos e Deus. Esse, por sua vez, prepara o caminho para a educação cristã realizar seus objetivos secundários, tais como o desenvolvimento do caráter, a aquisição de conhecimento, a preparação para o trabalho e o desenvolvimento social, emocional e físico dos estudantes.

O desenvolvimento do caráter é certamente um dos principais objetivos da educação adventista. Ellen White observou que o caráter determina o destino tanto para esta vida quanto para a que está por vir e que “a formação do caráter é a obra mais importante que já foi confiada a seres humanos”.⁴² C. B. Eavey relacionou o desenvolvimento do caráter à finalidade básica da educação, quando afirmou que “o objetivo fundamental da educação cristã é trazer o indivíduo a Cristo para a salvação. Antes que um homem de Deus possa ser perfeito, deve haver um homem que seja aperfeiçoado por Deus, sem o novo nascimento, não há homem de Deus”.⁴³ Em outras palavras, o verdadeiro caráter pode se desenvolver apenas no cristão nascido de novo. Quando equacionamos o objetivo primordial da educação cristã – levar os alunos a uma relação com Cristo – com conceitos teológicos, tais como a conversão, novo nascimento e justificação, a consequência é que o desenvolvimento do caráter, como um objetivo secundário, deve ser sinônimo de santificação e crescimento cristão na graça.

Tal comparação é exatamente o que encontramos nos escritos de Ellen White. “A grande obra dos pais e dos mestres”, ela descreveu, “é a formação do caráter – restaurar a imagem de Cristo nos que se acham sob seus cuidados. O conhecimento das ciências torna-se insignificante em comparação com esse grande objetivo; mas toda verdadeira educação pode se tornar auxiliar no desenvolvimento de um caráter reto. A formação do caráter é obra de toda a existência e permanece para a eternidade.”⁴⁴

O desenvolvimento do caráter e a santificação são essencialmente dois nomes para o mesmo processo. Educadores e teólogos têm, infelizmente, desenvolvido vocabulários diferentes para descrever o mesmo processo. Nesse ponto, é importante lembrar que o conceito de desenvolvimento do caráter cristão é a antítese do ponto de vista humanista, o que implica apenas em um refinamento da pessoa natural, não renovada. O desenvolvimento do caráter cristão nunca ocorre fora da experiência de conversão ou à parte de Cristo e da atuação do Espírito Santo (Fp 2:12,

13; Jo 15:1-17). Somente o poder dinâmico do Espírito Santo pode desenvolver a imagem de Deus no indivíduo e reproduzir o fruto do Espírito – amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e autocontrole – na vida de cada aluno (Gl 5:22-24). Hans LaRondelle indicou que pelo menos parte do processo de restauração ocorre à medida que vemos a “atraente beleza do caráter de Cristo”. Através dessa experiência assimilamos Sua imagem.⁴⁵ Assim é imperativo que todos os aspectos da educação adventista – o caráter do professor, o currículo, os métodos de disciplina e todos os outros aspectos – reflitam Cristo.

Jesus Cristo é o começo, o meio e o fim da educação adventista. O Espírito Santo pretende implantar a semelhança do caráter de Cristo em cada um de nós como educadores, em nossos filhos e estudantes. O Espírito usa os pais, professores e outros educadores como agentes ou mediadores da salvação. Mas cada pessoa deve, continuamente, entregar sua vontade ao poder de Deus que nos preenche e, então, seguir as instruções do Espírito Santo em sua vida. O desenvolvimento do caráter é um ato da graça de Deus, tanto quanto a justificação. Por causa de seu papel vital, a ciência do desenvolvimento do caráter deve formar um pilar central na preparação de professores, pais e outros em posições de influência educacional.

A educação adventista tem, obviamente, outras metas secundárias tais como a aquisição de conhecimento e preparação para o mundo do trabalho, mas tais metas são “insignificantes” quando comparadas à obra redentora da educação, que se refere à conversão e ao desenvolvimento do caráter.⁴⁶ Afinal, “que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mt 16:26).

Além do desenvolvimento de caráter, outro objetivo secundário da educação cristã é o desenvolvimento de uma mente cristã. É certo que essa tarefa envolve a transmissão de informações, mas ela é muito mais ampla que isso. Significa ajudar os alunos a ganhar uma maneira de ver a realidade e organizar o conhecimento no âmbito da visão de mundo cristã. Gene Garrick assinalou a importância secundária da aquisição de conhecimento quando escreveu que “não pode haver verdadeiramente uma mente cristã sem o novo nascimento, uma vez que a verdade espiritual é apreendida e aplicada espiritualmente (1 Co 2:1-16)”.⁴⁷

REDEENÇÃO

SERVIÇO

Vamos voltar à discussão do desenvolvimento da mente cristã mais detalhadamente na seção sobre currículo. Mas antes de finalizar o tópico, é importante ressaltar que um cristão nunca visa a ganhar conhecimento – mesmo bíblico ou cristão – como um fim em si mesmo. Na aquisição de conhecimentos e no desenvolvimento de uma mente cristã, professores cristãos nunca devem perder de vista seu objetivo final com relação a seus alunos: serviço mais eficaz a Deus e ao semelhante. Assim, o conhecimento, a partir de uma perspectiva cristã, é instrumental e não um fim em si mesmo.

Outro objetivo secundário da educação adventista é maximizar a saúde física e emocional. Ellen White escreveu que: “Desde que o espírito e a alma encontram expressão mediante o corpo, tanto o vigor mental quanto o espiritual dependem em grande parte da força e atividade física. O que quer que promova a saúde física, promoverá o desenvolvimento de um espírito robusto e um caráter bem equilibrado. Sem saúde ninguém pode compreender distintamente suas obrigações, ou completamente cumpri-las para consigo mesmo, seus semelhantes ou seu Criador. Portanto, a saúde deve ser tão fielmente conservada quanto o caráter. Um conhecimento de fisiologia e higiene deve ser a base de todo esforço educativo.”⁴⁸

Porque os seres humanos não são simplesmente espirituais, ou mentais, físicos ou máquinas, mas criações holísticas nas quais o desequilíbrio em um aspecto de sua natureza afeta o todo, é também crucial que o sistema educacional promova saúde emocional. Afinal de contas, indivíduos irados e deprimidos não podem se relacionar com Deus nem com seus semelhantes de uma forma funcional. Assim como a Queda fraturou a imagem de Deus no homem de forma espiritual, social, mental e física, assim deve a educação visar restaurar a saúde e a integridade em cada uma dessas áreas e na sua inter-relação umas com as outras. Um objetivo final secundário da educação adventista é preparar os estudantes para o mundo do trabalho, um tema sobre o qual Ellen White teve muito a dizer. Na sua perspectiva, o trabalho útil é uma bênção tanto para o indivíduo quanto para a comunidade e “parte do grande plano de Deus para que sejamos recuperados da queda”.⁴⁹ A preparação da carreira, no entanto, como todos os outros aspectos da vida cristã, não pode ser separada das questões do novo nascimento, desenvolvimento do caráter, desenvolvimento

de uma mente cristã, alcance de um bem-estar físico e mental e desenvolvimento de um senso de responsabilidade social. A vida cristã é uma unidade, e cada um de seus aspectos interage com os outros e com a pessoa toda. Assim, os professores adventistas vão incentivar seus alunos a ver até mesmo as ocupações chamadas de seculares dentro do contexto de uma vocação maior do indivíduo como um servo de Deus e da humanidade. Essa ideia nos leva ao objetivo máximo da educação adventista.

Objetivo máximo da Educação Adventista

A vida de Jesus foi de serviço à humanidade. Ele veio ao nosso planeta para doar-Se em benefício dos outros. Assim, Seus seguidores têm a mesma função, e o resultado final (ou seja, o desfecho) da educação é preparar alunos para essa tarefa. Nesse contexto, Herbert Welch concluiu que a educação “por si só é tão ruim como a arte pela arte, mas a cultura mantida em confiança para capacitar uma pessoa para melhor servir aos semelhantes, o sábio em prol do ignorante, o forte em prol dos fracos,” é o objetivo mais elevado da educação. “O cristão”, ele afirmou, “que não encontra sua expressão no serviço, não é digno desse nome”.⁵⁰ Ellen White concordou. Ao iniciar e finalizar seu clássico *Educação* com a “alegria” do serviço, ela considerou esse fato como a “mais elevada educação”.⁵¹ “O verdadeiro ensinador”, observou ela, “não se satisfaz com trabalho de segunda ordem. Não se contenta com encaminhar seus estudantes a um padrão mais baixo do que o mais elevado que lhes é possível atingir. Não pode contentar-se com lhes comunicar apenas conhecimentos técnicos, fazendo deles meramente hábeis contabilistas, destros artistas, prósperos homens de negócio. É sua ambição incutir-lhes os princípios da verdade, obediência, honra, integridade, pureza - princípios que deles farão uma força positiva para a estabilidade e o reerguimento da sociedade. Ele quer que eles, acima de tudo mais, aprendam a grande lição da vida sobre o trabalho altruísta.”⁵²

A Figura 1⁵³ indica que a conversão, o desenvolvimento do caráter, a aquisição de uma mente cristã madura, boa saúde e a preparação profissional não são fins em si mesmos. Cada um é, ao contrário, um elemento essencial na preparação da pessoa para o serviço à humanidade como parte do plano de Deus para curar a alienação entre as pessoas que se desenvolveu depois da

Queda. A essência do amor cristão e do caráter de Cristo é o serviço aos outros.

Os professores devem ajudar seus alunos a perceber que a maioria das pessoas teve suas prioridades educacionais distorcidas. Ouvimos os seguintes sentimentos: “A sociedade me deve uma boa vida por causa de todos os anos que passei estudando.” “Eu mereço os benefícios da boa vida por causa do que eu realizei.” Mesmo aqueles que se dizem cristãos, muitas vezes expressam, ou pelo menos dão a entender, tais sentimentos. Infelizmente, essas ideias representam a antítese do objetivo máximo do cristianismo.

É moralmente errado as pessoas usarem os benefícios da educação, um dom da sociedade, para o autoengrandecimento. George S. Counts escreveu a partir de uma perspectiva humanista que “a cada passo, a obrigação social que as vantagens de uma educação universitária oferece devem ser enfatizadas. Muitas vezes temos pregado o valor monetário de uma educação universitária; temos também espalhado amplamente a convicção de que o preparo é vantajoso, pois permite o indivíduo ir em frente; muito insidiosamente temos disseminado a doutrina de que a faculdade abre caminhos para a exploração dos homens menos capazes. A educação superior envolve uma responsabilidade superior [...]; essa verdade fundamental deve ser gravada sobre todos os destinatários de suas vantagens. Em tempo e fora de tempo, o serviço social, e não o avanço individual, deve ser o motivo da educação universitária.”⁵⁴ Se Counts, a partir de uma perspectiva secular, viu esse fato de forma tão clara, então o cristão comprometido deveria reconhecê-lo muito mais distintamente.

A mensagem da parábola dos talentos diz que quanto maior os dons naturais de uma pessoa e suas oportunidades para o desenvolvimento, maior será sua responsabilidade em representar Cristo no serviço fiel àqueles com necessidades mentais, espirituais, sociais, emocionais ou físicas (Mt 25:14-30).

O professor cristão tem a responsabilidade não só de ensinar o ideal de serviço, mas também de representá-lo. Assim, a principal tarefa da educação cristã é “ajudar os alunos a descobrir seus dons (presentes) dados por Deus” para que eles possam encontrar seu propósito no serviço aos outros.⁵⁵

Concluindo, deve ser enfatizado que o serviço cristão é uma resposta ao amor de Deus em vez de um humanitarismo altruísta que ainda permite que as pessoas se orgulhem de sua bondade

pessoal e de seu sacrifício. A gratidão cristã a Deus pela salvação inspira o cristão a se tornar um canal do amor de Deus, participando em Seu ministério de reconciliação.

Em certo sentido, como podemos notar na Figura 1, o desenvolvimento do caráter lança as bases para o serviço. Mas esse serviço também ajuda a desenvolver o caráter (por isso, as duas setas formam uma mão dupla entre o desenvolvimento do caráter e o serviço). Como resultado, os dois trabalham em conjunto, cada um contribuindo com o outro. É evidente dizer que o desenvolvimento do caráter não pode ocorrer sem o serviço, mas é igualmente verdade que o caráter conduz ao serviço.

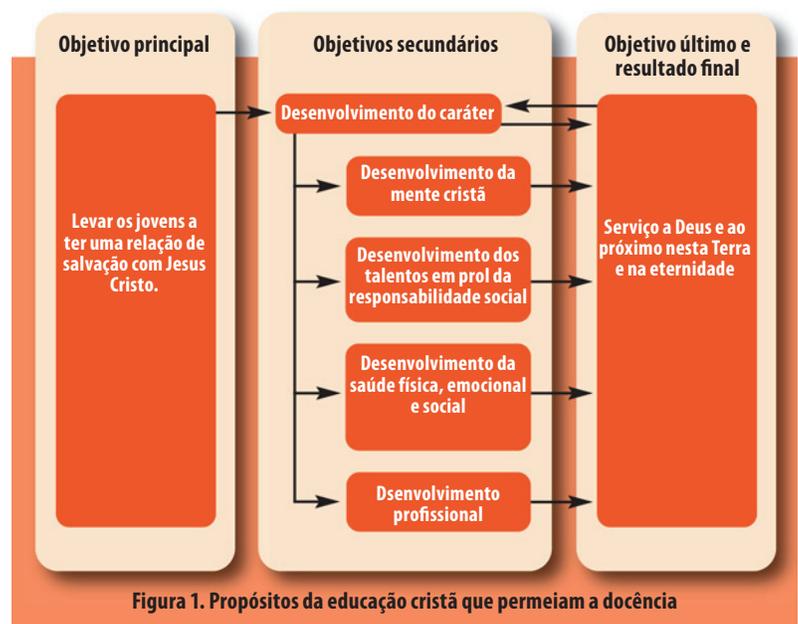


Figura 1. Propósitos da educação cristã que permeiam a docência

Os professores devem procurar incutir em seus alunos a convicção de que o serviço cristão não é algo que começa após a graduação ou quando forem mais velhos. Pelo contrário, é parte integrante da vida de um cristão a partir do momento da conversão. Os professores na igreja, em casa e na escola precisam proporcionar aos seus alunos oportunidades para servir aos outros tanto dentro quanto fora de suas comunidades religiosas. Em suma, uma função crucial do ensino cristão é ajudar os alunos não só a internalizar o amor de Deus, mas também a externalizá-lo. Os professores, como agentes da redenção, precisam ajudar seus alunos a descobrir seu papel pessoal no plano de Deus de reconciliação e restauração.

Qualificações do professor adventista

Devido à centralidade do professor no processo educacional, é absolutamente essencial que os professores estejam em harmonia com a filosofia e metas das escolas para as quais eles lecionam. Com isso em mente, Frank Gaebelien escreveu que não pode haver “educação cristã sem professores cristãos.”⁵⁶ Isso é tão verdadeiro que *não pode haver educação adventista sem professores adventistas*. Esse fato é devido à compreensão doutrinária distintiva e à missão apocalíptica que separa o adventismo das outras perspectivas cristãs e deve inspirar o conteúdo da educação adventista.

A seleção de professores qualificados e de funcionários consagrados para a escola é de importância crucial devido ao seu papel influente no processo de educação. Nesse sentido, Ellen White enfatizou que “ao escolher professores, usemos a máxima cautela, sabendo ser uma questão tão séria quanto a escolha de pessoas para o ministério. Essa escolha deve ser feita por homens sábios, aptos a discernir qualidades, pois para educar e moldar o espírito dos jovens para desempenhar com êxito os diversos segmentos da obra, necessitam-se os melhores talentos que se possam conseguir.”⁵⁷ Ninguém quer contratar médicos sem qualificação, advogados ou pilotos de avião, mesmo que sejam “mais baratos”. Por que deveria haver descuido na contratação de professores qualificados: pessoas que trabalham com as entidades mais valiosas da Terra, a geração futura?

De fundamental importância para o professor cristão está a qualificação espiritual. Isso decorre do fato de a essência do problema humano ser o pecado ou uma desorientação espiritual em relação a Deus. É o pecado, como observamos anteriormente, que está na raiz de todas as alienações e outras desorientações que são tão destrutivas para indivíduos e sociedades. A Bíblia ensina que a humanidade em sua condição “natural” está sofrendo de uma forma de morte espiritual (Gn 3), e que a maior necessidade das pessoas é a de um renascimento espiritual (Jo 3:3, 5). C. B. Eavey escreveu que “só aquele que foi feito uma nova criatura em Cristo pode ser um mediador da graça de Deus ou nutrir os outros nessa graça”. Como resultado, aqueles que ministram a educação cristã “devem ter em si mesmos a vida de Cristo e ser imbuídos pelo Espírito de Deus. A educação cristã não é uma mera questão da atividade humana, mas o encontro das pessoas com Deus em Cristo”.⁵⁸

Por que deveria haver descuido na contratação de professores qualificados: pessoas que trabalham com as entidades mais valiosas da Terra, a geração futura?

Ellen White expande essa ideia quando escreve que “unicamente a vida pode gerar vida. Só aquele que está ligado com a Fonte da vida, e esse tão-somente, pode ser um conduto de vida. A fim de o mestre poder realizar o objetivo de sua obra, deve ser uma viva encarnação da verdade, um canal vivo por onde possam fluir a sabedoria e a vida. Uma vida pura, resultado de sãos princípios e de hábitos corretos, deve ser, portanto, considerada seu mais importante requisito.”⁵⁹

Assim, a qualificação principal para os professores adventistas é que eles tenham um relacionamento pessoal de salvação com Jesus. Se a vida espiritual está em harmonia com a vontade revelada de Deus, eles vão ter uma reverência pelo sagrado e seu exemplo diário será um dos benefícios que seus alunos poderão usufruir.

A segunda qualificação diz respeito à capacidade e ao desenvolvimento mental. “Conquanto os retos princípios e os hábitos corretos sejam de primeira importância entre os requisitos do professor”, Ellen White escreveu, “é indispensável que seja possuidor de cabal conhecimento das matérias do ensino. Com a retidão de caráter, devem aliar-se elevadas aquisições literárias”.⁶⁰

Mas os professores adventistas não devem apenas ser bem versados no conhecimento geral da sua cultura. Eles também devem ter uma compreensão das verdades da Escritura e ser capazes de comunicar as disciplinas que ensinam no contexto da cosmovisão cristã e adventista. Eles devem ser indivíduos que conduzam os alunos para além da área estreita de seu campo de estudo, relacionando cada conteúdo ao sentido máximo da existência humana.

Uma terceira área de desenvolvimento subjacente à qualificação de professores adventistas é a área social. As relações sociais de Cristo com Seus “alunos” nos evangelhos proporcionam um estudo interessante e proveitoso. Ele não procurou isolar-se daqueles a quem Ele estava ensinando. Pelo contrário, Ele Se misturou com eles e Se envolveu em sua vida social.

Ellen White escreveu que “o verdadeiro professor pode comunicar a seus discípulos poucos benefícios tão valiosos como o de sua própria companhia. [...] Para fortalecer os laços de simpatia entre professor e estudante, poucos meios há que façam tanto como a associação agradável entre eles fora da sala de aula”.⁶¹ Em outra ocasião, ela sugeriu que se os professores “reunissem as crianças bem junto a si, e lhes mostrassem que

as amam, e manifestassem interesse em todos os seus esforços, e mesmo em seus esportes, tornando-se por vezes uma criança entre elas, dar-lhes-iam muita satisfação e lhes granjeariam o amor e a confiança. E mais depressa as crianças respeitariam e amariam a autoridade dos pais e mestres”.⁶² Em grande medida, a relação entre professor e aluno fora da sala de aula dá cor e condiciona o relacionamento dentro dela.

A quarta esfera da qualificação dos professores diz respeito a uma boa saúde física, mental e emocional. Sem uma saúde equilibrada, é quase impossível manter uma boa disposição e até mesmo um temperamento que reflita a imagem de Cristo.

Os professores cristãos devem se esforçar para a contínua melhoria de suas qualificações pessoais. Esse deve ser o mesmo objetivo que eles procuram para seus alunos – a restauração física, mental, espiritual e social da imagem de Deus. Esse equilíbrio, evidenciado na vida de Cristo, formará a base para sua atividade profissional. O ensino é a arte de amar os filhos de Deus. Por isso, os professores adventistas devem ter um desejo de deixar Deus moldá-los para se tornarem tanto quanto possível pessoas mais “amorosas”.

A qualificação global de professores cristãos deve ser um bom modelo ou exemplo do que eles querem que seus alunos sejam em todos os aspectos de sua vida. É quase impossível superestimar o poder de um professor como um exemplo para o bem ou o mal. Pullias e Young enfatizaram que “ser um exemplo deriva da própria natureza do ensino” e que “ser um modelo é uma parte do ensino da qual nenhum professor pode escapar”.⁶³ Ellen White destaca o fato de que “o professor deve ser aquilo que deseja que seu aluno se torne” e que “em Sua vida, as palavras de Cristo tiveram perfeita ilustração e apoio. [...] Era isto que Lhe dava poder aos ensinamentos.”⁶⁴

O que foi dito sobre as qualificações dos professores também se aplica a outros funcionários em uma escola adventista. Eles, também, causam um impacto significativo sobre os alunos e, portanto, precisam ser, não só líderes espirituais, mas também saudáveis e equilibrados em todos os sentidos. Os professores são apenas uma parte de uma equipe de educação eficaz e integrada.

Essa segunda parte do estudo sobre a filosofia da educação adventista consistiu na análise, a partir da perspectiva de uma filosofia bíblica, da natureza do aluno, papel do professor e dos

objetivos da educação adventista. A parte final visa a analisar uma abordagem adventista sobre o currículo, explorar as implicações de uma perspectiva bíblica para a metodologia de ensino e discutir o papel social da educação adventista no contexto do grande conflito entre o bem e o mal.

PONTOS PARA REFLEXÃO

- De que maneiras específicas a visão adventista sobre a natureza humana molda a educação cristã?
- De que forma o ensino da Bíblia sobre a natureza humana “exige” que a educação cristã seja diferente de outras filosofias da educação?
- De que modo o ensino cristão é uma forma de ministério?
- Como a função de ministro afeta os objetivos do professor?
- De que forma a visão do ensino como ministério enriquece a nossa compreensão da importância da educação adventista?
- Com suas próprias palavras, descreva o(s) propósito(s) da educação adventista.
- Quais são as implicações desse(s) propósito(s) para você, pessoalmente, como professor?

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. DITMANSON, Harold H.; HONG, Harold V.; QUANBECK, Warren A. (eds.). *Christian faith and the liberal arts*. Minneapolis, Minn.: Augsburg, 1960. p. iii.
2. CLARK, Gordon H. *A christian philosophy of education*. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1946. p. 210.
3. Essa série de artigos não representa a primeira vez que uma filosofia adventista educacional foi formulada. Ver especialmente: “Uma Declaração sobre a Filosofia Educacional dos Adventistas do Sétimo Dia”, desenvolvida por um grupo de educadores adventistas para apreciação na Primeira Conferência Internacional sobre a Filosofia da Educação Adventista do Sétimo Dia, realizada pelo Departamento de Educação da Associação Geral. Essa declaração foi publicada no *Journal of Research on Christian Education* (vol. 10, Edição especial, p. 347-355), e está disponível no website do Departamento de Educação da Associação Geral.
4. WHITE, Ellen G. *Educação*. Tatui: Casa Publicadora Brasileira. p. 14, 15. [CD-ROM]
5. *Ibid.*, p. 15, 16.
6. *Ibid.*, p. 29.
7. *Ibid.*, p. 30.
8. NASH, Paul. *Models of man: explorations in the western educational tradition*. New York: John Wiley and Sons, 1968. Ver também: NASH, Paul; KAZAMIAS, Andreas M.; PERKINSON, Henry J. *The educated man: studies in the history of educational thought*. New York: John Wiley and Sons, 1965.
9. JAHSMANN, Allan Hart. *What's lutheran in education? Exploration into principles and practices*. St. Louis: Concordia, 1960. p. 8.
10. KNIGHT, George R. *Filosofia e educação: uma introdução da perspectiva cristã*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress – Centro Universitário Adventista de São Paulo, 2007. p. 207.

11. WHITE, Ellen G. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 13. [CD-ROM]
12. *Ibid.*, p. 13, 309.
13. WILHOIT, Jim. *Christian education and the search for meaning*. 2ª ed. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1991. p. 61.
14. HOBBS, Thomas. *Leviathan*. Ver também: FLATHMAN, Richard E.; JOHNSTON, David (eds.). New York: W. W. Norton, 1997. p. 70.
15. SKINNER, B. F. *Beyond freedom and dignity*. New York: Bantam, 1971.
16. EDWARDS, Jonathan. "Sinners in the Hands of an Angry God". In: Thomas H. Johnson (ed.). *Jonathan Edwards*. rev. ed. New York: Hill and Wang, 1962. p. 155-172.
17. MORRIS, Desmond. *The naked ape*. New York: Dell, 1969. p. 9.
18. ROGERS, Carl R. *Freedom to learn*. Columbus, Ohio: Charles E. Merrill, 1969.
19. HESCHEL, Abraham J. *Who is man?* Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1965. p. 3.
20. SCHUMACHER, E. F. *A guide for the perplexed*. New York: Harper Colophon, 1978. p. 18, 20.
21. WHITE, Ellen G. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 15. [CD-ROM]
22. *Ibid.*, p. 18.
23. TRUEBLOOD, David Elton. *The idea of a college*. New York: Harper and Brothers, 1959. p. 33.
24. _____, "The Marks of a Christian College". In: GRUENINGEN, John Paul von (ed.). *Toward a christian philosophy of higher education*. Philadelphia: Westminster, 1957. p. 168.
25. COLEMAN, James, et al. *Equality of educational opportunity*. Washington, D.C.: U.S. Department of Health, Education, and Welfare, 1966.
26. DUDLEY, Roger L. *Why teenagers reject religion and what to do about it*. Washington, D.C.: Review and Herald Publ. Assn., 1978. p. 80.
27. WHITE, Ellen G. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 16, 30. [CD-ROM]
28. Salvo indicação contrária, todos os textos da Bíblia neste artigo estão na versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida.
29. BRUCE, F. F. *The epistle to the Ephesians*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell, 1961. p. 85.
30. LUTHER, Martin. "Sermon on the Duty of Sending Children to School". In: F. V. N. Painter (ed.). *Luther on education*. Philadelphia: Lutheran Publication Society, 1889. p. 264.
31. WHITE, Ellen G. *Conselhos aos pais, professores e estudantes*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 179. [CD-ROM]
32. _____. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 279. [CD-ROM]
33. *Ibid.*, p. 79, 80.
34. COMBS, Arthur W. *Myths in education: beliefs that hinder progress and their alternatives*. Boston: Allyn and Bacon, 1979. p. 196, 197.
35. GLASSER, William. *Schools without failure*. New York: Harper and Row, 1975. p. 14. Ver também: ROY, Jim. *Soul shapers: a better plan for parents and educators*. Hagerstown, Md.: Review and Herald Publ. Assn., 2005.
36. PULLIAS, Earl V.; YOUNG, James D. *A teacher is many things*. 2ª ed. Bloomington, Ind.: Indiana University Press, 1977. p. 128.
37. WHITE, Ellen G. *Conselhos aos pais, professores e estudantes*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 262. [CD-ROM]
38. RIAN, Edwin H. "The need: a world view." In: John Paul von Gruening (ed.). *Toward a christian philosophy of higher education*. Philadelphia: Westminster, 1957. p. 30, 31.
39. WELCH, Herbert. "The ideals and aims of the christian college". In: *The christian college*. New York: Methodist Book Concern, 1916. p. 21.
40. HAYNES, Carlyle B. *Righteousness in Christ: a preacher's personal experience*. Takoma Park, Md.: General Conference Ministerial Association, n. d. p. 9, 10.
41. WHITE, Ellen G. *Fundamentos da educação cristã*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 436. [CD-ROM]
42. _____. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 109, 225. [CD-ROM]
43. EAVEY, C. B. "Aims and objectives of christian education". In: Edward Hakes (ed.). *An introduction to evangelical christian education*. Chicago: Moody, 1964. p. 62.
44. WHITE, Ellen G. *Conselhos aos pais, professores e estudantes*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 61. [CD-ROM]
45. LaRONDELLE, Hans K. *Christ our salvation: what god does for us and in us*. Mountain View, Calif.: Pacific Press Publ. Assn., 1980. p. 81, 82.
46. WHITE, Ellen G. *Conselhos aos pais, professores e estudantes*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 49, 61. [CD-ROM]. Ver também: _____. *Fundamentos da educação cristã*. p. 27.
47. GARRICK, Gene. "Developing Educational Objectives for the Christian School". In: Paul A. Kienel (ed.). *The philosophy of christian school education*. 2ª ed. Whittier, Calif.: Association of Christian Schools International, 1978. p. 73.
48. WHITE, Ellen G. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 195. [CD-ROM]
49. *Ibid.*, p. 214.
50. WELCH, "The Ideals and Aims of the Christian College," in *The Christian College*, op cit., p. 23, 22.
51. WHITE, Ellen G. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 13, 309. [CD-ROM]
52. *Ibid.*, p. 29, 30.
53. KNIGHT, George R. *Filosofia e educação: uma introdução da perspectiva cristã*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress – Centro Universitário Adventista de São Paulo, 2007. p. 216.
54. CHAPMAN, Crosby; COUNTS, George S. *Principles of education*. Boston: Houghton Mifflin, 1924. p. 498.
55. STRONKS, Gloria Goris; BLOMBERG, Doug (eds.) *A vision with a task: christian schooling for responsive discipleship*. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1993. p. 25.
56. GAEBELEIN, Frank E. *The pattern of god's truth: problems of integration in christian education*. Chicago: Moody, 1968. p. 35.
57. WHITE, Ellen G. *Testemunhos para a igreja*. vol. 6. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009. p. 200. Ver também: _____. *Conselhos aos pais, professores e estudantes*. p. 150, 151.
58. EAVEY, "Aims and objectives of christian education", in *An introduction to evangelical christian education*, op cit., p. 61.
59. WHITE, Ellen G. *Conselhos aos pais, professores e estudantes*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 31. [CD-ROM]
60. *Ibid.*, p. 199.
61. WHITE, Ellen G. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 212. [CD-ROM] Ver também os seguintes livros da mesma autora: *Conselhos aos pais, professores e estudantes* (p.502) e *Fundamentos da educação cristã* (p. 116).
62. _____. *Fundamentos da educação cristã*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 18, 19. [CD-ROM]
63. PULLIAS; YOUNG. *A teacher is many things*. op cit., p. 68.
64. WHITE, Ellen G. *Conselhos aos pais, professores e estudantes*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 65. [CD-ROM] Ver também, o seguinte livro da mesma autora: *Educação* (p. 78, 79).

International University Publishers • Editorial Universitaria Iberoamericana
Editorial Universitária Iberoamericana • Éditions Universitaires Internationales



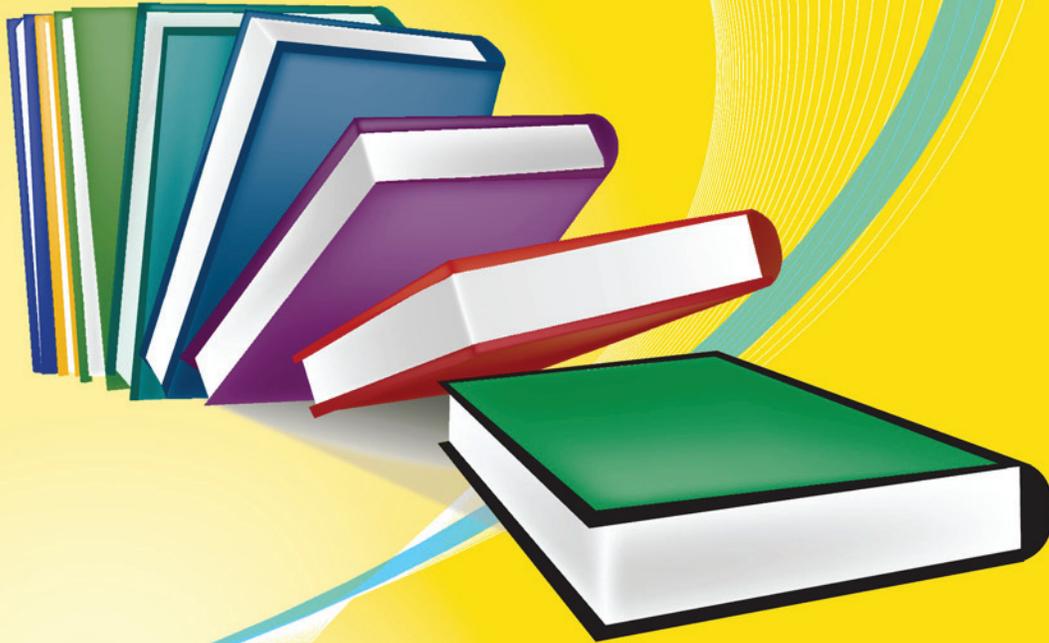
Adventus

From the publisher to your door

Del editor a su puerta

Do editor a sua porta

De l'éditeur à chez vous



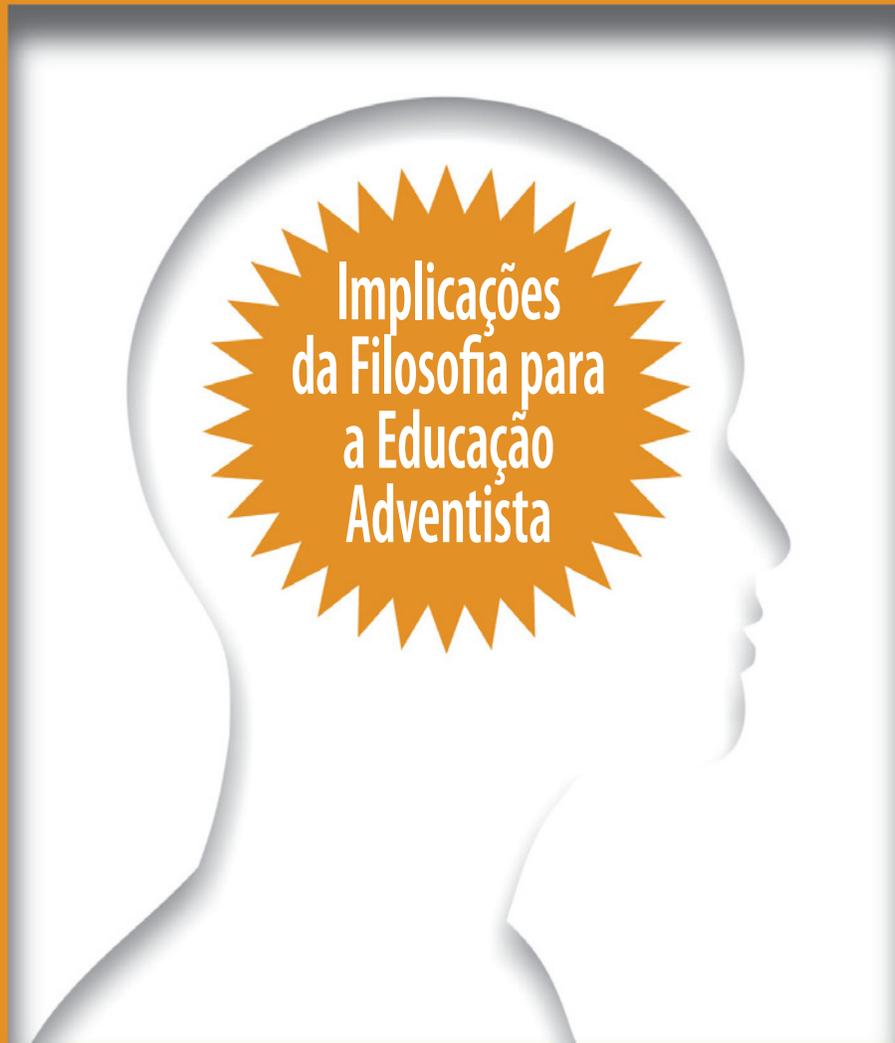
visit us!
¡visítenos! www.adventus21.com
visíte-nos!
visitez-nous



E D U C A Ç Ã O

R E D E N T O R A

P a r t e I I I



G E O R G E R . K N I G H T

O termo currículo vem da palavra latina *currere*, que significa participar de uma corrida.” De forma geral, ele representa “todos os cursos e experiências de uma instituição”.¹ Um autor o define como o “mapa de uma estrada com amplas demarcações que mostram indivíduos na direção do amadurecimento cristão”.²

Mas, precisamos perguntar: o que deveria ser incluído no mapa? E em que bases as decisões deveriam ser tomadas? Essas questões nos fazem pensar sobre qual conhecimento tem maior valor.

Qual conhecimento tem maior valor?

Um dos mais esclarecedores e coerentes ensaios já publicados sobre o relacionamento das crenças filosóficas com o conteúdo do currículo foi desenvolvido por Herbert Spencer (um líder social darwinista), em 1854. “Qual Conhecimento Tem Maior Valor?” é o título e o questionamento central do ensaio. Para Spencer, essa era a “pergunta das perguntas” no âmbito da educação. “Antes que possa haver um currículo racional”, ele argumentava, “nós devemos estabelecer quais as coisas que mais nos interessa saber; [...] temos que determinar o relativo valor dos conhecimentos.”³

Spencer, procurando responder à questão, classificou a atividade humana em uma ordem hierárquica. Ele optou pela seguinte estratificação, em termos de importância descendente: (1) atividades relacionadas diretamente à autopreservação, (2) atividades que indiretamente se relacionam com a autopreservação, (3) atividades que tenham a ver com a educação dos filhos, (4) atividades associadas com relações sociais e políticas, (5) atividades relacionadas ao lazer e dedicadas ao gosto e ao apetite.⁴

Seu ensaio prossegue com a análise das questões humanas a partir de uma perspectiva evolucionista e naturalista. Dessa forma, ele oferece uma resposta inequívoca à sua pergunta principal: “Qual conhecimento tem maior valor? A resposta mais comum é: o científico. Este é o veredicto que se aplica a todos os aspectos.” A explanação de Spencer sobre sua resposta relacionou a Ciência (incluindo também as ciências sociais e práticas) à sua hierarquia de cinco itens das atividades mais importantes da vida. Sua resposta foi construída sobre o princípio de que quaisquer atividades, que ocupem os aspectos periféricos da vida, deveriam também ocupar

os lugares marginais no currículo; enquanto as atividades mais importantes na vida, deveriam ocupar posição de destaque no decorrer do curso.⁵

Os cristãos necessariamente rejeitarão as conclusões de Spencer, as quais são construídas sobre uma metafísica e epistemologia naturalista, mas não devem desprezar a questão principal que é enfatizada em seu argumento. É crucial que os adventistas entendam esse raciocínio para pensar o currículo em suas instituições de ensino. Mark Van Doren observou que “a faculdade não terá significado sem um currículo, mas terá menos significado ainda se possuir um currículo sem significado”.⁶

O educador adventista deve, como Spencer, estabelecer o assunto em função de “quais coisas mais nos interessa saber”. A resposta a essa questão, como notou Spencer, conduz diretamente à compreensão dos valores relativos aos vários tipos de conhecimento contidos no currículo. Os educadores adventistas podem estudar o ensaio de Spencer e a metodologia nele incluída, e obter ideias substanciais sobre a importante tarefa do desenvolvimento do currículo no contexto de sua distintiva visão de mundo.

Um currículo autêntico e viável deve ser desenvolvido coerentemente a partir de uma base metafísica, epistemológica e axiológica da escola. Essa é, portanto, uma verdade fundamental: diferentes abordagens filosóficas enfatizarão diferentes currículos. Uma implicação desse fato é que os currículos de escolas adventistas não serão um reajuste ou adaptação de currículos seculares da sociedade em geral. O cristianismo bíblico é único. Portanto, a instância curricular da educação adventista será única.

Outro importante ponto sobre o desenvolvimento do currículo é descobrir o padrão que mantém o currículo coeso. Alfred North Whitehead afirmou que os programas curriculares geralmente sofrem pela falta de princípios integradores. “Em vez de uma unidade simples, nós oferecemos às crianças: Álgebra, que é um fim em si mesma; Geometria, que é um fim em si mesma; Ciência, que é um fim em si mesma; História, que é um fim em si mesma; um série de Línguas que não serão dominadas. Por fim, a mais temida de todas as matérias, a Literatura [...], com notas e pequenas análises filológicas, que devem ser memorizadas. Pode tal lista representar a vida como ela é? O melhor que poderia ser afirmado é que se trata de uma relação de conteúdos que uma divindade idealizava enquanto pensava

em criar um mundo, e ainda não havia definido como dar sentido a ele.”⁷

Entretanto, o ponto crucial do problema não foi reconhecer a necessidade de algum padrão generalizado no qual enquadrar os vários assuntos do currículo de tal forma que eles façam sentido, mas descobrir tal padrão. Vivemos em um mundo que tem um conhecimento tão fragmentado, que se torna difícil ver como nossos diversos domínios de conhecimento se relacionam com o todo. É nesse contexto que C. P. Snow, em “As Duas Culturas”⁸, com sua discussão acerca do grande abismo entre a área de humanidades e ciências, é relevante e significativo.

Em nossa realidade, especialistas em uma área têm, com frequência, perdido a habilidade de se comunicar com outros porque falham em ver a importância de sua matéria em relação ao “quadro geral”. Para complicar, encontramos existencialistas e pós-modernistas negando significados externos e filósofos analíticos sugerindo que como não podemos descobrir significados, deveríamos colocar o foco em definir nossas palavras e refinar nossa sintaxe.

A busca pelo significado na experiência total de educação tem sido a principal busca por mais de um século. Alguns têm definido o centro de integração como a unidade dos clássicos, enquanto outros o têm visto em termos de necessidades da sociedade, vocação ou ciência. Nenhuma dessas abordagens, entretanto, tem sido suficientemente ampla. Além disso, suas demandas têm costumeiramente sido desintegradoras em vez de unificadoras. Parece que vivemos em um mundo esquizofrênico, no qual muitos afirmam que não existe significado externo, enquanto outros baseiam suas pesquisas científicas em postulados que apontam para um significado generalizado. Pessoas seculares têm descartado o cristianismo como uma força unificadora e tendem a se concentrar nos detalhes de seu conhecimento em vez de se concentrarem no todo. Consequentemente, a fragmentação intelectual continua a ser um grande problema à medida que os seres humanos buscam determinar qual conhecimento tem maior valor.

Para educadores adventistas, o problema é bem diferente. Eles sabem qual conhecimento é de maior valor porque entendem as maiores necessidades da humanidade. Eles sabem que a Bíblia é a revelação cósmica que transcende o domínio limitado da humanidade e que ela não somente revela a condição humana, mas também o

Pessoas seculares têm descartado o cristianismo como uma força unificadora e tendem a se concentrar nos detalhes de seu conhecimento em vez de se concentrarem no todo.

remédio para tal condição. Eles também percebem que toda matéria se torna significativa quando vista à luz da Bíblia e do Grande Conflito entre o bem e o mal. O problema para os educadores adventistas não tem sido *descobrir* o padrão de conhecimento em relação ao seu centro, mas *aplicar* o que eles sabem.

Com muita frequência, o currículo de escolas cristãs, incluindo de instituições adventistas, tem sido “um ajuntamento de ideias naturalistas misturadas com verdades bíblicas”. Segundo Franck Gaebelein, isso levou a uma forma de “esquizofrenia escolástica na qual a teologia altamente ortodoxa coexiste desconfortavelmente com ensinamentos de assuntos não religiosos que diferem muito pouco daqueles de instituições seculares”.⁹ O desafio com que se depara aquele que define o currículo em uma escola adventista é ser capaz de ultrapassar uma visão curricular fragmentada e buscar uma posição que integre claramente os pormenores do conhecimento a partir da perspectiva bíblica. Essa tarefa nos leva à unidade da verdade.

A unidade da verdade

Um postulado básico que abrange o currículo cristão é o de que “toda verdade é a verdade de Deus”.¹⁰ Do ponto de vista bíblico, Deus é o Criador de tudo. Portanto, a verdade em todas as áreas descende dEle. O fracasso em perceber esse ponto com clareza tem levado muitos a construir uma falsa dicotomia entre o secular e o religioso. Essa dicotomia implica que a religião tem a ver com Deus, enquanto o secular está divorciado dEle. Nessa perspectiva, o estudo da ciência, história e matemática é visto como basicamente secular, enquanto o estudo da religião, história da igreja e ética é visto como religioso.

Essa não é a perspectiva bíblica. Nas Escrituras, Deus é visto como o Criador dos objetos e padrões da ciência e matemática, bem como o Condutor dos eventos históricos. Em essência, não existem aspectos “seculares” no currículo. John Henry Newman enfatizou essa verdade quando escreveu que “é muito fácil” no âmbito do pensamento “dividir o Conhecimento entre humano e divino, secular e religioso, e estabelecer que vamos adotar um sem interferir no outro. Mas na realidade, isso é impossível”.¹¹

Todas as verdades no currículo cristão, quer lidem com a natureza, humanidade, sociedade ou artes, devem ser vistas numa adequada relação com Jesus Cristo como Criador e Redentor. De

fato, algumas formas de verdade não são mencionadas nas Escrituras. Por exemplo, a física nuclear não é explicada na Bíblia. Isso, entretanto, não significa que física nuclear não esteja conectada com as leis naturais de Deus ou que não tenha implicações morais e éticas à medida que suas aplicações afetam a vida das pessoas. Cristo é o Criador de tudo, não simplesmente das coisas que as pessoas escolheram chamar de religiosas (Jo 1:1-3; Cl 1:16).

Toda a verdade, se realmente for verdadeira, é a verdade de Deus, não importa onde se encontre. Dessa maneira, o currículo da escola cristã deve ser visto como um todo unificado, em vez de uma fragmentada e desconexa fusão de tópicos. Uma vez que esse ponto de vista seja reconhecido, a educação terá dado um grande passo na criação de uma atmosfera na qual a “mente cristã” pode se desenvolver. Um contexto educacional no qual os jovens podem ser ensinados a pensar “de forma cristã” sobre cada aspecto da realidade.¹²

A função estratégica da Bíblia no currículo

Um segundo postulado é a unidade de toda a verdade. A Bíblia é o documento fundamental e contextual para todos os itens curriculares na escola cristã. Esse postulado é resultado natural de uma epistemologia bibliocêntrica revelacional. Da mesma forma como a revelação especial forma a base da autoridade epistemológica, assim também ela deve ser a fundação do currículo. Nossa discussão sobre epistemologia concluiu que a Bíblia não é uma exaustiva fonte de verdades. Muita verdade existe fora da Bíblia, mas é importante perceber que nenhuma verdade existe fora dos limites metafísicos da Bíblia. “A autoridade de ensino das Escrituras”, afirma Arthur Holmes, “submete o crente a certos pontos focais e assim fornece um *quadro interpretativo*, uma visão geral de como tudo se relaciona com Deus”.¹³

O conceito de uma moldura interpretativa necessita de uma constante ênfase na educação adventista. A Bíblia não é uma totalidade de conhecimento, mas ela fornece uma moldura de referência dentro da qual estudar e interpretar todos os tópicos. Se essa moldura interpretativa for a visão do naturalismo evolucionista, ou dos clássicos gregos e romanos, ou da cosmovisão bíblica, ou de alguma outra perspectiva, fará uma grande diferença. Uma escola adventista é cristã somente quando ensina todas as matérias a partir da perspectiva da Palavra de Deus.

Elton Trueblood observou que “a questão

importante não é: Você oferece um curso de religião? Tal curso pode ser oferecido por qualquer instituição. A questão mais relevante é: A sua confissão religiosa faz diferença? [...] Um mero departamento de religião pode ser relativamente insignificante. O ensino da Bíblia é bom, mas isso é apenas o começo. O que é muito mais importante é a inclusão das convicções cristãs centrais no ensino de todas as disciplinas.”¹⁴

Frank Gaebelien apresentou o mesmo posicionamento ao escrever que existe “uma grande diferença entre a educação na qual tem lugar atividades religiosas e o estudo das Escrituras, e a educação na qual o cristianismo da Bíblia é a matriz de todo o programa. Em outras palavras, o leito no qual o rio do ensino e aprendizado flui”.¹⁵

Um sistema educacional que mantém uma divisão entre as áreas definidas como secular e religiosa pode justificar a aplicação de elementos religiosos a um currículo basicamente secular. Ele pode até ir mais longe por tratar a Bíblia como a “primeira entre iguais” em termos de importância. Mas a escola cujos diretores e professores abraçam a ideia de que “toda verdade é verdade de Deus” vai se encontrar ligada a essa crença para desenvolver um modelo curricular no qual a cosmovisão bíblica permeie cada aspecto do currículo.

De acordo com Ellen White, “a ciência da redenção é a ciência de todas as ciências,” e a Bíblia é o “Livro dos livros”.¹⁶ Somente uma compreensão dessa “ciência” e desse “Livro” tornará tudo mais significativo no sentido mais amplo. Vistos à luz do “grandioso pensamento central” da Bíblia, Ellen White aponta que “cada tópico tem nova significação”.¹⁷ Cada estudante, ela observou em outro contexto, deve obter conhecimento de seu “grandioso tema central, do propósito original de Deus em relação a este mundo, da origem do grande conflito, e da obra da redenção. Deve compreender a natureza dos dois princípios que contendem pela supremacia, e aprender a delinear sua operação através dos relatos da História e da profecia, até à grande consumação. Deve enxergar como este conflito penetra em todos os aspectos da experiência humana; como em cada ato de sua vida ele próprio revela um ou outro daqueles dois princípios antagônicos; e como, quer queira quer não, ele está mesmo agora a decidir de que lado do conflito estará.”¹⁸

O conflito entre o bem e o mal não deixou sequer uma área da existência intocada. Pelo

lado negativo, vemos a controvérsia na degeneração do mundo natural, na guerra e sofrimento no âmbito da história e ciências sociais, e na preocupação da humanidade com o senso de perda dos valores humanos. Pelo lado positivo, descobrimos a maravilha de uma ordem natural que parece estar organizada com propósito, a habilidade humana de se relacionar e se importar com seus semelhantes na vida social, e nas visões e anseios por plenitude e significado. Cada indivíduo é forçado a perguntar: “Por que existe o mal em um mundo que parece tão bom? Por que há morte e tristeza em uma existência que é tão delicadamente projetada para a vida?”

As perguntas continuam, mas sem ajuda sobrenatural, os limitados seres humanos são incapazes de descobrir respostas definitivas. Eles podem descobrir partículas de “verdade” e construir teorias sobre o seu significado, mas esse significado definitivo é encontrado somente na revelação cósmica de Deus ao homem em sua pequenez e perdição.

A revelação especial de Deus contém as respostas para as “grandes questões” da humanidade. É essa revelação, portanto, que deve fornecer tanto o fundamento quanto o contexto para todos os estudos humanos. Cada tema do currículo, e mesmo a vida humana em si, assume um novo significado sob a luz da Palavra de Deus. É imperativo, portanto, que as escolas adventistas ensinem cada matéria a partir da perspectiva bíblica.

Gaebelein, em sua abordagem clássica do problema, sugeriu que o que precisamos é da “integração” de cada aspecto do programa escolar com a cosmovisão bíblica. Integração “significa ‘a aproximação das partes para formar o todo’”.¹⁹ De acordo com ele, “o chamado, então, é para uma cosmovisão cristã total por parte de nossa educação. Temos que reconhecer, por exemplo, que necessitamos de professores que vejam suas matérias, sejam elas científicas, históricas, matemáticas, literárias ou artísticas, como incluídas no padrão da verdade de Deus”.²⁰ Esse é o lugar correto da religião na educação, afirmou Henry P. Van Dusen no livro *Rockwell Lectures*, não porque as igrejas dizem assim ou porque é ditada pela tradição, mas “por causa da natureza da realidade”.²¹ Afinal, Deus é o Ser cuja existência traz unidade e significado ao Universo, e é Sua revelação que provê unidade e significado ao currículo.

Infelizmente, nos formatos mais comuns de

currículos, Bíblia ou religião não passa de um tópico entre muitos, como ilustra a figura 1²² na página 43. Nesse modelo, cada tópico é estudado no contexto de sua própria lógica e cada um deles é considerado basicamente independente dos demais. Professores de história ou literatura não estão preocupados com religião e professores de religião não se envolvem com história ou literatura, uma vez que todos ensinam sua própria especialidade. Cada matéria tem seu território bem definido e abordagem tradicional. Esse modelo raramente investiga a relação entre os campos de estudo, mas apenas seus “significados finais”.

Em uma tentativa de corrigir o problema anterior, alguns educadores entusiastas têm ido ao outro extremo e desenvolvido um modelo que é ilustrado na Figura 2.²³ Esse modelo busca fazer da Bíblia e religião a totalidade do currículo. Como resultado, também erram o alvo, uma vez que a Bíblia nunca afirmou ser uma exaustiva fonte da verdade. Ela estabelece a estrutura para o estudo da história e da ciência e aborda esses temas, mas não é um “livro” para todas as áreas que os alunos precisam entender. Por outro lado, é um “livro” sobre a ciência da salvação e uma fonte de informação inspirada, considerando tanto a ordem quanto a desordem de nosso mundo atual, muito embora nunca tenha declarado ser uma autoridade suficiente em todas as áreas da verdade possível.

Um terceiro esquema organizacional poderia ser rotulado como modelo de base e contextual (ver figura 3²⁴). Isso implica que a Bíblia (e sua visão de mundo) fornece uma fundação e um contexto para todo conhecimento humano e que seu significado total adentra cada área do currículo e acrescenta significado a cada tópico. Isso corresponde ao que Richard Edlin efetivamente se refere como a “função permeável da Bíblia”. “A Bíblia,” ele observa, “não é inoperante dentro de uma massa humanista. Ela necessita ser o fermento do pão educacional, moldando todo o currículo de sua base para cima, à medida que permeia todo o programa escolar.”²⁵ A Figura 3 estabelece um modelo de integração, indicando que os educadores de escolas adventistas devem abordar cada matéria sob a luz da perspectiva bíblica, a fim de entender o seu significado mais completo.

As linhas rompidas na Figura 3 significam a falta de rígidas divisões entre as várias matérias e a ausência de qualquer falsa dicotomia entre o sacro e o secular. As setas com duas pontas

indicam não somente que a Bíblia nos ajuda a entender cada tópico do currículo, mas que o estudo de história, ciências, entre outras, também derrama luz sobre o significado das Escrituras. Deus se revelou através da Bíblia em uma revelação especial e através da natureza em uma revelação geral. Podemos compreender o significado do último somente à luz do primeiro, mas ambos derramam luz um sobre o outro, uma vez que a verdade tem sua origem em Deus. Cada tópico do currículo tem um impacto sobre os demais e

todos alcançam um significado máximo quando integrados dentro de um contexto bíblico.

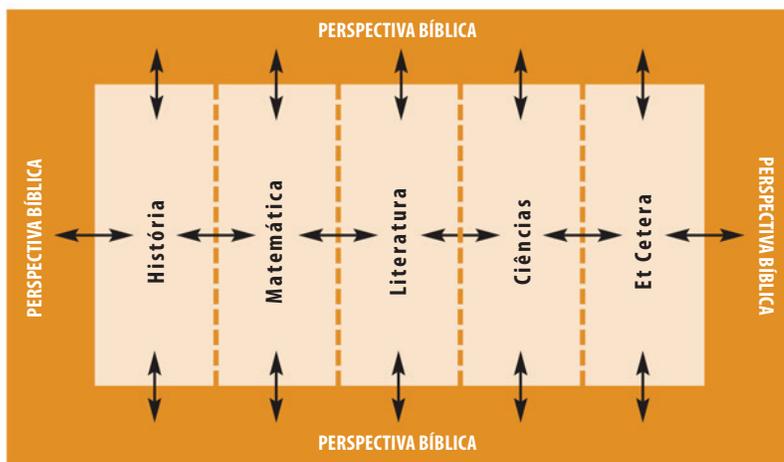
Cristianismo e a reorientação radical do currículo

Um dos desafios que os educadores devem enfrentar no desenvolvimento de um currículo orientado bíblicamente no século 21 é a diversidade de visão de mundo. Essa diversidade permeia a sociedade contemporânea, inclusive a pós-moderna que afirma não existir algo como uma genuína visão de mundo apoiada na realidade, ou seja, todas as visões de mundo ou grandes narrativas são construções humanas. Mas essa afirmação é em si mesma uma visão de mundo com definidas pressuposições metafísicas e epistemológicas.²⁶

Esse pensamento levanta a questão da falta generalizada de autoconsciência evidenciada pela maioria das pessoas. Harry Lee Poe reflete sobre esse tópico quando escreve que “todas as disciplinas da academia fazem suposições enormes e prosseguem em seu trabalho com pressuposições não testadas e não desafiadas. Estamos acostumados a isso. Suposições e pressuposições têm se tornado parte tão inseparável do tecido da vida que nem sequer percebemos os fios. Esses fios constroem a visão de mundo da cultura na qual vivemos. Eles são as coisas que ‘todo mundo sabe’ e que, portanto, não são testadas e estão tão profundamente arraigadas em nós que raramente as percebemos”.²⁷ Resumindo, visões de mundo para muitas pessoas são subliminares, ou seja, são parte de uma cultura mais ampla que é aceita sem desafios.

Por outro lado, Poe observa que “no mercado de ideias, as suposições fundamentais [...] às quais as pessoas se apegam são exatamente as mesmas que Cristo desafia”.²⁸ Visivelmente, a cosmovisão bíblica e a mentalidade predominante da ampla cultura são frequentemente contraditórias e existem diferentes religiosos e até mesmo visões cristãs diferentes. Tornar as pessoas cientes dos contrastes resulta no que o sociólogo Peter Berger aponta como “colisões de consciência”²⁹ e o que o filósofo David Naugle rotula como “conflito de visões de mundo”.³⁰

A partir dessa perspectiva, por sua própria natureza, os currículos baseados na Bíblia desafiam outros métodos de organização de currículos e sugerem uma reorientação radical do conteúdo em escolas adventistas. O ponto essencial onde o educador adventista deve se apoiar é no fato de



que o ensino de qualquer matéria, em uma escola adventista, não deve ser uma modificação de uma abordagem utilizada em escolas não cristãs. É, no entanto, uma reorientação radical da matéria dentro de uma moldura filosófica cristã.

Um bom ponto de partida para um exame da reorientação radical do currículo é o campo do estudo literário.³¹ O estudo da Literatura mantém uma posição crucial em todos os sistemas escolares, pois a Literatura aborda e busca explicar as mais importantes questões humanas; revela seus desejos básicos, anseios e frustrações, e desenvolve uma percepção sobre a experiência humana. Além de elevar a sensibilidade estética, o estudo da literatura conduz ao pensamento indutivo em áreas tais como Psicologia, Filosofia, Religião, História e Sociologia; e fornece informação sobre assuntos como a natureza humana, o pecado e o significado e propósito da existência humana.

O impacto do estudo literário é ainda mais poderoso porque é oferecido em um conjunto com o qual nos identificamos emocionalmente, pois nos alcança no nível afetivo e cognitivo simultaneamente. No sentido mais amplo da palavra, o conteúdo da Literatura é filosófico e religioso porque trabalha com os assuntos religiosos e filosóficos, seus problemas e soluções. Os estudos literários, portanto, detêm uma posição central nas estruturas curriculares e fornecem uma das mais poderosas ferramentas educacionais para o ensino de valores religiosos.

John Steinbek identificou a essência da Literatura, de forma ampla, em seu clássico *East of Eden*: “Acredito que existe uma história no mundo e somente uma [...]. Os humanos são surpreendidos (em sua vida, em seus pensamentos, em sua fome e ambição, em sua avareza e crueldade e em sua bondade e generosidade) na trama do bem e do mal. [...] Não há outra história.”³²

Embora possa não haver outra história, certamente existem múltiplas interpretações das implicações dessa história. Para Steinbeck, a partir de sua perspectiva terrena, não há esperança. O fim é sempre desastroso apesar dos promissores sinais ao longo do caminho. Por outro lado, a Bíblia apresenta esperança a despeito de nossos sérios problemas. Ela também explora a “única história”, mas com uma visão reveladora sobre o significado de um mundo que forma o campo de batalha para a um conflito cósmico entre as forças do bem e do mal.

A responsabilidade do professor de Literatura na escola adventista é ajudar os estudantes a

O impacto do estudo literário é ainda mais poderoso porque é oferecido em um conjunto com o qual os humanos se identificam emocionalmente.

aprender a ler de forma crítica para que possam compreender o significado de seus deveres em termos do grande conflito entre o bem e o mal.³³ O estudo da Literatura não é meramente um passeio relaxante no reino da arte. T. S. Eliot observou que aquilo que lemos afeta “tudo aquilo que somos [...]”. Embora possamos ler literatura simplesmente pelo prazer do ‘entretenimento’ ou do ‘deleite estético’, a leitura nunca afeta meramente um tipo de sentido especial, ela afeta nossa existência moral e religiosa.³⁴ Não há neutralidade artística. A função do estudo da Literatura em uma escola adventista não é simplesmente ajudar os alunos a se tornarem “conhecedores” dos grandes escritores do passado e do presente; ela deve também ajudá-los a interpretar os temas envolvidos na grande controvérsia entre o bem e o mal com mais clareza e sensibilidade.

A Bíblia, nesse contexto, fornece uma estrutura interpretativa que transcende pensamentos humanos. “Cada tópico”, incluindo a Literatura, “tem nova significação”, diz Ellen White, quando vista sob a luz do “grandioso tema central” das Escrituras.³⁵ A Bíblia é um livro bem realista. Aqueles extremos literários que ignoram o mal, por um lado, ou o glorificam, por outro, não são nem verdadeiros nem honestos. Certamente não dão margem para um conceito viável de justiça. O desafio para os cristãos é abordar o estudo da Literatura de tal maneira que leve os leitores a ver a realidade da humanidade e seu mundo como realmente é, cheio de pecado e sofrimento, mas ao alcance da esperança e da graça redentora de um Deus amoroso.

A função interpretativa da instrução literária tem geralmente sido abordada de duas maneiras diferentes (ver Desenhos A e B na Figura 4³⁶). O Desenho A representa a abordagem da sala de aula que enfatiza as qualidades literárias do material e usa a Bíblia ou ideias da Bíblia de vez em quando como um complemento. A única diferença entre essa abordagem e a maneira como a Literatura é ensinada em instituições não cristãs é a inclusão de pensamentos bíblicos.

O Desenho B mostra o estudo da Literatura em um contexto da perspectiva bíblica e suas implicações para os dilemas universais e pessoais da humanidade. Interpreta a Literatura a partir do ponto de vista distinto do cristianismo, reconhecendo a anormalidade do mundo atual e a atividade de Deus neste mundo. Usando essa abordagem, o estudo da Literatura em instituições cristãs pode ser mais rico do que em

escolas seculares, uma vez que os não cristãos são prejudicados pela falta da essencial visão bíblica (em termos de percepção e interpretação) do pecado e da salvação. Isso não significa que os elementos literários, como enredo e estilo não sejam importantes, mas que não são, no contexto do cristianismo, os aspectos mais importantes do estudo literário.

Note também que no Desenho B as setas indicam uma ação em duas vias entre a perspectiva bíblica e o estudo literário. Não somente a cosmovisão bíblica nos ajuda a interpretar a Literatura, mas a compreensão literária também nos ajuda a entender melhor a experiência religiosa no contexto da verdade religiosa.

Professores adventistas devem ajudar os alunos a ir além da história a fim de que compreendam o significado de suas ideias para a vida diária. De acordo com Virginia Grabill, a função do estudo literário em uma instituição cristã é ajudar os alunos a aprender a “pensar” sobre as questões da vida, identidade pessoal e propósito, presença do bem e do mal, justiça e perdão, bonito e feio, sexualidade e espiritualidade, ambição e humildade, alegria e sofrimento, pureza e culpa e assim por diante.³⁷

C. S. Lewis fez uma observação semelhante quando escreveu que “uma das menores recompensas da conversão é ser capaz de ver, finalmente, o verdadeiro objetivo de toda Literatura, a qual fomos educados a ler sem levá-lo em conta”.³⁸ O objetivo do estudo literário em uma escola cristã não é transmitir um corpo de conhecimento, mas desenvolver uma habilidade, a habilidade de pensar criticamente e interpretar o pensamento literário a partir da perspectiva da cosmovisão bíblica.

Dedicamos um bom tempo examinando o estudo da Literatura em um currículo cristão reorientado. Observações similares poderiam ser feitas sobre História e estudos sociais. A História no currículo cristão é vista à luz da mensagem bíblica em função de como Deus procura trabalhar o Seu propósito nos assuntos humanos. Nessa perspectiva, a Bíblia fornece a estrutura interpretativa para os eventos entre a queda de Adão e a segunda vinda de Jesus. Ela não é tratada como um livro abrangente de História, mas como um registro que focaliza a história da salvação. Existem, é claro, pontos de interseção entre a história geral e a Bíblia em termos de eventos, profecias e arqueologia. Mas o professor cristão de História sabe que os pontos específicos de interseção são poucos, e que a função princi-

pal da Bíblia em sua disciplina é fornecer uma perspectiva para a compreensão geral.

O mesmo pode ser dito sobre a área de humanas, Física, Ciências Sociais, Educação Física ou Agricultura no currículo de uma escola adventista. A Bíblia fornece o quadro para a compreensão de um mundo conturbado, enquanto as disciplinas apresentam os fragmentos. A Bíblia fornece o padrão que dá um sentido interpretativo aos detalhes descobertos pelo estudioso que de outra forma seriam sem sentido. Assim, a Bíblia se torna o ponto focal de integração para todo o conhecimento humano.

Esse fato é especialmente importante nas ciências, uma área que, no século passado, foi palco de uma das mais significativas “guerras culturais” de todos os tempos. Infelizmente, hipóteses não comprovadas relacionadas com a macroevolução³⁹ receberam erroneamente o *status* de “fato”. Dessa forma, foram usadas para fornecer a estrutura interpretativa para a ciência na maioria das escolas.

Eis o problema básico: a cosmologia da macroevolução e o criacionismo bíblico são incompatíveis. Este último começa com uma criação perfeita, continua com a queda da humanidade em pecado e então se volta para a solução de Deus na remoção dos efeitos da Queda. Mas o cenário da macroevolução é diametralmente oposto ao modelo bíblico. A partir da perspectiva da macroevolução, todas as criaturas se originaram como organismos menos complexos e foram melhoradas através do processo da seleção natural. Nesse modelo não há necessidade de redenção e restauração.

A estrutura bíblica para interpretar a história natural é construída a partir do relato de Gênesis,



Figura 4. O Papel Contextual da Perspectiva Bíblica

o qual declara que Deus criou a Terra em seis dias e que Ele criou os seres humanos à Sua própria imagem. Os fatos básicos da história da criação em Gênesis não possibilitam nem a macroevolução (na qual não há o envolvimento de Deus) nem a evolução teísta (a qual limita Deus ao papel de mero iniciador do processo evolucionário). As escolas adventistas devem ser assumidamente criacionistas. A metafísica bíblica está no próprio fundamento da razão pela qual a Igreja Adventista do Sétimo Dia escolheu estabelecer a alternativa educacional do adventismo.

A integração do conhecimento humano com a estrutura bíblica é importante, mas deve ser feita com cuidado e sabedoria. Frank Gaebel, ao discutir como desenvolver correlações entre conceitos cristãos e a essência dos vários campos de estudo, aponta alguns cuidados necessários. A maior armadilha, como ele a vê, é o perigo da “falsa integração através de correlações forçadas que não são verdadeiramente relacionadas ao assunto em questão. Tais integrações em correlações dissimuladas, embora motivadas pelo zelo cristão, são susceptíveis de fazer mais mal do que bem, dando a impressão de que a integração de assuntos específicos com a verdade de Deus é uma manipulação. O que pode ser necessário é um ataque ao problema e uma consciência mais clara dos limites com os quais estamos trabalhando. Nesse sentido, uma sugestão de Emil Brunner será útil. Falando da distorção introduzida em nosso pensamento através do pecado, ele a identifica com seu máximo potencial em áreas como Teologia, Filosofia e Literatura, porque estabelecem interfaces mais próximas do homem com Deus e, por isso, têm sido as mais radicalmente impactadas pela Queda. Elas, portanto, têm mais necessidade de correção, uma vez que a correlação com o cristianismo está em seu grau máximo. Mas à medida que nos movemos das áreas humanas para as ciências e matemáticas, a perturbação por causa do pecado diminui quase ao ponto de desaparecer. Assim, o professor cristão das matérias mais objetivas – Matemática, em particular – não deve procurar correlações detalhadas e sistemáticas que seus colegas em Psicologia, Literatura ou História poderiam legitimamente fazer”.⁴⁰

Gaebel não quer dizer que não haja pontos de contato entre o cristianismo e matérias como Matemática, mas que eles são menos óbvios.⁴¹ Professores cristãos utilizarão esses pontos se

não estiverem buscando forçar a integração de uma forma não natural.

Entretanto, a integração da Matemática e Física com a crença cristã pode até mesmo se demonstrar mais importante do que a integração da Literatura e das Ciências Sociais com o cristianismo. Isso se dá porque muitos estudantes têm assimilado a ideia de que essas matérias são “objetivas”, neutras e funcionais e não têm pressuposições filosóficas, preconceitos sobre a realidade ou implicações cosmológicas. Pelo contrário, o estudo de Matemática e das ciências “exatas” é totalmente embasado em tendências e suposições.

A Matemática, por exemplo, como o cristianismo, é construída sobre postulados que não podem ser provados. Além disso, suposições como a ordem do Universo e a validade das observações empíricas são pressuposições metafísicas e epistemológicas que sustentam a ciência, mas são rejeitadas pelos modernos e pós-modernos tanto na cultura ocidental quanto na oriental. É essencial tornar essas premissas evidentes aos alunos porque elas são frequentemente apresentadas como fatos e se tornam “invisíveis” ao aluno, que foi educado a depositar sua fé na ciência e Matemática e não no Criador da realidade científica e matemática. Essa integração é mais natural nos níveis fundamental, médio e nos primeiros anos da faculdade, uma vez que esses cursos fornecem o contexto intelectual para avançados cursos tais como teoria mecânica e cálculo avançado.

Professores cristãos de Matemática e Ciências também poderão utilizar de maneira criativa os pontos naturais de integração entre suas matérias e a religião. A Matemática, por exemplo, certamente apresenta pontos de contato com a fé cristã quando lida com áreas como o infinito e a existência de números em outras partes da vida diária, da música à cristalografia e astronomia. O mundo da precisão matemática é um mundo de Deus; assim, a Matemática não está fora do padrão da verdade de Deus.⁴²

Antes de finalizarmos a discussão sobre a reorientação radical do currículo, precisamos enfatizar que é de extrema importância para os educadores adventistas e sua liderança perceberem que a *cosmovisão bíblica deve dominar o currículo de nossas escolas para garantir que elas sejam realmente adventistas e não simplesmente denominadas como tal*. Os educadores adventistas devem se questionar sobre este inquietante

ponto: Se eu, como um professor em uma escola adventista, estou ensinando o mesmo material da mesma forma que é ensinado em uma instituição pública, então, que direito eu tenho de receber o dinheiro suado de minha instituição? A resposta é tão óbvia quanto assustadora. A educação adventista que não fornece uma compreensão bíblica das artes, ciências, humanidades e do mundo do trabalho não é cristã. Um dos objetivos principais da educação adventista deve ser ajudar os alunos a pensar de forma cristã.

Currículo equilibrado

Além do domínio das matérias específicas na escola adventista, está a questão mais ampla da integração do programa curricular visando a fornecer um desenvolvimento equilibrado das diversas faculdades dos estudantes à medida que estão sendo restaurados à posição original de seres criados à imagem e semelhança de Deus. Na seção sobre a natureza do aluno, observamos que a humanidade caída, em grande medida, sofreu uma fratura dessa imagem no âmbito espiritual, social, mental e físico. Também vimos que a educação é basicamente um agente de redenção e restauração à medida que Deus procura usar educadores humanos para restaurar indivíduos caídos ao seu estado original.

O currículo deve, portanto, estabelecer um equilíbrio integrado que facilite a restauração. Ele não pode simplesmente focar o desenvolvimento mental ou o preparo para a carreira profissional. Ele deve desenvolver a pessoa toda nos aspectos físicos, sociais, espirituais e vocacionais, bem como suprir as necessidades mentais de cada estudante.

Infelizmente, a educação tradicional focaliza quase exclusivamente a mente. O idealismo grego preparou o palco para mais de dois milênios de educação equivocada que ignorou ou desvalorizou o desenvolvimento físico e preparação para uma vocação útil.

Por outro lado, a Bíblia não é antifísica nem antivocacional. Afinal, Deus criou uma Terra física que Ele considerou “muito boa” (Gn 1:31),⁴³ e Ele pretende ressuscitar seres humanos com corpos físicos no fim dos tempos (1 Ts 4:13-18; Fp 3:21). Além disso, Jesus foi educado para ser um carpinteiro e o rico Paulo aprendeu a arte de fazer tendas, mesmo que no princípio de sua vida parecesse que ele jamais precisaria recorrer a essa atividade para sobreviver.

Mas esses princípios bíblicos foram obscurecidos

nos primeiros séculos da igreja cristã, quando a teologia se uniu ao pensamento grego. Isso resultou em algumas teorias e práticas educacionais não bíblicas.

O século 19 experimentou uma onda de reforma com chamados a um retorno à educação equilibrada. Ellen White falou sobre essa reforma necessária. Na verdade, esse tema estava no centro de sua filosofia educacional. Vemos isso logo no primeiro parágrafo do livro *Educação*, em que ela observou que “a verdadeira educação [...] é o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais”.⁴⁴

Para restaurar integralmente o ser humano, a educação adventista não pode negligenciar o equilíbrio entre os aspectos físicos e a mente. A importância desse equilíbrio fica evidente ao considerarmos o fato de que é o corpo que abriga o cérebro, usado para tomar decisões espirituais responsáveis. Aquilo que afeta uma parte da pessoa afeta o todo. Os indivíduos são unidades holísticas, e o currículo da escola adventista deve atender a todas as suas necessidades para garantir que alcancem a completude e atuem com eficiência máxima. Ellen White estava falando sobre o desequilíbrio tradicional na educação quando escreveu que “no ávido esforço para alcançar uma cultura intelectual, tem-se negligenciado tanto o preparo físico quanto a educação moral. Muitos jovens saem das instituições de ensino com a moral degradada e as faculdades físicas debilitadas, sem nenhum conhecimento da vida prática e pouca força para cumprir os seus deveres”.⁴⁵ Os aspectos práticos da vida eram importantes para o senso de equilíbrio educacional de Ellen White. Assim, ela escreveu que “para sua própria saúde física e bem moral, as crianças devem ser ensinadas a trabalhar, mesmo que a necessidade não o requeira”.⁴⁶

O equilíbrio é tão importante quanto os aspectos informais ou extracurriculares do currículo escolar. Isso inclui uma multiplicidade de estruturas e atividades tais como clubes, grupos musicais, atletismo, experiências de trabalho, publicações escolares etc. Essas estruturas e atividades devem estar em harmonia com o propósito da instituição e integradas com a mensagem cristã, tal como é o currículo formal, para assegurar que a escola não passe uma mensagem contraditória a seus alunos, apoiadores e observadores. A escola adventista tem duas tarefas principais em relação ao currículo informal: a escolha das atividades e a criação de diretrizes para realizar as ativi-

**A educação
adventista
que não
fornece uma
compreensão
bíblica
das artes,
ciências,
humanidades
e do mundo
do trabalho
não é cristã.**

dades selecionadas. Ambas as tarefas devem ser baseadas em valores bíblicos.

Esse pensamento nos leva ao tema da educação de valores em todo o currículo. Arthur Holmes fez um comentário importante quando observou que “a educação tem a ver com a transmissão de valores”.⁴⁷ A questão dos valores é fundamental para a grande parte dos conflitos sobre educação hoje. O que encontramos na maioria dos lugares, incluindo escolas, é um relativismo ético que vai contra a essência dos ensinamentos bíblicos. Quando a cultura moderna perdeu o conceito de um Deus eterno, ela também perdeu a ideia de que existem valores universais que se aplicam ao longo do tempo, indivíduos e culturas. Ronald Nash estava correto quando afirmou que “a crise educacional da América não é uma crise exclusiva da mente,” mas também do “coração”, uma crise de valores.⁴⁸ Essa crise é evidente não só nas escolas, mas também nos meios de comunicação públicos, que muitas vezes promovem valores não cristãos e até mesmo anticristãos.

Essas são realidades que a escola adventista não pode se dar ao luxo de ignorar. As boas-novas são que os educadores cristãos, agindo dentro dos padrões bíblicos, têm uma vantagem estratégica sobre aqueles com outras orientações, porque têm um fundamento epistemológico e metafísico para seu sistema de valores, o qual não está disponível aos outros. De acordo com Robert Pazmiño, “o educador cristão pode propor valores mais elevados porque é capaz de responder a tais questões como: O que são as pessoas e qual a sua finalidade? Qual é o significado e propósito da atividade humana? O que, ou melhor, quem é Deus? Essas questões podem ser respondidas com uma certeza e segurança impossíveis de serem encontradas fora da fé revelada”.⁴⁹

Pazmiño também destaca a existência de uma hierarquia de valores, com valores espirituais fornecendo o contexto para opções de avaliação em ética e estética, bem como para os domínios científicos, políticos e sociais.⁵⁰ Sendo esse o caso, os educadores cristãos devem propositalmente desenvolver currículos formais e informais à luz dos valores bíblicos. O sistema de valores bíblicos se encontra na base da educação cristã.

É importante ressaltar que os valores ensinados num sistema escolar fundamentado na Bíblia não estarão relacionados apenas com decisões tomadas individualmente, mas também refletirão sobre o todo social. Assim como os profetas do Antigo Testamento, a educação adventista

Quando a cultura moderna perdeu o conceito de um Deus eterno, ela também perdeu a ideia de que existem valores universais que se aplicam a todos os tempos, indivíduos e culturas.

levantará questões significativas relacionadas à justiça social em um mundo injusto, porque a avaliação bíblica envolve tanto o mundo público quanto o mundo privado dos crentes.

À medida que observamos o currículo cristão em toda a sua complexidade, não devemos nos esquecer da controvérsia entre as forças do bem e do mal dentro de nossa axiologia, epistemologia, metafísica e nossa vida individual. O conflito entre Cristo e Satanás está evidente no currículo. Cada escola adventista é um campo de batalha no qual as forças de Cristo estão sendo desafiadas pelas legiões de Satanás. O resultado será, em um sentido amplo, determinado pela posição dada à Bíblia na escola adventista. Se as escolas adventistas devem ser verdadeiramente cristãs, então a perspectiva bíblica deve ser o fundamento e o contexto de tudo que é feito.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS PARA EDUCADORES ADVENTISTAS

Um fator determinante das metodologias de aprendizado e ensino de qualquer filosofia educacional são as metas educacionais dessa perspectiva e o enquadramento epistemológico-metafísico no qual tais metas são colocadas. Os objetivos da educação adventista vão além do acúmulo de conhecimento cognitivo, obtenção de autoconsciência e adequação ao ambiente. Na verdade, a educação adventista compartilha aqueles aspectos do aprendizado com outros sistemas de educação, mas, além disso, ela tem as mais arrojadas metas de reconciliar os indivíduos com Deus, com seus semelhantes e restaurar a imagem de Deus neles. As metodologias escolhidas pelo educador adventista devem levar em consideração esses propósitos preeminentes.

Isso não significa que, de alguma forma, a educação adventista criará maneiras originais e exclusivas de ensinar, no mesmo sentido em que o cristianismo é uma religião exclusiva e Cristo é uma pessoa exclusiva. Obviamente, os educadores adventistas usarão muitos, se não todos, os métodos de outros professores. Eles irão, entretanto, selecionar e enfatizar aquelas metodologias que melhor lhes favoreçam a fim de auxiliar seus alunos a desenvolver um caráter mais semelhante ao de Cristo e a alcançar as outras metas da educação adventista.

Educação, pensamento, autocontrole e disciplina

Importante para a questão do desenvolvimento do caráter cristão é reconhecer que os seres

humanos não são meramente animais altamente desenvolvidos que respondem a um estímulo ou punição. A Bíblia apresenta os seres humanos como seres criados à imagem de Deus, e que, mesmo em seu estado caído, mantêm a habilidade de pensar reflexivamente.

Devido ao fato de as pessoas poderem fazer reflexões, elas podem tomar decisões conscientes sobre suas próprias ações e destino. Os alunos da escola adventista devem ser educados a pensar por si mesmos em vez de serem meramente treinados como animais para responder aos estímulos ambientais. Seres humanos criados à imagem de Deus devem ser educados “para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem”.⁵¹ É verdade que existem alguns aspectos de treinamento no processo da aprendizagem humana, mas aquelas abordagens geralmente predominam somente quando a pessoa é bem jovem ou mentalmente limitada. O ideal, como veremos a seguir, é passar o mais rapidamente possível, com qualquer aluno, do processo de treinamento para o processo educativo mais reflexivo.

No centro da educação adventista está o ideal de habilitar os alunos a pensar e agir, por si mesmos, com consciência, em vez de simplesmente responder à ordem ou vontade de alguma autoridade. Autocontrole, em vez de controle imposto externamente, é primordial para a educação e disciplina adventistas. Ellen White expressou isso muito bem quando escreveu que “a disciplina de um ser humano que haja atingido os anos da inteligência, deve diferir do ensino de um animal irracional. A este apenas se ensina a submissão a seu dono. Para o irracional, o dono serve de mente, juízo e vontade. Este método, algumas vezes empregado no ensino das crianças, faz delas pouco mais que autômatos. O espírito, a vontade, a consciência acham-se sob o governo de outro. Não é propósito de Deus que espírito algum seja dessa maneira dominado. Os que enfraquecem ou destroem a individualidade, assumem uma responsabilidade de que apenas podem resultar males. Enquanto sob a autoridade, as crianças podem assemelhar-se a soldados bem-disciplinados; faltando, porém, esse governo, notar-se-á a falta de força e firmeza no caráter. Não tendo nunca aprendido a governar-se, os jovens não admitem restrições a não ser as exigências dos pais ou professor. Removidas estas, não sabem como fazer uso de sua liberdade, e com frequência se entregam a condescendências

que vêm a ser sua ruína”.⁵²

É por essa razão que Ellen White nunca parecia se cansar de enfatizar que “o objetivo da disciplina é ensinar à criança o governo de si mesma. Devem ensinar-se-lhe a confiança e direção próprias. Portanto, logo que ela seja capaz de entendimento, deve alistar-se a sua razão ao lado da obediência. Que todo o trato com ela seja de tal maneira que mostre ser justa e razoável a obediência. Ajude-a a ver que todas as coisas se acham subordinadas a leis, e que a desobediência conduz finalmente a desastres e sofrimentos.”⁵³

Perceba que nessas citações anteriores, Ellen White estabelece uma conexão entre educação, pensamento, autocontrole e disciplina. Este é um importante conceito que frequentemente passamos por alto. De fato, a maioria das pessoas iguala disciplina e punição. Mas esses são dois conceitos bem diferentes. Idealmente, a punição surge somente após a disciplina haver fracassado. Punição é uma atividade corretiva negativa, enquanto a disciplina é positiva e se posiciona no centro do desenvolvimento de um caráter cristão.

Na perspectiva de uma abordagem cristã da educação, os seres humanos devem ser conduzidos à condição em que possam tomar suas próprias decisões e assumir a responsabilidade por suas escolhas sem serem continuamente persuadidos, dirigidos e/ou forçados por uma autoridade superior. Quando essa meta é alcançada e o poder de pensar e agir é internalizado, então as pessoas terão alcançado a maturidade moral. Elas não estão sob o controle de outros, mas estão tomando suas próprias decisões morais sobre como agir perante Deus e outras pessoas. Esse é o papel do autocontrole quando se molda seres humanos à imagem de Deus. O psiquiatra Erich Fromm chega à mesma conclusão quando escreve que “a pessoa madura atingiu o ponto onde ela é sua própria mãe e seu próprio pai”.⁵⁴

Disciplina não é algo que fazemos a uma criança, mas algo que os adultos ajudam as crianças a aprender a fazer por si mesmas. John Dewey, o filósofo mais influente dos Estados Unidos no século 20, refletiu sobre esse ponto quando escreveu que “uma pessoa que é educada para considerar suas ações, a assumi-las deliberadamente [...] é disciplinada. Acrescente a essa habilidade o autocontrole para permanecer em um curso, inteligentemente escolhido, face à distração, confusão e dificuldade, e você terá a essência da disciplina. Disciplina significa

RESPONSABILIDADE

DISCIPLINA

eficiência ao comandar; domínio dos recursos disponíveis para administrar a ação empreendida. Saber o que se deve fazer, agindo para fazê-lo prontamente e pelo uso dos meios específicos, é ser disciplinado.”⁵⁵

Disciplina como autocontrole tem suas raízes aprofundadas nos conceitos cristãos do desenvolvimento do caráter, responsabilidade e perseverança. Já observamos que o desenvolvimento do caráter é um dos principais objetivos da educação adventista. O desenvolvimento do caráter e a disciplina estão intimamente relacionados. Ellen White escreveu: “A resistência do caráter consiste em duas coisas – força de vontade e domínio de si mesmo.”⁵⁶ A vontade, além disso, “é a força dirigente na natureza do homem, a força para a decisão, ou escolha”.⁵⁷ Parte da função da disciplina cristã no lar e na escola é guiar e moldar o poder da vontade à medida que os alunos caminham em direção à maturidade.

A disciplina interna se concentra em desenvolver a vontade das crianças, permitindo-lhes fazer escolhas e arcar com as consequências. Arthur Combs ressaltou que “a responsabilidade é aprendida dando-se responsabilidade e nunca será aprendida retendo-a [...]. Aprender a ser responsável exige permissão para se tomar decisões, observar os resultados e lidar com as consequências dessas decisões. Um currículo concebido para ensinar responsabilidade precisa oferecer contínuas oportunidades para os alunos se envolverem em tais processos. Para isso, entretanto, é necessário assumir riscos, uma perspectiva terrivelmente assustadora para muitos professores e administradores”.⁵⁸

Mas até mesmo a questão de permitir que outros cometam erros é um resultado da natureza de Deus e Seu amor. Afinal, Ele criou um Universo no qual os erros são possíveis quando poderia haver estabelecido um Universo infalível, mas somente ao preço de criar humanos como algo menor que seres criados à Sua imagem. Seres sem escolhas genuínas são autômatos e não agentes morais livres. Deus criou os seres humanos de tal forma que permitisse tornar o desenvolvimento do caráter uma possibilidade concreta. É importante lembrar que quando as pessoas não têm a opção de fazer escolhas erradas, elas também não têm a capacidade de fazer as corretas. As pessoas não podem desenvolver o caráter se elas são constantemente controladas por terem suas escolhas reduzidas. Elas são então,

em essência, meramente máquinas complexas em vez de agentes morais criados à imagem de Deus. Amor e liberdade são arriscados e perigosos, mas é dessa maneira que Deus escolheu conduzir Seu Universo.

Numa perspectiva cristã, a resposta à falta de disciplina não é a maior nem a melhor estratégia para manter os jovens sob controle. A resposta está no desenvolvimento consciente e na aplicação de técnicas para estimular o autocontrole e o senso de responsabilidade em cada criança. Em nada lucramos se por uma metodologia autoritária conseguimos que os estudantes fiquem calmos, ordeiros e conformados, sacrificando o comportamento inteligente, a responsabilidade e a criatividade.

Desenvolver o autocontrole inteligente em outros não é uma tarefa fácil. Ellen White escreve que “esta é a obra mais delicada e mais difícil que se tem confiado a seres humanos. Exige o mais delicado tato, a maior susceptibilidade, conhecimento da natureza humana e uma fé e paciência oriundas do Céu”.⁵⁹

O número de livros escritos, baseados na Bíblia, sobre este aspecto crucial da educação adventista não é grande. O melhor caminho para começar é iniciar a leitura pelo capítulo intitulado “Disciplina”, do livro *Educação* de Ellen White.⁶⁰ Esse é, talvez, o capítulo de sua autoria mais aprofundado na área da educação. Profundamente enraizado na filosofia cristã, trata-se de uma exposição metodológica sem paralelo. A leitura dessas 11 páginas a cada semana por todo o período da carreira enriqueceria o ministério de todo professor. Aqui estão alguns exemplos extraídos desse capítulo:

- “O educador prudente, ao tratar com seus discípulos, procurará promover a confiança e fortalecer o sentimento de honra. As crianças e jovens são beneficiados se se deposita neles confiança [...]. A suspeita desmoraliza, produzindo os mesmos males que procura evitar [...]. Uma atmosfera de crítica destituída de simpatia é fatal aos seus esforços.”⁶¹

- “Alcança-se o verdadeiro objetivo da reprovação apenas quando o próprio malfeitor é levado a ver a sua falta, e consegue sua vontade no empenho de corrigir-se. Quando isto se cumpre, apontai-lhe a fonte de perdão e poder.”⁶²

- “Muitos jovens que são considerados incorrigíveis não são em seu coração tão ruins como parecem. Muitos que se julgam como não oferecendo esperança, podem-se readquirir por



uma disciplina prudente. Tais são muitas vezes os que mais facilmente se abrandam com a bondade. Obtenha o professor a confiança daquele que é tentado e, reconhecendo e desenvolvendo o bem em seu caráter, poderá em muitos casos corrigir o mal sem chamar a atenção para ele.”⁶³

Esses são os desafios e possibilidades da disciplina redentora em harmonia com o ministério de Cristo ao buscar o perdido e moldar o caráter dos que estão em um relacionamento com Deus através de Cristo. Muitos dos princípios da disciplina redentora são expostos de uma forma prática no livro *Soul Shapers* de Jim Roy,⁶⁴ que descreve as metodologias que estão na base da prática da educação adventista.

Um modelo que descreve a internalização progressiva da disciplina aparece na Figura 5⁶⁵. Ela ilustra de forma geral a relação entre o controle interno e externo e o processo de autodisciplina que é o objetivo da disciplina redentiva. Bebês e crianças precisam de muito controle externo, mas o processo de maturação deveria levar progressivamente a um maior autocontrole e ao menor controle externo até as crianças terem individualmente alcançado o ponto da maturidade moral. Nesse momento, estarão prontas para se colocarem como pessoas responsáveis no mundo adulto. A disciplina cristã, portanto, é um poder tanto positivo quanto libertador. Ela “não existe”, afirma A. S. De Jong, “para manter a criança deprimida ou para dominá-la, mas para levá-la ou curá-la; por essa razão, a disciplina pode ser aplicada como repressão somente para libertar, para treinar as crianças no exercício da liberdade dos filhos de Deus”.⁶⁶ O produto final da disciplina cristã será jovens

que “fazem o certo porque acreditam que é certo e não porque alguma autoridade os obriga”.⁶⁷

A conexão entre o desenvolvimento do autocontrole e a restauração da imagem de Deus tem sérias implicações para os educadores à medida que selecionam as metodologias apropriadas para a escola cristã. Esse conceito deve agir como um dispositivo de triagem para educadores adventistas ao escolherem estratégias de ensino e aprendizagem para a sala de aula. Eles devem utilizar as metodologias que irão ajudar a desenvolver o que Harro Van Brummelen designa como “discípulos responsáveis”.⁶⁸

Da cognição ao compromisso e à ação responsável

Diretamente relacionada com a discussão anterior está a afirmação de que o conhecimento cristão não é meramente passivo. Conforme observamos em nossa discussão sobre epistemologia, o conhecimento é uma experiência ativa e dinâmica. Assim, em uma escola cristã, a metodologia de ensino deve ir além das estratégias de transmissão de informações. Nicholas Wolterstorff argumenta vigorosamente que a educação cristã “deve ter como objetivo promover mudanças que os alunos tendem (estão dispostos, são inclinados) a fazer. Ela deve visar ao aprendizado.” Ele aponta que as escolas cristãs devem ir além das técnicas restritas apenas à transmissão do conhecimento e habilidades exigidos para a ação responsável, uma vez que os alunos podem assimilar as ideias sem desenvolver a “tendência para se envolver em tal ação”. Assim, “um programa de educação cristã vai dar esse passo adicional, o que implica cultivar as tendências apropriadas na criança. Terá a aprendizagem de tendências como um de seus objetivos fundamentais”.⁶⁹

Donald Oppewal desenvolveu uma metodologia de ensino baseada diretamente na epistemologia dinâmica da Bíblia. Embora observe que a prática real é o ideal, Oppewal sugere uma metodologia de ensino de três fases, com o objetivo de produzir uma experiência dinâmica de aprendizado. Na fase de *ponderação*, o aluno é apresentado ao novo conteúdo. Durante a segunda fase, a fase da *escolha*, “as opções de resposta são esclarecidas e suas implicações mais bem compreendidas [...]. Se a primeira fase dramatiza o que o aluno enfrenta, a segunda fase destaca os deveres envolvidos”. Na terceira fase, a do *compromisso*, os alunos vão “além da compreensão intelectual, exposição da moral e de outras considerações,

e prosseguem em direção ao compromisso de agir tanto no ser como no dever”. Compromisso com uma forma de ação, afirma Oppewal, é o mínimo que se pode esperar no contexto do ensino e conhecimento bíblicos.⁷⁰ Uma quarta fase, naturalmente, necessita ser acrescentada quando for possível e praticável; ou seja, a fase da *ação*. Nessa fase, é oferecida a oportunidade para a ação relacionada a esses compromissos.

A Bíblia e a metodologia de instrução

A fonte epistemológica central para os cristãos, a Bíblia, fornece ricas informações relacionadas às metodologias usadas por Deus no processo de educar os seres humanos. Mesmo uma leitura casual do Antigo Testamento revela que o Israel antigo estava imerso num ambiente educacional completo, o qual foi conscientemente construído para auxiliar no desenvolvimento espiritual, intelectual, social e físico dos cidadãos. Esse ambiente estava estruturado para fornecer experiências de aprendizado ao longo da vida, através de festas, anos sabáticos, memoriais históricos, artes, instruções domésticas, leitura pública da Torá e de uma série de outros meios.

A Bíblia deixa claro que esse ambiente educacional deveria ser usado para despertar questionamentos e desenvolver a curiosidade na mente dos jovens. O interesse assim desenvolvido deveria ser seguido através de instruções determinadas. Note, por exemplo, as instruções dadas para a observância do ritual altamente simbólico da Páscoa. Moisés escreveu que esse ritual levaria o jovem a perguntar: “O que essa cerimônia significa?”. Dessa forma, a família dos anciãos teria a oportunidade de envolver a mente dos jovens numa experiência significativa de aprendizado (Êx 12:25-27; ver também 13:3-16; Dt 6:20-25).

Um princípio importante sobre a pedagogia do Antigo Testamento: a instrução não deveria ser imposta a mentes despreparadas. Em vez disso, métodos de instrução usados no Antigo Testamento capitalizavam os interesses naturais dos seres humanos em um tema com a finalidade de envolver a mente das pessoas em uma troca dinâmica. O sistema sacrificial era central para todo o complexo educacional do antigo Israel, o qual apontava para a vida, morte e obra de Jesus. Esse sistema, com seu esplendor, beleza e grandiosidade, proporcionava uma das maiores lições práticas do mundo antigo. Foi uma ferramenta educacional que ensinou tanto através

Um princípio importante sobre a pedagogia do Antigo Testamento: a instrução não deveria ser imposta a mentes despreparadas.

do apelo aos sentidos quanto pela curiosidade que ele gerou.

Observando agora o Novo Testamento, temos Jesus como o modelo máximo de ensino. “Todo verdadeiro trabalho educativo,” afirma Ellen White, “centraliza-se no Mestre enviado de Deus”.⁷¹ Podemos aprender muito sobre métodos adequados para transmitir a mensagem cristã, tanto em escolas quanto em qualquer outro lugar, através de uma análise específica de técnicas de ensino que Cristo usou e a maneira como Ele se relacionava com o povo. Examinamos anteriormente os aspectos de relacionamento em Seus ensinamentos na seção sobre o ministério do ensino. Aqui, nosso foco será em Seus métodos estruturais. Faremos uma discussão introdutória desse tema. Mas o educador cristão pode obter muita informação sobre o assunto através de um estudo indutivo e analítico dos métodos de Cristo nos Evangelhos. Os livros de Ellen White relacionados com educação também são muito importantes para o estudo desse tema.⁷²

Roy Zuck lembrou que “Jesus teve sucesso como um extraordinário Professor” em grande parte por causa de “Sua notável capacidade de captar o interesse de Seu público”. Ele despertava “o interesse das pessoas para aprender o que Ele estava ensinando”.⁷³ Isso era verdade especialmente no uso que fazia das parábolas, lições práticas e questões provocativas.

Talvez o método de ensino mais óbvio de Jesus tenha sido o uso de ilustrações. Dois de Seus formatos ilustrativos mais utilizados foram as parábolas e as lições práticas. As parábolas formam uma grande parte dos ensinamentos de Jesus registrados no Novo Testamento (cerca de 25% de Marcos e 50% de Lucas). A parábola tem a vantagem de ser concreta, apelando à imaginação, despertando interesse intrínseco. John Price escreveu que “as pessoas que não se interessam por fatos e argumentos, ouvirão prontamente as histórias. Não simplesmente isso, mas elas se lembrarão dessas histórias e serão influenciadas por elas”.⁷⁴

Parte do poder das parábolas de Cristo vem da relevância que elas têm no dia a dia de Seus ouvintes. Quando Ele falou sobre a ovelha perdida, o semear das sementes e o bom samaritano, Ele estava descrevendo coisas da experiência diária das pessoas. Isso despertava o interesse, envolvia a mente e os ajudava a se lembrar da história e de suas lições à medida que interagiam com os temas de Suas parábolas em sua vida diária.

Um segundo método de ilustração usado por Jesus eram as lições práticas. Em uma colina, Ele discute o tema da ansiedade. Ao colher um lírio, Ele percebe sua beleza e dá a lição de que se Deus vestiu “a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros [...]” (Mt 6:30). O uso que fez da moeda em Sua discussão sobre o pagamento de impostos certamente tornou Suas palavras mais eficazes (Mt 22:15-22).

Ao comentar os métodos de ensino de Cristo, Ellen White escreveu: “em parábolas e comparações Ele encontrou o melhor método para comunicar verdades divinas. Em linguagem simples, usando figuras e ilustrações tiradas do mundo natural, Ele descerrava a verdade espiritual a Seus ouvintes e expunha preciosos princípios que se teriam apagado da memória deles sem quase deixar vestígio, se Ele não houvesse relacionado Suas palavras com emocionantes cenas da vida, experiência ou natureza. Despertava assim o interesse deles, suscitava perguntas e, quando havia atraído completamente a sua atenção, neles inculcava decididamente o testemunho da verdade. Conseguia deste modo causar tal impressão sobre o coração que, mais tarde, ao olharem Seus ouvintes para aquilo com que Ele relacionara Seu ensino, podiam recordar as palavras do divino Mestre.”⁷⁵

Outro método de ensino de Jesus foi o uso de perguntas que estimulava o pensamento. Nos Evangelhos, estão 213 perguntas utilizadas por Cristo para aplicar verdades espirituais, obter respostas de compromisso e lidar com os Seus detratores. A respeito do último ponto, professores, às vezes, têm alunos que gostam de desafiá-los. Jesus respondeu às perguntas de Seus perseguidores com outras perguntas. Usando essa estratégia, Ele podia provocá-los a responder suas próprias questões. Seu sucesso no uso disciplinado de perguntas pode ser visto a partir do fato de que os Evangelhos registram, ao final de uma série de questões preparadas para enredá-Lo, que “já ninguém mais ousava interrogá-lo” (Mc 12:34).

No que diz respeito ao uso de perguntas como um dispositivo de aprendizagem, John A. Marquis escreveu que “ensino não é fala, porque grande parte da nossa fala não provoca resposta mental alguma. Portanto, nosso Senhor tinha o hábito de lançar uma questão de vez em quando que quebrava a serenidade de Sua classe e os fazia sentar e pensar”.⁷⁶ O objetivo do professor cristão não é controlar mentes, mas desenvolvê-las.

A metodologia pedagógica de Jesus utilizava tanto a teoria quanto a prática. Por exemplo, Ele alternava períodos de instrução devotados aos discípulos com ocasiões nas quais os enviava para aplicar o que haviam aprendido (Mt 10:5-15; Lc 10:1-20). Isso, sem dúvida, os ajudava a perceber a necessidade de instrução adicional, fixava as lições bem-sucedidas em suas mentes e os impedia de separar a teoria da prática. O lado prático da educação é o mais efetivo dispositivo do ensino-aprendizagem. Jesus estava mais interessado em passar conhecimento que ajudaria os homens e mulheres em sua vida diária, do que em apresentar conhecimento como uma abstração. No processo, Ele unia o conhecimento teórico tanto à vida diária e às realidades eternas do reino de Deus quanto ao grande conflito entre o bem e o mal.

Muito mais pode ser dito sobre os métodos de Jesus, mas isso exige um estudo posterior. Assim, vamos encerrar com três citações inspiradas de Ellen White. Primeira: “Cristo servia-Se sempre de linguagem simples” mesmo assim, Suas palavras tinham profundo significado e falavam ao coração.⁷⁷ Segunda: “Em Seu ensino, descia” ao nível de Seus alunos.⁷⁸ E, terceira: “Jesus não recusava repetir antigas verdades familiares,” mesmo assim “[as] separou do erro” e “ordenou que permanecessem firmes”.⁷⁹

Essa última afirmação é a função informativa, integrativa e interpretativa da metodologia de ensino de Cristo; uma função que, conforme observamos no estudo do currículo cristão, deve estar no centro de toda educação adventista.

A FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA

Antes de nos aprofundarmos nas especificidades da função social da educação adventista, precisamos considerar a função da transmissão cultural da educação. Nós encontramos essa função na Bíblia. Abraão foi escolhido porque Deus viu que ele seria fiel em ensinar sua família e descendentes (Gênesis 18:19). Deus, através de Moisés, deu aos israelitas um sistema educacional que abrangeria cada fase de sua vida, e as palavras de despedida de Jesus foram: “fazei discípulos de todas as nações, ensinando-os [...]” (Mateus 28:19, 20, RA).

O papel estratégico da educação

A educação ocupa uma posição estratégica em qualquer sociedade, porque todos os jovens devem passar por algum tipo de experiência

educacional a fim de se prepararem para ocupar as posições de responsabilidade na sociedade. O futuro de qualquer sociedade será moldado por sua juventude atual. E a direção que eles darão a essa sociedade será em grande medida determinada por sua educação. Assim, o controle das instituições de ensino e o conteúdo a ser ensinado nessas instituições têm sido um permanente tema social.

George S. Counts observou que “moldar a política educacional é guardar o caminho que leva do presente para o futuro [...]. Através dos séculos, desde que as agências educativas especiais foram estabelecidas, a posição estratégica da escola tem sido apreciada por reis, imperadores e papas, por rebeldes, reformadores e profetas. Assim, entre aquelas forças opostas encontradas em todas as sociedades complexas, uma luta pelo controle da escola é sempre evidente. Cada grupo ou seita se esforça para transmitir a seus filhos e aos filhos dos outros aquela cultura que particularmente estimam; e cada classe privilegiada busca perpetuar a sua favorável posição na sociedade através da educação”.⁸⁰

Da mesma forma, observou Counts, o fracasso das revoluções tem sido um registro de sua incapacidade de levar a educação ao serviço da causa revolucionária. Grupos revolucionários não possuirão maior permanência do que os pequenos bandos de idealistas que os conceberam se as crianças da geração seguinte não forem persuadidas a abraçar os valores da revolução. Portanto, a história, tanto dos soviéticos quanto dos Socialistas Nacionais, tem demonstrado que uma das primeiras medidas tomadas pelos governos revolucionários é colocar todas as agências educacionais sob o controle direto do Estado e dar às escolas uma parte central na construção de uma nova sociedade.⁸¹

Uma lógica similar, naturalmente, estimulou a formação do sistema americano e de outros sistemas educacionais democráticos. O início do interesse adventista na educação em todas as suas formas também está relacionado a essa lógica. Ellen White seguiu essa linha de pensamento quando escreveu que “com tal exército de obreiros como o que poderia fornecer a nossa juventude devidamente preparada, [...] quão depressa a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a vir poderia ser levada ao mundo todo! Quão depressa poderia vir o fim – o fim do sofrimento, tristeza e pecado! Quão depressa, em lugar desta possessão aqui, com sua

mancha de pecado e dor, poderiam nossos filhos receber a sua herança onde ‘os justos herdarão a Terra e habitarão nela para sempre’”.⁸²

Funções revolucionárias e conservadoras da Educação Adventista

O ideal de Deus para a educação adventista se manifesta tanto na função social conservadora quanto na revolucionária. Deve ser conservadora ao transmitir as verdades imutáveis da Bíblia através do tempo, mas assumir o papel revolucionário ao desempenhar a função de agente de mudanças a serviço de um Deus justo em um mundo de pecado.

A segunda função visa a mudar o *status quo* individual, através da conversão dos seres humanos de seu antigo modo de vida para uma vida cristã. *Transformação, conversão, morte e renascimento* são algumas das palavras que a Bíblia aplica à dinâmica do cristianismo quando transforma a vida de indivíduos, levando-os de uma orientação de vida centrada em si mesmo, para um serviço centrado em Deus, tanto para Ele quanto para outras pessoas.

Mas a transformação de indivíduos é apenas um aspecto da função revolucionária da igreja. Ela deve ser também um agente para mudanças mais amplas nas recorrentes lutas pela justiça social em um mundo de pecado. Essa é uma parte do ideal de Deus, não somente para alimentar o pobre (Mt 25:31-46), mas também para ajudar a fazer desta Terra um lugar melhor para se viver através de uma reforma social.

Contudo, o papel revolucionário não deve parar nesse ponto. De acordo com a Bíblia, a reforma social com todos os seus benefícios é insuficiente para endireitar um mundo distorcido e impulsionado pelas forças do pecado e da ganância humana. Conforme descrito na Bíblia, a única solução real para o problema do pecado é a Segunda Vinda de Cristo. Enquanto os Evangelhos estabelecem essa verdade (ver Mt 24), ela se torna especialmente evidente no livro do Apocalipse. Esse livro, em particular, mostra a solução divina para os problemas da Terra. Assim, o ápice da função revolucionária da igreja não é meramente transformar as pessoas de um egoísmo pecaminoso para uma vida de serviço ou organizá-las para se tornarem agentes de uma reforma terrena. O auge da função revolucionária da igreja é pregar a mensagem que auxilia a preparar o mundo para o fim da história e o estabelecimento de uma Nova Terra

construída sobre os princípios de Deus. De acordo com a Bíblia, essa Nova Terra não surgirá através de um esforço humano, mas como resultado da interferência de Deus na história humana através da Segunda Vinda de Cristo. Esse evento será o Evento dos eventos na história do mundo. Será a revolução máxima.

Desde o início, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem se colocado como um agente de Deus nessa revolução extrema. Especificamente, ela considera seu chamado para proclamar a tríplice mensagem angélica que se encontra no centro do livro do Apocalipse (Ap 14:6-12) – mensagem que Deus ordenou que fosse pregada imediatamente antes da Segunda Vinda (versos 14-20). Essa é uma mensagem mundial que chama as pessoas de volta à fidelidade a Deus, mesmo que as sociedades humanas estejam caminhando para seu fim. Essa é uma mensagem do Cristo que volta e que não somente alimentará o pobre, mas abolirá a fome; que não simplesmente confortará o sofrido, mas erradicará a morte (Ap 21:1-4). A Igreja Adventista foi chamada para pregar a um mundo perdido a mais importante Esperança que, por comparação, empalidece todas as demais esperanças. O propósito central do adventismo é pregar essa inusitada Esperança. E a razão primária para o estabelecimento das escolas adventistas é preparar pessoas para esse evento e para a tarefa de espalhar as boas-novas da volta do Salvador.

Dentro desse contexto apocalíptico revolucionário, a função conservadora da educação adventista é dupla: (1) transmitir o legado da verdade bíblica e (2) prover uma atmosfera protetora na qual essa transmissão possa acontecer e onde os valores cristãos possam ser compartilhados aos jovens em seus anos de formação, tanto através do currículo formal quanto dos aspectos informais do programa educacional, tais como grupos de colegas e atividades extracurriculares.

A igreja cristã e seus adeptos têm o papel único de estar no mundo, sem ser do mundo (Jo 17:14-18). Como se relacionar com essa aparente posição contraditória tem permanecido um desafio à igreja desde os tempos de Cristo.

A vertente separatista desse paradoxo tem levado a igreja a estabelecer atmosferas protetoras para sua juventude durante seus anos de formação, tais como escolas de religião e grupos de jovens. Tais iniciativas agem como refúgios onde os jovens que vêm de famílias adventistas podem desenvolver habilidades, atitudes e conhecimento, sem serem

esmagados pela visão de mundo nem pelos costumes culturais da sociedade. A atmosfera em que essas atividades ocorrem é projetada para ser propícia à transmissão da cultura adventista para a geração mais jovem. Pais e membros da igreja estão dispostos a apoiar financeiramente esse tipo de educação porque reconhecem que ela difere filosoficamente do ambiente cultural da sociedade mais ampla. Eles creem que a visão de mundo adventista é a correta em termos de metafísica, epistemologia e axiologia.

Contemplada de tal ponto de vista, a função básica da escola adventista não é ser uma agência evangelística que converte descrentes (muito embora esse possa ser um efeito), mas ajudar os jovens de lares adventistas a encontrar Jesus e entregar a vida a Ele. Está implícita nessa função a compreensão de que se a maioria dos grupos de colegas, estudantes em uma escola denominacional, não defende os valores adventistas, então a missão espiritual da escola provavelmente não será alcançada. A função conservadora da educação adventista, portanto, fornece uma atmosfera de proteção para o desenvolvimento da juventude da igreja; um ambiente em que os valores, habilidades e aspectos do conhecimento podem ser ensinados a partir de uma perspectiva filosófica adventista.

Além da função conservadora da educação adventista está seu papel revolucionário. No início da era cristã, a grande comissão evangélica de Cristo enviou Seus discípulos a todo o mundo para fazer discípulos de todas as nações e ensinar às pessoas tudo o que Ele havia ordenado (Mt 28:19, 20). No final da era cristã, Cristo mandou que as boas-novas de salvação, o segundo advento e o julgamento vindouro também fossem pregados “a cada nação, e tribo, e língua, e povo” (Ap 14:6). Enquanto a comissão de Mateus 28 tem sido proclamada pelo cristianismo em geral, a igreja tem negligenciado o imperativo de Apocalipse 14. Esta é a última comissão que constitui a base para a existência da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Desde seu início, a igreja tem acreditado possuir uma comissão peculiar para pregar as três mensagens angélicas de Apocalipse 14: 6-12 a toda Terra antes do segundo advento (v. 14-20). A mensagem adventista é um chamado à fidelidade a Deus enquanto a história da Terra caminha em direção a seus dias finais. O imperativo evangelístico de Apocalipse 14 tem literalmente impulsionado o adventismo para todas as partes da Terra.

As igrejas cristãs (incluindo a Adventista do Sétimo Dia) foram demasiadas vezes baluartes conservadores da sociedade, quando deveriam funcionar como agentes de mudanças. A vida de Jesus, como retratada na Bíblia, pode ser mais bem-vista como modelo de mudanças do que de conservadorismo. Ele foi o Reformador dos reformadores, e chamou um povo para se tornar agente de mudança em Sua atuante missão.

As funções conservadoras de uma escola cristã são importantes porque desempenham um papel nas tarefas revolucionárias da igreja, que é o de preparar seus jovens para se tornar trabalhadores evangelísticos. Isso não significa, precisamos deixar bem claro, que todos os estudantes serão educados para trabalhar na igreja. Cada um, no entanto, será treinado para ser uma testemunha do amor de Deus em um mundo pecador, a despeito dos seus objetivos profissionais.

Assim, a escola adventista pode ser vista como uma plataforma para o ativismo cristão e a obra missionária. Ela fornece, idealmente, não apenas o conhecimento necessário ao imperativo evangelístico da igreja, mas também atividades práticas orientadas na comunidade mais ampla. Essas atividades farão com que os estudantes desenvolvam habilidades necessárias para levar às pessoas a mensagem de Jesus e desempenhar seu papel individual no contexto da igreja de Deus na Terra. Edward Sutherland escreveu que nos planos de Deus “a escola cristã deve ser o berçário no qual os reformadores são nascidos e criados: reformadores que deixarão a escola ardendo em zelo e entusiasmo prático para assumir seu lugar como líderes nessas reformas”.⁸³

Resumindo, a função social da escola adventista é composta tanto pelo aspecto conservador quanto revolucionário. A mistura desses dois papéis capacita o aluno em crescimento a estar no mundo, mas não ser do mundo. Em essência, a função da escola adventista é educar os jovens da igreja para o serviço a Deus e seus semelhantes, e não simplesmente treiná-los para o serviço próprio através da aquisição de um “bom trabalho” e de um salário confortável. Esses resultados, é claro, podem ser subprodutos da educação adventista, mas eles não são centrais para o seu propósito.

Serviço aos outros era a excelência da vida de Cristo e é, portanto, o ideal máximo da educação adventista. Em harmonia com a Bíblia, a educação adventista desenvolverá cristãos que possam se relacionar bem com as pessoas neste mundo. Mas, ainda mais importante é que as

escolas adventistas eduquem os alunos para a cidadania no reino dos céus.

PERSPECTIVA FINAL

“A educação que não fornecer conhecimento duradouro como a eternidade, não tem propósito.”⁸⁴ Essa declaração franca não foi feita por um ultrapassado fanático religioso, mas por uma pessoa que no mesmo parágrafo, escreve que “é correto você sentir que deve escalar até o mais alto degrau da escada educacional. Filosofia e história são estudos importantes; mas o sacrifício de tempo e dinheiro não terá valor algum se você não usar suas conquistas para a honra de Deus e o bem da humanidade. Se o conhecimento da ciência não servir de um trampolim para a realização dos mais elevados propósitos, ele será inútil [...]. Se você não mantiver o Céu e a futura vida imortal à sua frente, suas realizações não terão valor permanente. Mas se Jesus for seu professor, não simplesmente num dia da semana, mas em todos os dias, todas as horas, você poderá ter o sorriso dEle sobre você na busca pela aquisição literária”.⁸⁵ Para Ellen White, o valor da educação estava relacionado à perspectiva. Uma ampla educação literária seria de grande valor se mantivesse as realidades eternas, metas e valores bem à sua frente.

Essa perspectiva nos leva a mais importante pergunta em relação à educação adventista que deveria ser feita por pais, conselhos escolares, profissionais da educação adventista e a igreja, em geral: Por que ter escolas adventistas? Por que deveria a igreja gastar centenas de milhões de dólares cada ano para apoiar milhares de escolas ao redor do mundo quando a educação pública gratuita está frequentemente disponível? Como pode a denominação justificar tais despesas à luz das outras necessidades urgentes da igreja e do mundo ao qual serve? A resposta a tais perguntas obviamente tem uma conexão com o propósito da educação adventista. Se as escolas adventistas cumprirem satisfatoriamente um distintivo e importante propósito, a realização desse propósito compensará a despesa.

Essa resposta nos leva às fronteiras dos motivos pelos quais deveria haver escolas cristãs (mais do que especificamente adventistas) em geral. Temos observado ao longo do estudo deste tema que a educação cristã é a única educação que pode suprir as mais profundas necessidades das pessoas porque somente educadores cristãos entendem o âmago do problema humano. O alvo

De acordo com a Bíblia, a reforma social com todos os seus benefícios é insuficiente para endireitar um mundo distorcido e impulsionado pelas forças do pecado e da ganância humana.

redentor da educação cristã é o que a torna cristã. A função básica da educação cristã é levar os jovens a um relacionamento com Jesus Cristo, que produz transformação e salvação. É no contexto dessa relação que tais funções secundárias como desempenho acadêmico, desenvolvimento do caráter, formação de uma mente cristã, educação para uma responsabilidade social e o mundo do trabalho devem necessariamente ser consideradas. Mas é crucial perceber que todos, menos um dos objetivos secundários da educação, podem ser alcançados em uma escola não cristã. Assim, quando os educadores cristãos visam apenas aos objetivos que se inserem no âmbito de toda educação, eles falham, mesmo antes de começar. Conseqüentemente, *quando educadores cristãos negligenciam enfatizar o papel redentor de suas escolas, eles as tornam tão insignificantes quanto desnecessárias.*

Mas o que dizer particularmente das escolas cristãs adventistas? O que justifica sua existência, se todas as escolas cristãs idealmente visam à função redentora da educação? A resposta a essas questões nos leva ao centro da razão por que a Igreja Adventista do Sétimo Dia existe como uma denominação cristã separada.

Muito frequentemente, vemos o adventismo simplesmente como outra denominação com algumas poucas diferenças doutrinárias e alguns hábitos contraculturais no que diz respeito ao regime alimentar. Mas o centro da identidade adventista desde seus primórdios tem sido a sua convicção de que ela é um movimento profético, uma igreja com uma mensagem especial a ser proclamada a todo o mundo, conforme estabelecido na essência do Apocalipse de João.⁸⁶ Existem fortes razões bíblicas para essa compreensão. Apocalipse 12:17 enfatiza o fato de que no final dos tempos, Deus terá um povo que guardará os Seus mandamentos e que a guarda de Seus mandamentos eventualmente estimulará a reação do poder do dragão dos últimos dias. “Irou-se o dragão”, João escreveu, “contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus [...]”. Apocalipse 13 e 14 abordam esse tema. O capítulo 13 explora a dinâmica do poder do dragão dos últimos dias, o capítulo 14 apresenta a mensagem sobre a mulher dos últimos dias (a igreja), atingindo o clímax com a segunda vinda de Cristo. Nesse contexto, as três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12 ressaltam o evangelho eterno que deve ser pregado a todo o mundo; enfatizam a hora

do julgamento enquanto a história prossegue em direção a sua conclusão; relatam um chamado à adoração ao Deus Criador, em contraste com a honra à besta; e apresentam uma declaração sobre a queda da Babilônia opressora, que tem confundido a humanidade por substituir a Palavra de Deus por palavras humanas. O terceiro anjo chega ao auge de sua mensagem no verso 12, que diz: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.”

Os adventistas do sétimo dia identificaram desde seu surgimento que o mandamento do sábado é enfatizado em Apocalipse 12-14. No fim dos tempos, é revelado em Apocalipse 14, que todo o mundo prestará adoração: ou ao Deus Criador do sábado que fez o céu e a terra e o mar (14:7; Êx 20:8-11; Gn 2:1-3) ou à besta (Ap 14:9). Os adventistas logo identificaram que imediatamente após a mensagem dos três anjos, Cristo virá ceifar a terra (v. 14-20).

Enquanto a comunidade cristã em geral ignora plenamente essas mensagens em seu contexto escatológico, a Igreja Adventista do Sétimo Dia encontrou nelas sua motivação e propósito como uma denominação distinta. É esse propósito que tem literalmente impulsionado o adventismo até os confins da Terra, e ele tem se tornado o corpo protestante mais difundido e unificado na história do cristianismo. Os adventistas estão dispostos a sacrificar sua vida e dinheiro para atingir essa meta. Nesse processo, desenvolveram um sistema organizacional para a igreja a fim de liderar esse esforço, composto, por exemplo, pelo sistema educacional, o ministério de publicações para esclarecer e convencer seus membros e prepará-los para ir pessoalmente a todo o mundo ou patrocinar outros a cumprir a exclusiva missão da denominação. Não foi por um acaso que a Igreja Adventista enviou seus primeiros missionários ao exterior e abriu sua primeira escola denominacionalmente patrocinada no mesmo ano (1874). Também não foi por coincidência que todo grande reavivamento na educação adventista tenha sido estimulado a partir de um reavivamento em sua missão apocalíptica.⁸⁷

Não temos o direito de nos intimidar em relação a essa missão. Essa é a única razão válida para a existência da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A possibilidade de perder sua visão apocalíptica e o lugar do adventismo na história profética é a maior ameaça que a denominação e seu sistema educacional enfrentam.⁸⁸

CONCLUSÃO

Essa ameaça me conduz à próxima questão. *Um ministério educacional adventista que tenha perdido sua sustentação na visão apocalíptica já fracassou, não apenas parcialmente, mas totalmente.*

Deixe-me ilustrar a complexidade do problema. Há algum tempo, recebi um telefonema de um diretor de um colégio que se impressionou com uma palestra que proferi na convenção educacional da Divisão Norte-Americana sobre “A Visão Apocalíptica e a Educação Adventista”.⁸⁹ Como resultado, ele determinou a contratação de professores que realmente entendessem a singularidade do adventismo e sua missão no mundo. Com esse compromisso em mente, ele foi até a faculdade adventista local e entrevistou todos os formandos da área de Educação. Sua pergunta a cada um deles foi a mesma: Qual a diferença entre a educação adventista e a educação evangélica cristã? Nenhum estudante conseguiu responder a essa questão. Ele concluiu, que de alguma forma aquele colégio havia falhado em transmitir a identidade peculiar e missão do adventismo, muito embora a instituição tivesse sido estabelecida para formar profissionais da educação.

Esse pensamento me levou à essência da seguinte questão: *a educação adventista só é importante se for verdadeiramente adventista.* A escola que perdeu de vista sua razão de ser, que se esqueceu de sua mensagem e missão, eventualmente perderá seu apoio. E deveria. Para ser absolutamente franco, **uma escola adventista que não é Cristã e Adventista é uma instituição desnecessária.** Todas as suas funções podem ser realizadas pelas escolas do setor evangélico e a maioria delas pelo setor público.

O pastor Shane Anderson está correto em seu artigo “*How to Kill Adventist Education*” ao afirmar que “cada vez mais, os pais adventistas não estão dispostos a pagar o preço para enviar seus filhos” a instituições que perderam seu propósito. “*Afinal*”, escreveu ele, “*por que pagar milhares de dólares para enviar seu filho a uma escola que já não é substancialmente diferente da média das escolas cristãs ou da escola pública local perto de casa?*”⁹⁰

Com essa visão, nos voltamos à importância do estudo da filosofia da educação, e da lei de Knight e seus dois corolários. Simplificando, a lei de Knight diz que “é impossível chegar ao destino a menos que você saiba para onde está indo”. Corolário Número 1: “Uma escola que

não chega nem perto de atingir seus objetivos acabará perdendo seu apoio.” Corolário Número 2: “Só pensamos quando dói.” O propósito do estudo da filosofia educacional adventista é fazer com que aqueles que ensinam e administram escolas adventistas pensem antes que doa. É também torná-los proativos para desenvolver escolas que sejam educativas no mais completo sentido, enquanto ao mesmo tempo sejam cristãs autoconscientes e adventistas.

PONTOS PARA REFLEXÃO

- Discuta por que a Bíblia é tão importante na educação cristã.
- De que forma a pergunta de Herbert Spencer (Qual conhecimento tem maior valor?) nos ajuda a entender o currículo cristão?
- O que queremos dizer quando afirmamos que a Bíblia é o fundamento e contexto de uma abordagem cristã ao currículo?
- Por que uma metodologia de ensino cristão não será única, exclusiva?
- Quais são as principais lições metodológicas que podemos aprender do ministério de ensino de Jesus?
- Como é que a escola cristã pode ter tanto a função social conservadora quanto a revolucionária? Uma função é mais importante do que outra? Por quê?
- Discuta as implicações quando afirmamos que as escolas denominacionais devem ser tanto cristãs quanto adventistas.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. ELDRIDGE, Daryl. “Curriculum”. In: Michael J. Anthony (ed.). *Evangelical dictionary of christian education*. Grand Rapids, Mich.: Baker, 2001. p. 188.
2. STEELE, Les L. *On the way: a practical theology of christian education*. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1990. p. 186.
3. SPENCER, Herbert. *Education: intellectual, moral and physical*. New York: D. Appleton, 1909. p. 1-87. Ver especialmente as páginas 10 e 11.
4. *Ibid.*, p. 13, 14.
5. *Ibid.*, p. 84-86, 63.
6. DOREN, Mark van. *Liberal education*. Boston: Beacon Press, 1959. p. 108.
7. WHITEHEAD, Alfred North. *The aims of education and other essays*. New York: Free Press, 1967. p. 7.
8. SNOW, C. P. *As duas culturas e uma segunda leitura*. São Paulo: Edusp, 1995.
9. GAEBELEIN, Frank E. “Toward a Philosophy of Christian Education”. In: J. Edward Hakes (ed.). *An introduction to evangelical christian education*. Chicago: Moody, 1964. p. 41.

10. HOLMES, Arthur F. *All truth is god's truth*. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1977.
11. NEWMAN, John Henry. *The idea of a university*. Notre Dame, Ind.: University of Notre Dame Press, 1982. p. 19. Sobre a falsa dicotomia entre o sacro e o secular, ver: KNIGHT, George R. *Myths in adventism: an interpretive study of Ellen White, education, and related Issues*. Hagerstown, Md.: Review and Herald Publ. Assn., 2010. p. 127-138.
12. BLAMIRE, Harry. *The christian mind*. London, S.P.C.K., 1963. Ver também: HOLMES, *All Truth Is God's Truth*, op cit., p. 125.
13. HOLMES, Arthur F. *The idea of a christian college*. rev. ed. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1987. p. 18. Itálico acrescentado.
14. TRUEBLOOD, David Elton. "The Marks of a Christian College". In: John Paul von Gruening (ed.). *Toward a christian philosophy of higher education*. Philadelphia: Westminster, 1957. p. 163.
15. GAEBELEIN, Frank E. "Toward a Philosophy of Christian Education", op cit., p. 37.
16. WHITE, Ellen G. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 126. [CD-ROM]. Ver também: WHITE, Ellen G. *Conselhos aos pais, professores e estudantes*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 442. [CD-ROM]
17. _____, *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 125. [CD-ROM]
18. *Ibid.*, p. 190.
19. GAEBELEIN, Frank E. *The pattern of God's Truth: problems of integration in christian education*. Chicago: Moody, 1968. p. 7.
20. *Ibid.*, p. 23.
21. DUSEN, Henry P. Van. *God in education*. New York: Charles Scribner's Sons, 1951. p. 82.
22. KNIGHT, George R. *Filosofia e educação: uma introdução da perspectiva cristã*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres – Centro Universitário Adventista de São Paulo, 2007. p. 227. Reproduzido com permissão.
23. *Ibid.* Reproduzido com permissão.
24. *Ibid.*, p. 228. Reproduzido com permissão.
25. EDLIN, Richard J. *The cause of christian education*. Northport, Ala.: Vision Press, 1994. p. 63-66.
26. Ver: POE, Harry Lee. *Christianity in the academy: teaching at the intersection of faith and learning*. Grand Rapids, Mich.: Baker, 2004. p. 22, 23.
27. *Ibid.*
28. *Ibid.*, p. 22.
29. Citado em: NAUGLE, David K. *Worldview: the history of a concept*. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 2002. p. xvii.
30. *Ibid.*
31. Para uma abordagem mais completa do tópico sobre Literatura no currículo adventista, ver: KNIGHT, *Myths in Adventism*, op cit., p. 153-174. Ver também: _____, *Filosofia e educação: uma introdução da perspectiva cristã*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres – Centro Universitário Adventista de São Paulo, 2007. p. 229-233.
32. STEINBECK, John. *East of eden*. New York: Bantam, 1955. p. 355.
33. Indicação de uma obra com enfoque cristão: SIRE, James W. *How to read slowly: a christian guide to reading with the mind*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1978.
34. ELIOT, T. S. "Religion and Literature". In: Leland Ryken (ed.). *The christian imagination*. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1981. p. 148-150.
35. WHITE, Ellen G. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 125, 190. [CD-ROM]
36. KNIGHT, George R. *Filosofia e educação: uma introdução da perspectiva cristã*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres – Centro Universitário Adventista de São Paulo, 2007. p. 232. Reproduzido com permissão.
37. GRABILL, Virginia Lowell. "English Literature". In: Robert W. Smith (ed.). *Christ and the modern mind*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1972. p. 21.
38. Citado em: GAEBELEIN, Frank E. *The christian, the arts and truth: regaining the vision of greatness*. Portland, Ore.: Multnomah Press, 1985. p. 91, 92.
39. Macroevolução é definida como "mudança de larga escala em organismos que resultam em novas espécies, gêneros, famílias etc" (<http://carm.org/evolution-terminology>), que ocorreria ao longo de grandes períodos de tempo.
40. GAEBELEIN, "Toward a Philosophy of Christian Education", op cit., p. 47, 48.
41. Para ler a discussão de Gaebelin sobre a integração do cristianismo e a matemática, ver *The Pattern of God's Truth*, op cit., pag. 57-64.
42. Para um dos tratados mais completos sobre aspectos práticos da integração das ciências, matemática e outros campos com o cristianismo, ver: HEIE, Harold; WOLFE, David L. *The reality of christian learning: strategies for faith-discipline integration*. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1987.
43. Salvo indicação contrária, todos os textos da Bíblia neste artigo estão na versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida.
44. WHITE, Ellen G. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 13. [CD-ROM]. Ver os seguintes livros da mesma autora: *Parábolas de Jesus* (p. 330) e *Fundamentos da Educação Cristã* (p. 15, 42).
45. WHITE, Ellen G. *Fundamentos da educação cristã*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p. 71; cf. p. 21. [CD-ROM]
46. *Ibid.*, p. 36.
47. HOLMES, Arthur F. *Shaping character: moral education in the christian college*. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1991. p. vii.
48. NASH, Ronald H. *The closing of the american heart: what's really wrong with america's schools*. Dallas: Probe Books, 1990. p. 29, 30.
49. PAZMIÑO, Robert W. *Foundational issues in christian education: an introduction in evangelical perspective*. 2d ed. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1997. p. 99.
50. *Ibid.*, p. 101.
51. WHITE, Ellen G. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p. 17. [CD-ROM]
52. *Ibid.*, p. 288.
53. *Ibid.*, p. 287.
54. FROMM, Erich. *The art of loving*. New York: Harper and Brothers, 1956. p. 44.
55. DEWEY, John. *Democracy and education*. New York: Free Press, 1966. p. 129.
56. WHITE, Ellen G. *Conselhos aos pais, professores e estudantes*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p. 222. [CD-ROM]
57. WHITE, Ellen G. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p. 289. [CD-ROM]
58. COMBS, Arthur W. *Myths in education: beliefs that hinder progress and their alternatives*. Boston: Allyn and Bacon, 1979. p. 139, 140.
59. WHITE, Ellen G. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p. 292. [CD-ROM]
60. *Ibid.*, p. 287-297.
61. *Ibid.*, p. 289-291.
62. *Ibid.*, p. 291.
63. *Ibid.*, p. 294.
64. ROY, Jim. *Soul shapers: a better plan for parents and educators*. Hagerstown, Md.: Review and Herald Publ. Assn., 2005.
65. KNIGHT, George R. *Filosofia e educação: uma introdução da perspectiva cristã*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres – Centro Universitário Adventista de São Paulo, 2007. p. 247. Reproduzido com permissão.
66. JONG, A. S. De. "The Discipline of the Christian School". In: Cornelius Jaarsma (ed.) *Fundamentals in christian education*. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1953. p. 397.
67. DUDLEY, Roger. *Why teenagers reject religion and*

what to do about it. Washington, D.C.: Review and Herald Publ. Assn., 1978. p. 89.

68. BRUMMELEN, Harro Van. *Walking with god in the classroom*. Burlington, Ontario: Welch Publishing, 1988. p. 34.

69. WOLTERSTORFF, Nicholas. *Educating for responsible action*. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1980, p. 15, 14.

70. OPPEWAL, Donald. *Biblical knowing and teaching*. Grand Rapids, Mich.: Calvin College, 1985. p. 13-17.

71. WHITE, Ellen G. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p.83. [CD-ROM]

72. Ver, por exemplo: WHITE, Ellen G. *Conselhos aos pais, professores e estudantes*. p. 259-263. Ver também os seguintes livros da autora *Fundamentos da educação cristã* (p. 47-49; p. 236-241) e *Educação* (p. 73-83).

73. ZUCK, Roy B. *Teaching as Jesus taught*. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1995. p. 158. Ver também o livro *Zuck's Teaching as Paul Taught* (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1998).

74. PRICE, J. M. *Jesus the teacher*. Nashville: The Sunday School Board of the Southern Baptist Convention, 1946. p. 101.

75. WHITE, Ellen G. *Fundamentos da educação cristã*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p. 236. [CD-ROM]

76. MARQUIS, John A. *Learning to teach from the master teacher*. Philadelphia: Westminster, 1916. p. 29.

77. WHITE, Ellen G. *Conselhos aos pais, professores e estudantes*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p. 261. [CD-ROM]

78. *Ibid.*, p. 180.

79. WHITE, Ellen G. *Fundamentos da educação cristã*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p. 237. [CD-ROM]

80. CHAPMAN, J. Crosby; COUNTS, George S. *Principles of education*. Boston: Houghton Mifflin, 1924. p. 601, 602.

81. COUNTS, George S. *The soviet challenge to America*. New York: John Day, 1931. p. 66, 67.

82. WHITE, Ellen G. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p. 271. [CD-ROM]

83. SUTHERLAND, E. A. *Studies in christian education*. Leominster, Mass.: The Eusey Press, n. d. p. 72.

84. WHITE, Ellen G. *Fundamentos da educação cristã*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p. 192. [CD-ROM]

85. *Ibid.*

86. KNIGHT, George R. *Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005. Ver também: *A visão apocalíptica e a neutralização do adventismo: estamos apagando nossa relevância?* Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

87. KNIGHT, George R. "The dynamics of educational expansion: a lesson from adventist history". In: *The Journal of Adventist Education*, 52:4, abr./mai. 1990. p.13-19, 44, 45.

88. Ver: Knight, *A visão apocalíptica*, para uma análise aprofundada acerca dessa ameaça.

89. KNIGHT, George R. "Adventist education and the apocalyptic vision" (Parte I e II). In: *The Journal of Adventist Education*, 69:4, abr./ mai. 2007. p. 4-10; 69:5 (2007), p. 4-9.

90. ANDERSON, Shane. *How to kill adventist education (and how to give it a fighting chance!)*. Hagerstown, Md.: Review and Herald Publ. Assn., 2009. p. 22, 56; cf. p. 30.

DIÁLOGO

U N I V E R S I T Á R I O

E s p a n h o l • F r a n c ê s • I n g l ê s • P o r t u g u ê s

Algumas coisas nunca mudam – assim como a missão e o foco da *Diálogo*. Mas outras coisas são transformadas e ampliadas – é o que acontece com os novos caminhos para você ter acesso à revista. Além da versão impressa, *Diálogo* está disponível online, no seguinte endereço: dialogue.adventist.org. No site da *Diálogo*, você terá a oportunidade de **ler todos os artigos, desde a primeira edição até a mais recente**. Além disso, você poderá ler os artigos em qualquer um dos quatro idiomas em que a *Diálogo* é publicada. Espalhe essa boa notícia para seus amigos e colegas para que todos tenham acesso à *Diálogo*. Queremos que a *Diálogo* esteja disponível a todas as pessoas em todos os lugares!

dialogue.adventist.org